



MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

Davide Alexandre Rodrigues Vicente

MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

O mais importante registo histórico da vitivinicultura em Portugal

Relatório de estágio, na área de especialização em Gestão e Programação do Património Cultural, orientado pelo Doutor João Paulo Avelãs Nunes e coorientado pelo Mestre Alberto Jorge Damas Guerreiro, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2014

• U • C •



Universidade de Coimbra

Faculdade de Letras

MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA
O mais importante registo histórico da vitivinicultura em
Portugal

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA O MAIS IMPORTANTE REGISTO HISTÓRICO DA VITIVINICULTURA EM PORTUGAL
Autor	Davide Alexandre Rodrigues Vicente
Orientador	Doutor João Paulo Avelãs Nunes
Coorientador	Mestre Alberto Jorge Damas Guerreiro
Júri	Presidente: Doutor José Carlos Costa dos Santos Camponez Vogais: 1. Doutor Álvaro Francisco Rodrigues Garrido 2. Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes
Identificação do Curso	2º Ciclo em Gestão e Programação do Património Cultural
Área científica	Gestão e Programação do Património Cultural
Data da defesa	8-10-2014
Classificação	17 valores



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Resumo

O Museu do Vinho de Alcobaça representa o mais importante e completo testemunho da actividade vitivinícola nacional, ao longo de vários séculos, sobressaindo como um enorme património cultural tangível, móvel e imóvel, constituído pelos edifícios e respectivo conteúdo, e valorizando-se como um importante legado, de uma cultura que nos acompanha, com uma grande expressão, até à actualidade.

O presente trabalho propõe-se ao conhecimento da história da vitivinicultura em Alcobaça, enquanto contexto de origem do Museu. Neste espaço, encontramos uma importante mostra desta zona vitivinícola e, apesar do seu enfoque ser nacional, este Museu possui uma forte inserção no território traduzida num contexto local muito identificado com a história do edifício que alberga o museu, assim como do diverso e vasto património preservado.

Esta dissertação revela, ainda, uma análise comparativa com outros espaços museológicos e apresenta, por fim, uma proposta de gestão e programação para este espaço.

Palavras-Chave: Vinho, Museu do Vinho de Alcobaça, património cultural, gestão cultural, vitivinicultura, vinicultura, enologia, Alcobaça.

Abstract

The Wine Museum of Alcobaça shows us one of the most important and full testimonies of our national wine production, throughout centuries. It is a vast cultural patrimony, established by its constructions and its interior; a significant legacy of a culture that remained present until today, maintaining great vivacity in its practice.

Thus, this study aims towards the knowledge of the history about viticulture in Alcobaça, home city of the Museum. At the Museum, it is possible to find a significant demonstration of Alcobaça's wine production territory, showing that despite the National focus given to the Museum, there is a strong patent influence of the territory embodied in it as well – due to the connection with the past of its house, as well as to the diverse and vast local heritage.

This dissertation also includes a comparative analysis of Alcobaça's Wine Museum, to other Museums. In conclusion, we are shown a management and programming proposal with possible solutions for the Museum's development.

Keywords: Wine, Wine Museum of Alcobaça, cultural heritage, cultural management, winemaking, viticulture, oenology, Alcobaça.

Dedicatória

Dedico, inteiramente, este trabalho aos meus pais, por todo o esforço que fizeram na minha formação e pelo facto de nunca deixarem de acreditar em mim e de apoiar as minhas escolhas, mesmo depois de um longo percurso até chegar à vida académica.

Índice

Siglário	7
Agradecimentos	8
Introdução	9
I. História e património vitivinícola da Região de Alcobaça	13
1. 1. Séc. XIX - Da fase “histórica” à fase do “renascimento” da vitivinicultura em Alcobaça	13
2. Do associativismo à actualidade	18
II. História e contextualização do Museu do Vinho de Alcobaça	21
III. Caracterização do museu e comparação	37
IV. Propostas de qualificação da Gestão e Programação do Museu do Vinho de Alcobaça	39
1. Gestão e Programação Museológica	39
2. Propostas para a Gestão e Programação do Museu do Vinho de Alcobaça	44
V. Experiência de Estágio	50
1. Conferência, Contagem e Inventariação	50

2. Criação da Imagem do Museu do Vinho de Alcobaça	52
3. Inquérito ao turista que visita Alcobaça	53
4. Assistência à produção dos eventos do museu	57
Conclusão	61
Anexos	63
Documentação	157
Bibliografia	158
Índice de Ilustrações	159
Índice de Anexos	160

Siglário

MVA – Museu Nacional do Vinho de Alcobaça

CMA – Câmara Municipal de Alcobaça

JEM – Marca José Eduardo Magalhães

FVCSP - Federação dos Vitivinicultores do Centro e Sul de Portugal

JNV – Junta Nacional do Vinho

IVV – Instituto do Vinho e da Vinha

ICOM - International Council of Museums (Conselho Internacional de Museus)

EPADRC - Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Cister

FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

UC – Universidade de Coimbra

Agradecimentos

Agradeço ao Doutor João Paulo Avelãs Nunes a orientação deste trabalho; ao Dr. Alberto Guerreiro por todo o apoio, tanto durante o estágio, como na execução deste trabalho final; ao Doutor Reinaldo Francisco da Silva pela amizade, motivação, inspiração e pelo incentivo das suas palavras que me ajudaram a não desistir dando-me forças para prosseguir este trabalho assim como pelo seu testemunho e pela transmissão de experiência académica que me fez continuar; ao Professor Manuel José Ribeiro da Silva pelo testemunho e incentivo; à professora Ana Nunes Pedro pelas palavras de força e incentivo; às minhas amigas Sandra Cardoso, pelas revisões e correcções de texto; Maria Inês Navarro e Joana Flor Duarte pela tradução; Joana Marques Silva pela revisão de texto e ao amigo Óscar Seguro pela ajuda na formatação e agilização de todo esse processo assim como a todos os outros que demonstraram preocupação e apoio durante este período conturbado; assim como ao professor Fatal pela paciência e disponibilidade para a revisão final. E por fim um agradecimento muito especial aos meus pais por me possibilitarem tudo isto.

Introdução

A cultura é o modo avançado de se estar no Mundo, ou seja a capacidade de se dialogar com ele.

Vergílio Ferreira

O presente trabalho resulta de um estágio realizado entre os dias 3 de Março e 31 de Agosto de 2013, no Museu do Vinho de Alcobaça, tendo como coordenador, na entidade de acolhimento, o Dr. Alberto Guerreiro, responsável pela área Museológica da Câmara Municipal de Alcobaça. Isto tornou-se possível depois de, em Outubro de 2012, a tutela do MVA passar, por via de contrato de cedência com a Direcção Geral do Tesouro e Finanças (edificado) e Instituto do Vinho e da Vinha (colecção móvel), para a Câmara Municipal de Alcobaça, após seis anos de encerramento.

As razões desta escolha prenderam-se com o facto do MVA se revestir, desde o momento em que encerrou, de uma importância tal que suscitou o meu interesse e despertou a minha sensibilidade patrimonial. Desde essa hora, despontou o interesse por este assunto e, assim, no dia em que depreendi que poderia estar à vista uma solução para a sua reabertura, decidi iniciar este trabalho. Procurei, por isso, desde logo estar em contacto com a pessoa responsável, na esperança de poder presenciar, a partir de dentro, essa tão *ansíada* reabertura.

Alcobaça pertence ao distrito de Leiria e tem actualmente 56 676 habitantes. É o segundo concelho mais populoso e detém a quarta maior cidade do distrito. Está localizada a 92 km a norte de Lisboa, e 88 km a sudoeste de Coimbra.¹ Além desta centralizada e, portanto, privilegiada localização, Alcobaça “olha” a serra e “espreita” o mar, o que lhe permite oferecer um leque elevado e diversificado de propostas turísticas – localização privilegiada e estratégica, recorde-se, que poderá potenciar/diversificar muito as ofertas da cidade, com os inegáveis benefícios, quer

¹ Instituto Nacional de Estatística, Censos 2011

individuais quer colectivos, mas que ainda assim está, infelizmente, subaproveitada. Basta relembrar que a conjugação desta privilegiada posição geográfica aliada à sua destacada importância histórica poderiam proporcionar-lhe centralizar infra-estruturas, organizações e empresas e, desse modo, contribuir para intensificar o seu desenvolvimento e para a fixação da população.

“Alcobaça, terra de paixão” foi durante anos o slogan desta cidade. “Mudam-se os tempos, mudam-se os slogans”... e, assim, nos últimos anos, o slogan passou a ser “Alcobaça, dê lugar ao Amor”. Mas cabe perguntarmo-nos: porquê insistir, apenas, numa *terra de paixão* se, da história de amor mais marcante deste país, aqui e agora apenas ficaram os restos mortais dos seus intervenientes, D. Pedro e D. Inês? Compreenda-se: sem retirar importância à dimensão histórica e à representatividade cultural e afectiva de tais amores, a nível nacional e, até, internacional, Alcobaça não pode nem deve ser esquecida na sua representatividade a outros níveis e já *dentro* de uma actualidade mais recente: ela foi, tem sido e é também, na verdade, terra de agricultores, de Vinho, de Ginja e de Maçã; terra da cerâmica, do Cristal e dos Doces Conventuais; e é, ainda, uma terra de figuras tão marcantes como José Eduardo Raposo Magalhães e Joaquim Vieira Natividade, entre muitas outras. Em resumo, Alcobaça é isto e muito mais... A cidade poderá, para além de uma localização muito potenciadora, concentrar e ser foco de irradiação de actividades económico-culturais apreciáveis.

Apesar de actualmente não ter uma tão grande visibilidade ao nível vitivinícola – começando, no entanto, a dar novamente frutos – Alcobaça tem uma tradição, nesta área, que remonta aos tempos cistercienses. Existem referências relativas à plantação de vinhas, desde 1397, nos coutos circundantes ao Mosteiro e também sobre a autorização de construção de uma casa-lagar de vinho, em Évora de Alcobaça. Os monges, grandes mestres na arte de fazer o vinho, foram assim os precursores da vitivinicultura por estas terras.²

Mais tarde, já nos anos 80 do séc. XIX, é José Eduardo Raposo Magalhães, entre outros, que coloca Alcobaça no mapa da vitivinicultura, com a sua marca JEM. Membro de uma família ligada também a indústria vidreira, entre outras, e que tem sido um marco nesta cidade, José Eduardo Raposo Magalhães construiu, na Quinta do Olival Fechado, uma Adega que se revelou pioneira em avanços técnicos. Já nos anos 40, o edifício da adega foi comprado pela Junta Nacional do Vinho, organismo que o administra até aos anos 80, já com a designação de Instituto do Vinho e da Vinha, e dando, depois, origem ao Museu do Vinho.

² MADURO, António; Colóquio Vinhos de Cister 2013

Este trabalho inicia-se com uma contextualização histórica vitivinícola de Alcobaça, ao longo de três grandes fases, correspondentes, respectivamente, à acção e influência de José Eduardo Raposo Magalhães, à da JNV e à de Paixão Marques, fases essas apresentadas no capítulo I. Segue-se o capítulo II, que tratará da contextualização mais aprofundada do edifício desde as suas origens, passando pelas transformações a que foi submetido, até albergar o Museu. Já no capítulo III, será feita uma comparação com os diversos museus edificados pelo país, que abordam esta mesma temática, partindo de uma referência bibliográfica, contendo uma listagem de todos esses espaços, e onde é elaborada uma tabela que dá, depois, origem a uma pequena comparação entre as suas características.

A seguir surge o capítulo IV, onde se encontra e aborda o plano de programação e gestão idealizado para o Museu.

Por fim, e correspondendo ao capítulo V, descreve-se a experiência de estágio, num relatório contendo os trabalhos executados durante esse período.

Alcobaça é, como já ficou, de algum modo, anteriormente implícito, um dos principais pontos turísticos do centro do país. No entanto, apesar do seu potencial de atractividade, o município de Alcobaça apresenta um défice na qualidade de apoio ao turista, o que reduz consideravelmente a sua estadia. Alguns dos constrangimentos encontrados pelos turistas são a falta de sinalética nos monumentos, o encerramento de alguns espaços museológicos, a inexistência de percursos turísticos formalmente estruturados, a deficiente gestão e manutenção dos espaços que envolvem os monumentos e a falta de iniciativa cultural em maior escala.

O Museu do Vinho de Alcobaça vem assim colmatar, em parte, essa lacuna, sendo o mais importante registo histórico da cultura da vinha e do vinho com uma comunicação nacional.

Alcobaça padece de *problemas* inexplicáveis em relação ao seu património cultural. Sendo uma cidade com um Património Mundial, pois tem como *ex-libris* o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, um dos mais importantes monumentos nacionais e um dos mais visitados, reserva, apenas, no entanto, uma pequeníssima parte disponível para os visitantes: na realidade, para além da Igreja, de um monumento enorme e com imensa história a *percorrer*, apenas um claustro é visitável; e, para mais, toda a ala norte deste importante monumento apresenta sinais claros de degradação.

Outro *problema* inexplicável é o da Casa-Museu Joaquim Vieira Natividade, notável e importante engenheiro agrónomo e silvicultor, responsável por conhecidos trabalhos nas áreas da fruticultura e também na subericultura. Esta casa-museu, que já há mais de uma década assim é nomeada, mas que, no entanto, nunca abriu as

suas portas, foi cedida pela família Vieira Natividade à cidade, a fim de mostrar o seu importantíssimo trabalho e o seu espólio em tapeçaria e louça de Alcobaça. Situa-se mesmo em frente ao Mosteiro, uma das sete maravilhas de Portugal, mas não se prevê que a sua abertura esteja para breve, inexplicavelmente. Na rua que fica por trás da Casa-Museu acima referida encontra-se outro equipamento cultural de portas cerradas: uma obra que abriu as suas portas em 2007 e, embora de certa grandiosidade e importância, que nunca foi perceptível aos olhos desta cidade, acabou por fechar recentemente, depois de cinco anos de actividade – trata-se do “Armazém das Artes”, obra de propriedade e responsabilidade do escultor José Aurélio, instituição sediada num antigo edifício que teve múltiplas ocupações desde os finais do século XIX, das quais a mais importante foi a de armazém de vinhos, entre os anos 40 e 70. O que restava das estruturas das antigas adegas foi transformado num espaço polivalente e de exposições, que ocupa vários pisos, numa área total de cerca de 2000m², propondo-se como um espaço de intervenção cultural e pedagógica – mas, infelizmente, foi-o, apenas, por breves anos.³

Estes são apenas alguns dos casos mais graves, mas muitos outros há nesta cidade, onde se incluía o MVA, até tempos antes do início deste estágio. Esperamos que, num futuro breve, este esteja a funcionar em pleno com todas as características museológicas que tem ainda de adquirir e para as quais estão a trabalhar os membros da Comissão Instaladora. E espera-se que, depois da sua completa reestruturação, este se torne numa importantíssima âncora cultural para a cidade de Alcobaça.

³ Texto de apresentação do Armazém das Artes, 2007 (<http://www.armazemdasartes.pt/pt/apresentacao>) (último acesso a 30 de Julho de 2013)

I. História e património vitivinícola da Região de Alcobça.

1. Séc. XIX - Da fase “histórica” à fase do “renascimento” da vitivinicultura em Alcobça

A região de Alcobça é detentora de um longo historial vitivinícola. No entanto, e apesar disso, nunca se tratou de uma região demarcada, como foi e é, por exemplo, o Douro, o mais antigo sistema de appelação do mundo e onde há uma longa tradição vitivinícola.⁴ Historicamente, há referências desde a doação dos *Coutos de Alcobça* aos Monges de Cister⁵, depois da conquista de Santarém aos mouros em 1147, por D. Afonso Henriques que, na carta desta doação, refere a plantação de vinhas nestas terras como uma das contrapartidas.

Os monges cistercienses trouxeram consigo inúmeros conhecimentos, desde as técnicas agrícolas a um enorme domínio sobre o sistema hidráulico, ainda hoje visível no território. A sua actividade dividia-se entre a produção agrícola e a oração, tendo como máxima o *ora et labora*, de raiz beneditina. No interior do Mosteiro, era assim praticado o trabalho intelectual e a oração, enquanto que, já no exterior, a

⁴ http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Vinhateira_do_Alto_Douro (último acesso a 30 de Junho de 2014)

⁵ “(...)Portanto eu, D. Afonso, pela divina misericórdia Rei dos Portugueses, juntamente com a Rainha D. Mafalda minha mulher, e companheira no Reino, fazemos testamento, e encouto a vós D. Bernardo Abade do mosteiro de Claraval, e a vossos irmãos e todos os vossos sucessores que forem pelo tempo adiante, de uma própria herdade, que temos entre aqueles dois lugares, chamados Leiria e Obidos, abaixo do monte Taicha, comarca de Lisboa, águas vertentes ao mar. Damo-vos também o lugar que chamam de Alcobça, e vos fazemos dela testamento e couto, por remédio de nossa almas, de nossos antepassados, e para que fique no mosteiro que ali se fundar perpetua lembrança nossa, e dando-vos toda esta herdade, vos fazemos testamento e firme couto dela, pelos limites abaixo declarados primeiramente como se divide pela foz de Silir, e vai direito pela água do furadouro, e dahi á garganta de Olmos, pelas cimalthas de Aljubarrota, como parte com Andano, e fere direito na água de Cós, e passa direito por Melva, até á mata de Pataias d’onde corta direito por entre Pedreneira, e Muel, até chegar ao mar, o qual lugar, como fica demarcado, queremos que tenhais, e possuais com suas entradas e saídas, águas e pastos, e todas as mais pertenças, e com todas as terras cultivadas, e por cultivar, vinhas, casas, ortas e pomares, com todas as mais cousas, que neste limite se encerrarem, para provimento dos moradores(...).”

produção agrícola, trabalho este da responsabilidade dos monges conversos.⁶ Dos monges, Alcobaça herda ainda o fabrico de vinho pelo método de bica aberta.

É apenas em 1907 que o diploma de reestruturação das regiões demarcadas dita Alcobaça como umas das regiões de vinho de pasto. O diploma desta reestruturação ditou quatro regiões de vinhos generosos (Douro/Porto, Madeira, Carcavelos e Moscatel de Setúbal) e treze regiões para vinho de pasto (Colares, Bucelas, Dão, Bairrada, Borba, Torres, Cartaxo, Alcobaça, Douro, Amarante, Basto, Fuzeta e Monção).⁷ Mas fora já no séc. XIX que o cultivo da vinha passara por um crescendo exponencial. E foi por esta altura que começou a história do edifício que alberga hoje o Museu do Vinho de Alcobaça. A cultura da vinha “apoderou-se” de todos os campos, várzeas e encostas, pois o agricultor deixou-se seduzir pelos lucros e entregou-se totalmente à sua plantação. É já no período da I Grande Guerra que a exportação atinge valores muito elevados, o que fez escoar todo o produto, já que, sendo o mesmo de boa ou má qualidade, não se olhava a meios, mas sim a lucros. Esta venda fácil cegou os agricultores e despontou este crescendo de plantação.⁸

Por esta época a cultura da vinha torna-se, assim, numa grande riqueza para a região, pois a produção atinge anualmente muitas centenas de contos. Avaliando a produção do ano de 1920 (Quadro em Anexo I), prevê-se que deveria corresponder aproximadamente a 600 hectares de área cultivada. Tal como anteriormente, na época dos monges de Cister, a produção distribui-se por todas as freguesias do concelho, com maior incidência nas freguesias de Alpedriz, Cós, Cela, Alfeizerão, Prazeres de Aljubarrota e Évora.⁹ Esta elevada produção, para além do valor económico, significava também um elevado número de postos de trabalho e de salários, tornando-se, também, a este nível, um forte factor económico na região. Assim, a mulher ganha também algum protagonismo, assumindo funções nesta actividade, perdendo um pouco a sua condição laboral tradicional confinada aos trabalhos domésticos, assumindo tarefas relevantes ligadas à viticultura, como a poda ou a empa.¹⁰

É pelas mãos de José Eduardo Raposo Magalhães (1844-1942) e também de José Pereira da Silva Rino que Alcobaça se torna uma referência ao nível vitivinícola. José Eduardo Raposo Magalhães nasce em Alcobaça a 12 de Junho de 1844. Figura de alto nível intelectual, forma-se em Engenharia Civil (1962), pela Universidade de Coimbra, e obtém também o grau de bacharel em Matemática e Filosofia.

⁶ SOUZA, José Pedro de Saldanha Oliveira e; *Coutos de Alcobaça: As cartas de povoação*; Lisboa, 1929, pág.31

⁷ PEREIRA, Maria da Conceição Freire de Brito, *Ação e Património da Junta Nacional do Vinho (1937-1986)*, Universidade Aberta, Lisboa, 2007, pág.15

⁸ NATIVIDADE, Joaquim Vieira, *Obras Várias Vol. I, Alcobaça. s.d.*, pág. 76 a 77

⁹ *Ibidem.*, pág. 77

¹⁰ *Ibid.*, pág. 78 a 79

Desempenha uma grande actividade cívica, mas é ao nível empresarial que se destaca na região. Dedicase perseverantemente à arte da lavoura, mais concretamente à vitivinicultura, nas suas propriedades da Quinta da Cova da Onça, Ganilhos e Olival Fechado, que herda do seu pai, João Emílio de Magalhães, pertencendo estas propriedades à antiga Cerca de Fora do Mosteiro, terras já trabalhadas anteriormente pelos monges de Cister.¹¹ Além da sua entrega à lavoura, deixa-se conquistar pelo ideal Republicano e toma lugar na política. Implantada a República, assume as funções de Governador Civil do Distrito de Leiria (05/10/1910 a 17/06/1911), mas é breve a passagem por este cargo, afastando-se voluntariamente, desiludido com as políticas postas em prática, política que deixou, por isso mesmo, de fazer parte da sua vida.¹²

A vinha passa, então, a ocupar toda a sua atenção. Os seus vinhos projectam-se além-fronteiras: exporta vinhos de pasto, vinhos generosos e aguardentes vnicas para a Europa, África e Brasil. Obtém prémios nas exposições da Tapada da Ajuda (1884), na Secção Agrícola da Exposição Industrial Portuguesa (1888), Exposição Universal de Paris (1900) e no Rio de Janeiro (1909).¹³

Esta primeira metade do século XIX é, no entanto, afectada por um conjunto de pragas. A primeira delas, o oídio, começa a atacar em 1852. O seu impacto nas vinhas do concelho é catastrófico e faz com que a produção média baixe de 4.080 para 1597 pipas, sendo este último valor obtido com o somatório da produção de 1861 a 1865. Mas como todas as crises, esta veio introduzir inovações na cultura da vinha. As castas brancas que predominavam no concelho de Alcobaça dão, devido à sua vulnerabilidade, lugar às tintas. Com esta substituição, o sistema de vinificação passa de bica aberta para curtimenta.¹⁴

Ainda não recuperados destes ataques, os agricultores deparam-se com mais uma praga, esta completamente destrutiva, a filoxera. Este insecto instalava-se na parte radicular da planta condenando-a a uns três a quatro anos de vida. Enquanto com o oídio havia uma quebra de produção, com a filoxera a devastação da cultura era total. O seu aparecimento dá-se em França em 1863 e em 1867 penetra no Douro. O Douro, devido à sua configuração territorial, concentrou a sua disseminação até ao início da década de 80. Depois disto, a filoxera difundiu-se e o distrito de Leiria é afectado a partir de 1882 (em 1887 as vinhas de Cós estão já invadidas pelo

¹¹ MADURO, António; *José Eduardo Raposo de Magalhães, Lavrador – Político, Filantropo*, Biografias Estremenhas 1, CEPAE, Novembro 2012, pág.3 a13

¹² MADURO, António; *Op. Cit.*, pág.15 a 25

¹³ MADURO, António; *Op. Cit.*, pág.39

¹⁴ *Ibidem*; pág. 28 a 29

insecto.)¹⁵ Muitas tentativas houve no sentido de eliminar a praga, mas todas sem sucesso. Neste sentido, a solução para este problema foi importar videiras americanas e produzir bacelos, nos viveiros distritais.¹⁶ Alcobaça é escolhida para a instalação de um viveiro, entre outros argumentos, certamente pelo facto de ter uma localização central e a sua crescente importância vitícola.

Logo após a filoxera e depois das castas americanas terem sido dadas como a solução, José Eduardo Raposo de Magalhães replanta os seus 43 hectares de vinha com castas francesas, sendo esta, para ele, a melhor solução em detrimento das castas americanas.¹⁷

Estas pragas, apesar de catastróficas, vieram a revelar-se extremamente benéficas para o desenvolvimento da vitivinicultura, pois, graças a elas, deu-se a reestruturação das plantações, reestruturação essa fundamental para a transformação e evolução desta cultura.¹⁸

No relatório de inspecção de 1883, o agrónomo responsável, Manuel Pinto Machado, escreve o seguinte: “É em Alcobaça que vamos encontrar tanto a cultura da vinha como o fabrico dos seus vinhos na maior perfeição; isto devido ao muito trabalho, acompanhado de maturado estudo e esclarecida inteligência do Sr. José Eduardo Magalhães. É agradabilíssimo estar-se na quinta d’este cavalheiro porque a plantação da vinha; a escolha, proporção e separação das castas; o aproveitamento do terreno, os diversos amanhos da vinhas, etc., tudo está na maior perfeição.”¹⁹ Esta afirmação demonstra perfeitamente a qualidade do trabalho desenvolvido por José Eduardo Magalhães. A reabilitação da vinha traz consigo a modernização das instalações da adega do Olival Fechado com a introdução tecnológica e científica em substituição do trabalho manual, nomeadamente da pisa a pés das uvas e das arcaicas prensas de vara e fuso.²⁰

Os seus vinhos foram em grande escala elogiados e premiados, e enaltecidos em Portugal e no estrangeiro, como por exemplo na obra “Le Portugal au Point de Vue Agricole.”²¹ Também na Exposição Industrial Portuguesa, na secção agrícola, se encontram referências ao concelho e aos seus vários produtores, exemplos do mérito que tinham à época os produtores de vinhos alcobacenses.

¹⁵ *Ibid.*, pág. 29 a 30

¹⁶ *Ibid.*, pág.31

¹⁷ NATIVIDADE, Joaquim Vieira, *A Região de Alcobaça. Algumas notas para o estudo da sua Agricultura, População e Vida rural* MADURO, António in *José Eduardo Raposo de Magalhães, Lavrador – Político, Filantropo*, Biografias Estremenhas 1, CEPAE, Novembro 2012, pág.34.

¹⁸ PEREIRA, Maria da Conceição Freire de Brito, *Op. Cit.*, pág.6

¹⁹ A.D.L., Governo Civil, Actividades Económicas, Agricultura, cx. 12 (1876-1912). *Relatório do agrónomo do distrito Manuel pinto Machado de 1883* in MADURO, António; *Op. Cit.* 2012, pág.33.

²⁰ *Ibidem.*, pág.3 a13

²¹ NATIVIDADE, Joaquim Vieira, *Op. Cit.*, pág. 85

José Eduardo Raposo Magalhães escreve, na imprensa da época, a seguinte apreciação sobre os produtores de vinho que pensam a vinha como a mais lucrativa das culturas: “Só contam com o dinheiro que desembolsam durante o ano; não calculam amortizações; se a estrumação, a replantação, a substituição dos utensílios ou a reforma das adegas lhe ficam um tanto caras esperam para fazê-las no ano seguinte. Esse ano porém nunca chegará porque o trabalho não perderá as vantagens que alcançou.”²² Esta era, na verdade, uma cultura muito dispendiosa que necessitava de muita mão de obra e de um avultado investimento de capital; e, neste discurso, vemos a crítica àquilo que levou muitos a enveredar por esta cultura – a busca de lucros fáceis.

Para comprovar a dimensão histórica dos vinhos de Alcobaça, é referida de seguida uma passagem de Gil Vicente, no seu *Auto de Pranto de Maria Parda*, onde, mais uma vez, se enaltecem os vinhos desta região.²³

“Item mais mando fazer
Um espaço espirital
Que quem vier de Madrigal
Tenha onde se acolher.
E do termo de Alcobaça
Quem vier deem-lhe em que jaça”

Mas Gil Vicente, ao que parece, não é o único. Joaquim Vieira Natividade refere, também, neste seu livro, as palavras de William Beckford, excêntrico escritor e crítico de arte inglês, que se refere ao vinho de Aljubarrota como “divino, perfumado e etéreo”, entre outras referências no “Portugal Au Point de Vue Agricole”, sendo esta uma pequena compilação de referências que enaltecem os vinhos da região de Alcobaça, demonstrando o valor que tiveram no passado.²⁴

²² *Ibidem.*, pág. 80 a 82

²³ NATIVIDADE, Joaquim Vieira, *Op. Cit.*, pág. 85

²⁴ *Ibidem.*, pág. 85

2. Do associativismo à actualidade

Face à crise, à conjuntura desfavorável e à previsão de uma produção em abundância (abundância que, em aparente paradoxo, agravaria a referida crise), em 1933 surge a primeira estrutura corporativa, com vista à regularização do mercado vinícola. Surge assim a Federação dos Vitivinicultores do Centro e Sul de Portugal (FVCSP), onde Alcobaça se inseria – criada pelo Decreto-Lei nº 23 231, de 17 de Novembro de 1933.²⁵

Nos finais da década de 40, a 19 de Agosto de 1937, inicia-se outra etapa da vitivinicultura, em Alcobaça e no país, altura em que surge o movimento nacional de associativismo entre viticultores. Sendo, à época, um país rural, e que tem na agricultura a sua principal actividade económica, é criada a Junta Nacional do Vinho (JNV), organismo que resulta da evolução da FVCSP, um organismo de coordenação económica do regime corporativo do Estado Novo, criado pelo Decreto-Lei n.º 27 977, de 19 de Agosto de 1937, e que passa a ter uma acção por todo o território nacional.

Com intenções de actuação na política de produção e comércio dos produtos vínicos, pretende a defesa económica da pequena vinicultura, a regularização dos preços do vinho e o controlo e melhoria da qualidade dos vinhos portugueses.²⁶ Nasce da necessidade da actuação política de produção e de comercialização dos produtos vínicos, tendo como finalidade retirar do mercado o excesso de produção, assim como armazená-lo para os anos de escassez, regularizando os preços e fiscalizando, em termos de qualidade, o mercado vinícola, pretendendo defender esta actividade económica.²⁷ Assim, A JNV intervém no mercado, com a regularização de preços, financiamento à produção, compra de vinhos e destilação, cadastro de vinhos, fomento de adegas cooperativas, assistência técnica à agricultura, fiscalização, informação e propaganda. Tem ainda funções burocráticas de fomento, de apoio e de intervenção.²⁸ É criada, neste sentido, uma rede de armazéns e cooperativas, onde se inclui a adega de Alcobaça.²⁹

A principal medida da JNV foi, precisamente, a criação de uma rede de adegas cooperativas, criadas não só para assegurar o fabrico e o aumento de qualidade, como também para criar condições de armazenamento da produção que ficava em

²⁵ PEREIRA, Maria da Conceição Freire de Brito, *Op. Cit.*, pág.34

²⁶ <http://www.ivv.min-agricultura.pt/np4/26> (último acesso a 12 de Dezembro de 2013)

²⁷ PEREIRA, Maria da Conceição Freire de Brito, *Op. Cit.*, pág.37

²⁸ *Ibidem.*, pág.38

²⁹ ROMÃO, Maria Luísa Gaspar; *O Museu do Vinho de Alcobaça: Uma Referência no quadro das instituições museológicas da Vinha e do Vinho*; (tese de Mestrado em Museologia e Património, 2009, pág. 30-31

excesso, por não se conseguir o total escoamento, durante a campanha.³⁰ A sua criação deve-se ao peso que o vinho tinha e passou a ter na economia local, facto comprovado pela existência, em finais da década de cinquenta, de vários grandes comerciantes de vinho. Em 1948, a JNV compra, aos Herdeiros de José Eduardo Raposo Magalhães, a adega e terrenos adjacentes, para aí instalar um posto de intervenção, local e regional, onde hoje está instalado o Museu do Vinho de Alcobaça (MVA).

Já nos anos 50, à semelhança do que se passava, um pouco, por todo o *país vinícola*, onde vão nascendo as primeiras adegas cooperativas, é registada, a 25 de Junho de 1956, a Adega Cooperativa de Alcobaça, pelas mãos de um grupo de pequenos e médios vicultores. A Adega começa por se instalar nos armazéns da Junta Nacional do Vinho, o que durou até 1976, ano em que a área de vinificação foi mudada para as traseiras do edifício original.

Porém, a continuidade da JNV é posta em causa, na década de 80, devido aos seus insignificantes resultados e à respectiva *pobreza* do seu peso económico para o sector vinícola, limitando-se a sua acção, realmente, à compra de vinhos de baixa qualidade para a transformação em aguardente.³¹

A deslocação da Adega Cooperativa dá-se, em definitivo, em 1993, depois de terem sido adquiridos terrenos à Junta Nacional do Vinho, onde foi construída a área administrativa e armazéns. Nos tempos áureos, chegou a ter 3000 sócios, mas os agricultores pouco a pouco começaram a passar para a fruticultura, em detrimento da vinha, que dava mais rendimento, ou mudaram, por completo, as suas vidas e foram trabalhar para a indústria. Actualmente, contam-se, apenas, 379 sócios.

Em 2013, a Adega continua no activo e dá-se uma mudança na imagem, verificando-se a preocupação em atingir um produto de qualidade mais elevada, apresentando, para além dos vinhos de mesa, vinhos de qualidade superior, como é o caso do *Montes e Montes Colheita Seleccionada*. No entanto, a sua comercialização é, ainda, maioritariamente feita no Concelho de Alcobaça.

Paralelamente à Adega, destaca-se, actualmente, a produção da Quinta dos Capuchos, cujas vinhas *percorrem* 11 hectares, no troço Sul do Vale do Alcoa, na zona da Beira Serra dos Candeeiros, em solos argilosos de calcário, pedregosos e difíceis, do Jurássico, num enquadramento climático particular, onde a influência Atlântica, já esbatida, contribui para excelentes condições de maturação das uvas. Dos 11 hectares, metade da produção é feita com as castas tintas Touriga Nacional, Castelão, Syrah, Aragonez e Cabernet Sauvignon, havendo também as castas

³⁰ <http://www.ivv.min-agricultura.pt/np4/26> (último acesso a 12 de Dezembro de 2013)

³¹ PEREIRA, Maria da Conceição Freire de Brito, *Op. Cit.*, pág.41

brancas Arinto, Verdelho, Sauvignon Blanc e Chardonnay.³² Dos Vinhos de Cister, grupo de produtores de vinho de Alcobaça, fazem ainda parte a Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Cister (EPADRC) e os Vinhos Trás-da-Mata.

Alcobaça está inserida numa das maiores regiões vitivinícolas do país, em termos de área de vinha e de produção de vinho. A área da região de produção da Indicação Geográfica Lisboa abrange todos os concelhos da faixa atlântica a Norte do estuário do Tejo, confinando, a Norte, com a Beira e, a Leste, com o Ribatejo.³³

Na zona mais a Norte, distingue-se uma vasta região de vinha que se estende desde as encostas das serras de Aires e dos Candeeiros até ao mar, onde se produzem os vinhos com direito à denominação de origem – "Encostas d'Aire" – denominação que se divide, ainda, por duas sub-regiões – "Alcobaça" e "Ourém".³⁴

Como disse Joaquim Vieira Natividade, na conferência que realizou a 9 de Dezembro de 1942, na casa do Distrito de Leiria, a obra dos cistercienses não tinha apenas interesse histórico, mas era também uma lição.³⁵

De facto, há uma lição ainda bem presente na cultura Alcobacense: a sua influência e testemunho passaram de mão em mão, renovando-se e inovando, de acordo com as necessidades, sendo eles, ainda hoje, em grande parte, os responsáveis pela cultura vinícola em Alcobaça.

Como bem observou Vieira Natividade, "As terras de Alcobaça foram desbravadas e amorosamente agricultadas, há oitocentos anos, por monges que viviam entre o trabalho e a oração. E tão fecundo foi esse trabalho, e tão fervorosas essas orações, que a bênção de Deus desceu sobre estas terras, e permitiu que através de vicissitudes do tempo, de tantos erros e desvairadas paixões, de tanta loucura e impiedade, esse trabalho se não perdesse, antes frutificasse, como que por suave milagre, para maior felicidade dos homens. Esses primeiros monges eram agrónomos. E eu, que tão bem conheço as agruras da profissão, ainda hoje não sei, se eles eram santos, por serem agrónomos ou se eram agrónomos, por serem santos."³⁶

³² <http://www.quintadoscapuchos.pt/Quem%20Somos/quemsomos.html> (último acesso a 18 de Junho de 2014)

³³ <http://www.ivv.min-agricultura.pt/np4/111.html> (último acesso a 15 de Maio de 2014)

³⁴ <http://www.ivv.min-agricultura.pt/np4/111.html> (último acesso a 15 de Maio de 2014)

³⁵ BARBOSA, Pedro Gomes; MOREIRA, Maria da Luz; OLIVEIRA, *Seiva Sagrada – A Agricultura na região de Alcobaça, Notas Históricas*, AARG, APFRA, Alcobaça, 2006, pág. 13

³⁶ NATIVIDADE, Joaquim Vieira in BARBOSA, Pedro Gomes; MOREIRA, Maria da Luz; OLIVEIRA, *Seiva Sagrada – A Agricultura na região de Alcobaça, Notas Históricas*, AARG, APFRA, Alcobaça, 2006, pág. 13

II. História e contextualização do Museu do Vinho de Alcobaça

Como já referimos no capítulo anterior, o edifício do Museu do Vinho de Alcobaça teve como primeira função albergar a Adega do Olival Fechado, propriedade de José Eduardo Raposo Magalhães, datada de 1875, onde este aplicou a mais avançada tecnologia da época, visível, ainda hoje, na intervenção no espaço, higienização com o revestimento de azulejos junto aos lagares, assim como na qualidade dos materiais usados. Exemplos desse período são as pias de água corrente revestidas a azulejo, marcas do tempo da adega original, na adega dos Balseiros e nos lagares da Adega dos Vinhos Branco e Vinhos Tintos. Estes são dos mais importantes testemunhos da arquitectura do espaço da antiga Adega do período de José Eduardo Raposo Magalhães (séc. XIX), onde a descarga das uvas é feita por intermédio de um cais, aproveitando o declive natural do solo como forma de facilitar o processo, bem como a trasfega, por meio de bombas manuais, que permitiam um maior aproveitamento no processo entre a produção e o armazenamento. Desta época está também presente um esmagador mecânico, utilizando um sistema de carril, nos lagares da adega dos Vinhos Tintos, assim como algumas prensas *mobile*, mecanismos estes que justificam o avanço tecnológico da adega, à época.

A 26 de Fevereiro de 1948, o edifício é comprado, pela Junta Nacional do Vinho, aos herdeiros de José Eduardo Raposo Magalhães, para ali albergar a Adega Cooperativa e os respectivos armazéns da JNV. Esta escolha deve-se a vários factores, designadamente: a centralidade geográfica, a existência de um posto de abastecimento de combustível na localidade, a passagem da Estrada Nacional 1, que fazia a ligação Lisboa-Porto (a grande rota para o comércio e serviços), a elevada sofisticação das instalações desta Adega e a intensa cultura vinícola na região. Todos estes factores foram certamente decisivos para a instalação dos armazéns da JNV em Alcobaça.

Ao instalar-se na Adega de Raposo Magalhães, a JNV adapta-se aos novos tempos, modernizando as instalações para as necessidades da época. Destas modernizações, destacam-se os balseiros, nas adegas com o mesmo nome, para a

fermentação das uvas; os depósitos para armazenamento e cozedura do vinho, a partir do modelo de Abel Pereira da Fonseca, produtor vinícola nacional que privilegiava a estrutura vertical, em altura, permitindo um maior aproveitamento do espaço do edifício em função de uma maior capacidade e eficácia de armazenamento (cerca de 50 mil litros por depósito). Estes depósitos cumpriram a sua função até à década de 70 (séc. XX), momento em que se dá uma nova modernização no armazenamento de vinho, com a edificação de um conjunto de balões *air form* (cuba argelina), multiplicando a capacidade média: de 50 mil litros para 250 mil litros. Por esta altura, o armazém da JNV, de Alcobaça, tem uma capacidade total de cerca de 11 milhões de litros. Esta modernização da adega para fins mais industriais vem responder às exigências dos armazéns da JNV, que tinha, entre outras funções, a do apoio à constituição da Adega Cooperativa de Alcobaça, que surgiria, mais tarde, em 1956.

Há, assim, neste Museu, três momentos históricos, iniciando-se o primeiro com José Eduardo Raposo Magalhães, passando, o segundo, pelo organismo JNV e culminando, o terceiro momento, no projecto museográfico de Paixão Marques. Esta evolução histórica é, curiosamente, detectável pelo legado arquitectónico: num primeiro plano, a Adega de José Eduardo Raposo Magalhães; num segundo plano, a intervenção e modernização da época da JNV num contexto industrial; e, finalmente, num terceiro plano, o caso da constituição do espólio da responsabilidade de Paixão Marques.

Na publicação “Informação Vinícola”, Ano II, nº52, da JNV, de 31 de Dezembro de 1939, é manifestada a pertinência da edificação de um grande museu do vinho nacional. Nesse artigo, intitulado “Porque não temos um Museu do Vinho?”, António Batalha Reis, evocando o “curioso Museu do Vinho”, criado nesse mesmo ano, em Borgonha, alerta para a não existência de um museu em Portugal, com as mesmas características, defendendo a constituição futura do “Museu do Vinho Português”.³⁷ Uma situação que continua, de certa forma, ainda hoje por responder: passados todos estes anos, existem, actualmente, cerca de trinta “museus do vinho”, particulares ou municipais, mas **todos** com um **foco** local ou regional, não havendo, ainda, um Museu do Vinho com uma dimensão e perspectiva nacional, e que se baseie nos princípios das exigências técnicas e científicas da museologia.

Em 1940, chega mesmo a ser anunciada a instalação do “Museu Nacional do Vinho”, em Torres Vedras, o que não veio a concretizar-se, tendo o assunto ficado esquecido. Isto aconteceu, de facto, num momento histórico em que o eclodir da II

³⁷ PEREIRA, Maria da Conceição Freire de Brito, *Op. Cit.*, pág.118

Guerra Mundial desviava todas as atenções, ficando, portanto, “suspensa” a ideia que passava por construir um museu nacional, com a representação de todas as regiões vinícolas, suas características e especificidades.³⁸

Alguns anos mais tarde, em 1962, o assunto volta ao de cima no meio da comunidade vitivinícola, com a comunicação do D. Sebastião Pessanha, nas Jornadas Vitivinícolas, por ocasião do XXV aniversário da JNV, mas sem surtir efeitos.³⁹

A ideia de museu nacional, dedicado ao vinho, parece ter caído, novamente, no esquecimento, até ao surgimento da figura do Eng.º Paixão Marques, que, efectivamente, entre os anos finais de 60 e início de 80, vem a constituir o que designa por “Museu Nacional do Vinho”, em Alcobaça. Paixão Marques inicia a sua actividade na Junta Nacional do Vinho, a 7 de Fevereiro de 1949, prestando funções noutros locais, até 4 de Junho de 1963, quando é nomeado delegado da JNV, em Leiria, com a responsabilidade técnica de três adegas na área da Delegação (Alcobaça, Batalha e Cortes), onde exerce funções, até atingir o limite de idade, o que aconteceu em Agosto de 1992.⁴⁰

Em 1968, Manuel Augusto Paixão Marques, deu início à recolha de material disperso nas várias delegações, que iam sendo encerradas.⁴¹ O encerramento das delegações da JNV e as ordens de abate de todo o material obsoleto apelam à sensibilidade e instinto patrimonial de Paixão Marques, o que o levou a impulsionar uma recolha de material por todo o país, reunindo-o em Alcobaça. As primeiras peças da colecção começam a ser agrupadas nesse mesmo ano de 1968. É por esta altura que se inicia a aglomeração do que viria a estar presente neste espaço museológico.

Com a alteração de regime político, em 1974, e ainda sob orientação do Governo Provisório, este organismo passa por um momento de incertezas, relativamente ao seu futuro. Pretendia-se a sua extinção, dando lugar a um sistema administrativo de acordo com as novas realidades políticas, económicas e sociais, mas este ajuste demora algum tempo.⁴² Este período político revolucionário deixa o edifício sem uma supervisão, o que permite a Paixão Marques, com a ajuda das pessoas que o rodeavam, começar o seu sonho de o transformar num espaço museológico.

A mesma sensibilidade patrimonial preserva grande parte do espólio patente na Exposição do Mundo Português, impedindo, a sua extinção. Pelo contrário, Paixão Marques, convicto de que não poderia deixar desaparecer tão importante espólio

³⁸ *Ibidem.*, pág. 119 a 120

³⁹ PEREIRA, Maria da Conceição Freire de Brito, *Op. Cit.*, pág. 121

⁴⁰ <http://www.ivv.min-agricultura.pt/np4/1693.html> (último acesso a 12 de Dezembro de 2013)

⁴¹ <http://www.ivv.min-agricultura.pt/np4/129.html> (último acesso a 4 de Setembro de 2012)

⁴² PEREIRA, Maria da Conceição Freire de Brito, *Op. Cit.*, pág.99

cultural e etnográfico, espelhado numa actividade que está tão presente na cultura do seu povo, procura que a colecção vá enriquecendo, por meio de doações e aquisições, em antigas adegas e antiquários. Deu, assim, início a uma colecção de elevado valor histórico, científico e etnográfico, majorada com doações e material posteriormente adquirido em antigas adegas e antiquários, como verdadeiro coleccionador, em constante busca pela peça que necessita, para ilustrar a sua colecção.

Em 1976, dá-se a desactivação dos armazéns da delegação de Alcobaça, e logo começa um longo processo de adaptação desse espaço para museu, transformando todos os depósitos em galerias expositivas, processo desenvolvido longe dos olhares da JNV, que só *presenciaram* todas estas alterações, quando a obra se encontrava concluída, não havendo já nada a fazer em contrário.⁴³

Este Museu é detentor do maior e mais rico espólio vinícola e vitivinícola a nível nacional, com mais de 10 mil peças. Dos mais de trinta edifícios expositivos, ligados ao vinho e à vinha, a nível nacional, nenhum alberga em si uma colecção tão grandiosa e rica, em valor patrimonial e das mais variadas áreas: etnologia, etnografia, enologia, tecnologia tradicional, arqueologia industrial, artes decorativas, artes plásticas, artes gráficas e arquitectura. Estamos, assim, perante um grandioso *contentor* (arquitectura dos edifícios) com um enorme *conteúdo*. Em 1983, o museu abre finalmente ao público.

Em 1986, foi criado o Instituto da Vinha e do Vinho, organismo que sucede e herda todo o património documental, móvel e imóvel da então extinta JNV, resultante do período compreendido entre 1937 e 1986. Esta nova entidade é criada devido à entrada na Comunidade Económica Europeia.

Na sua tese de mestrado, Maria de Brito Pereira levanta a questão: “Que património é este e como foi encarado e preservado?” A questão é procedente, pois, na verdade, esse património não foi *encarado* e a (falta de) resposta à questão deixa prever o óbvio.

No entanto, este museu foi concebido sob uma perspectiva de coleccionador, longe dos padrões da museologia científica. Esta feição marcadamente “coleccionista” deixada por Paixão Marques está bem presente, por exemplo, através da massificação expositiva (uma opção clara pelo *tudo exposto*), onde ganha destaque a contextualização excessiva, através do uso e abuso de objectos ao longo do percurso de visita, como por exemplo, garrafas (c. 2700) e rótulos (c. 4500), que vão estabelecendo o compasso da visita. A passagem de uma instalação, meramente

⁴³ PEREIRA, Maria da Conceição Freire de Brito, *Op. Cit.*, pág.126

“coleccionista”, para uma instalação com fundamento museológico (onde a selecção, partindo de um discurso museológico coerente e sequencial, será o critério a seguir) é, actualmente, um dos maiores desafios do projecto de requalificação e reorganização desta unidade museológica, que a comissão instaladora do museu tem em mãos.

O património deixado pela JNV, que é herdado pelo IVV, é um conjunto patrimonial móvel e imóvel, extenso, importantíssimo e fundamental para o conhecimento da vitivinicultura em Portugal. No entanto, à medida que os armazéns iam encerrando, o património era ignorado e esquecido: apenas em 1997 alguns técnicos visitaram os arquivos mais importantes a nível documental do IVV, arquivos esses datados desde 1933.⁴⁴

Em 1999, foi iniciado um processo de abordagem científica do museu, promovido no seio do IVV e que contemplaria investigação e intervenção ao nível da colecção, mais concretamente ao nível do inventário museológico, bem como do levantamento histórico e conceptual desenvolvido junto de Paixão Marques. Na realidade, o engenheiro que se retirara, em 1992, retorna voluntariamente a pedido do IVV, em 2000, para dar apoio à investigação no terreno, permanecendo um ano nessa missão. Infelizmente, ao fim do ano, o processo de investigação não vingaria, sentindo-se um retrocesso nas intenções de investimento num programa de reestruturação e requalificação do museu, que culminaria, anos mais tarde, no seu encerramento ao público, em 2007.

Em Outubro de 2012, procedeu-se à transferência da tutela, pela via de contrato de cedência com a Direcção Geral do Tesouro e Finanças (edificado) e com Instituto do Vinho e da Vinha (colecção móvel). Foi, então, depois disso, constituída uma Comissão Instaladora do Museu do Vinho, em Dezembro de 2012, com o intuito de pensar o futuro do Museu, presidida pelo Presidente da Câmara de Alcobaça (Paulo Marques Inácio), composta por um elemento técnico-científico da autarquia (museólogo Alberto Guerreiro), por quatro personalidades científicas convidadas (um investigador, especialista na área do património e arqueologia industrial, Jorge Custódio, por dois historiadores, António Maduro e Rui Rasquilho e por um arquitecto, Carlos Gil Moreira) e, ainda, por dois representantes do sector vitivinícola e agrícola (Adega Cooperativa de Alcobaça, António Caetano e Cooperativa Agrícola de Alcobaça, Manuel Castelhana). O objectivo da Comissão é delinear um programa de intervenção, tendo em vista a requalificação futura do Museu. Em 18 de Abril de 2013, foi ainda estabelecido um protocolo com a Adega Cooperativa de Alcobaça, prevendo a passagem da administração corrente do museu, para esta entidade, permanecendo

⁴⁴ PEREIRA, Maria da Conceição Freire de Brito, *Op. Cit.*, pág.104 a 106

a gestão política e a direcção técnica a cargo da Câmara Municipal de Alcobaça.⁴⁵ A 28 de Junho de 2013, o Museu é finalmente reaberto ao público

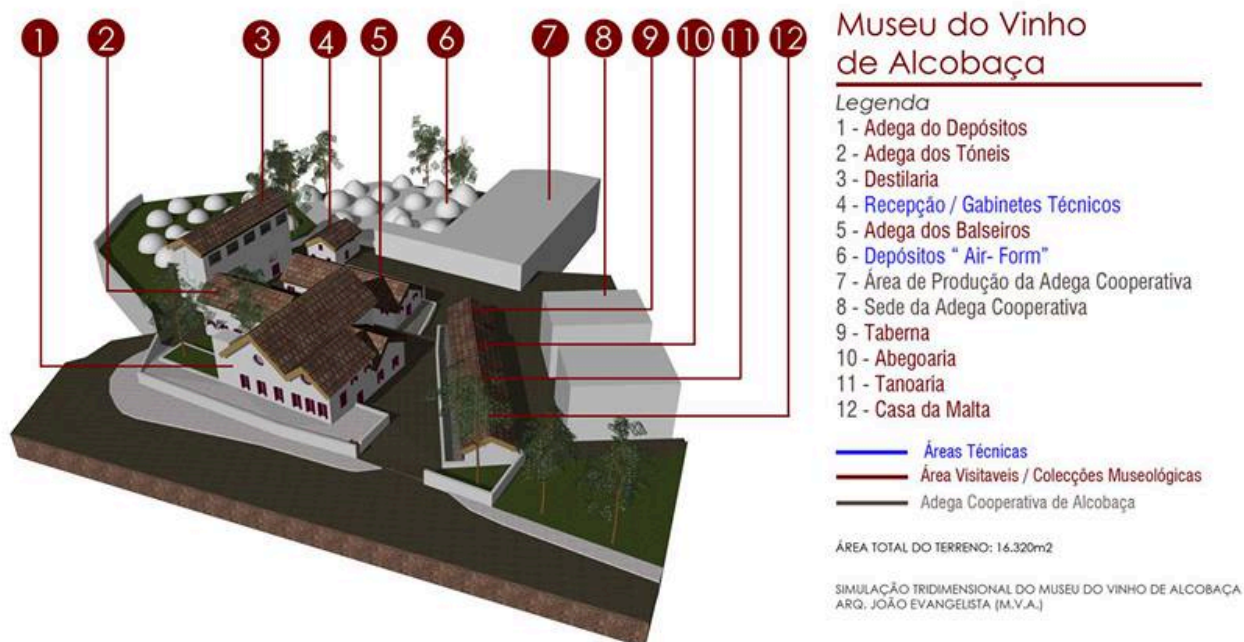


Figura 1 – Simulação tridimensional do Museu do Vinho de Alcobaça pelo Arq. João Evangelista

O Museu reabre, depois de anos de portas encerradas, com enormes carências ao nível da estrutura e linguagem museológica, abrindo ainda de forma experimental (mantendo a configuração original introduzida por Paixão Marques), mas assumindo como lema “museu em reconstrução”, pensando já no processo científico que se inicia com a comissão instaladora.

Esta reabertura, ainda que nestes moldes, era inevitável, uma vez que estamos perante um dos maiores e mais importantes espólios vitivinícolas do país, e que, por isso mesmo, não deveria ser mantido longe do público em geral, já que este encerramento se tornara incompreensível, sobretudo, para a população da cidade.

O Museu é constituído por cinco espaços edificados: Recepção/Serviços Técnicos; Adega dos Balseiros; Adega dos Depósitos (que compõem, para além dos depósitos de armazenamento e cozedura do vinho, os lagares de vinho branco e tinto e a adega dos tonéis); Destilária e o corpo de Edifícios Anexos, onde está situada a Taberna, a Abegoaria, a Tanoaria e a Casa da Malta. Na zona envolvente, podemos

⁴⁵ GERREIRO, Alberto; *Dinâmica(s) de Programação e Gestão do Património Industrial Musealizado em Alcobaça: Exemplos Indutores de Referência e de Renovação*; RIHP: Actas - Encontro Anual da Rede Indústria, História, Património.

ainda encontrar vários espaços de jardim e o corpo de balões *air form*, num total de cerca de 16 mil metros quadrados totais e de 5 mil metros cobertos. Paixão Marques desenha um percurso, desde os trabalhos na terra até à vinificação, passando pela parte tradicional e laboratorial no piso de entrada, onde o visitante pode entrar nos depósitos, pois cada depósito foi aberto para se transformar em galeria.

Em seguida descreve-se este percurso expositivo, referindo os seus principais objectos.

1 | Adega dos Depósitos

Esta Adega é constituída por dezoito depósitos em cimento armado, com capacidades entre 19 000 e 50 000 litros.⁴⁶ Trata-se do edifício principal, onde estão concentrados grande parte dos objectos. Ao entrar neste espaço, deparamo-nos com um extenso corredor preenchido com garrafas e placards de rótulos, não havendo praticamente parede visível. Por de trás das paredes laterais deste mesmo corredor, escondem-se, então, os depósitos que lhe dão o nome, agora abertos e onde o visitante pode penetrar.

Começando do lado esquerdo, parte dedicada à lavoura da vinha, figura o depósito 45. Nele está representada uma “meia laranja” ribatejana, composta por um conjunto de instrumentos necessários ao culto da vinha. Entre eles, enxadas, ancinhos, canecos e outros objectos necessários à refeição do agricultor. Inclui, ainda, quadros representativos de processos, como a poda e a empa.⁴⁷ Seguindo o percurso (depósito 46 e depósito 47), passamos para os instrumentos necessários ao tratamento da vinha, nomeadamente a pulverização contra pragas onde existem sulfatadores, torpilhas, enxofradores de fole, entre outros utensílios para este processo. Segue-se o depósito 48, que apresenta um núcleo dedicado a todo o material de laboratório. Continuando já do lado direito (depósito 41 e depósito 42), estamos perante duas galerias dedicadas a destilação com alambiques rudimentares, nomeadamente um do séc. XVII/XVIII e uma coluna de destilação, em escala diminuta.

Esta entrada finaliza com um corredor, onde estão presentes onze talhas alentejanas em barro, as mais antigas datadas de 1828 e 1858, com origem em casas agrícolas da região de Reguengos de Monsaraz.

⁴⁶ <http://www.ivv.min-agricultura.pt/np4/129.html> (último acesso a 15 de Maio de 2014)

⁴⁷ <http://www.ivv.min-agricultura.pt/np4/129.html> (último acesso a 15 de Maio de 2014)

1.1 | Adega dos Vinhos Brancos

Na ala esquerda da adega dos depósitos, encontramos a adegas dos Vinhos Brancos, adega esta do tempo de José Eduardo Raposo Magalhães. Esta adega possui um lagar de grandes dimensões, para esmagar uvas brancas, sendo este processo auxiliado por um esmagador. Contíguo a este, há também um lagar, de pequenas dimensões, usado para a esprema dos bagaços, onde está instalada uma prensa de vara e fuso de grandes dimensões. Nesta adega, estão também expostas um conjunto de cinco talhas alentejanas em barro, de grande valor etnográfico, sendo a mais antiga datada de 1620, e utilizadas para armazenar o vinho, sobretudo em tabernas, onde se utilizava uma camada de azeite no topo, método tradicional de conservação para evitar impurezas e a acidez. Estão, também, nesta adega, duas prensas manuais com cincho em madeira, duas prensas hidráulicas, um elevador de cascaria (modelo único) construído para funcionar nesta adega e um muito antigo e raro exemplar de esmagador-desengaçador, entre muitos outros objectos que adornam as paredes: ancinhos, forquilhas, cabaços, funis gadanhos, candeeiros a petróleo. enxofradeiras de fole e cesto de vindima, entre muitos outros objectos etnográficos. Outra das peças a destacar é a tela de grandes dimensões, de autor desconhecido, de uma das castas pintadas por Alfredo Roque Gameiro (1864-1935): aguarelista e ilustrador do período modernista nacional, conhecido por pintar todas as castas nacionais a partir de uma encomenda de Cincinato da Costa para a sua grande obra “Portugal Vinícola”.

Esta adega desemboca num conjunto de depósitos dedicados às artes decorativas. No primeiro destes depósitos (depósito 1), destaque para uma colecção de oito pratos da colecção “Vinho do Porto – Região do Douro”, colecção esta limitada com os certificados correspondentes. No depósito seguinte (depósito 2), temos uma galeria em homenagem ao “homem da casa” – José Eduardo Raposo Magalhães. Aqui, o destaque vai para a mesa de prova usada na antiga adega, onde estão cinco copos de prova antigos e cinco garrafas da marca JEM, a sua marca; as paredes estão adornadas com cartazes de propaganda, também, à sua marca, diplomas e fotos da antiga adega. Continuando o percurso pelo interior destas galerias, os dois seguintes depósitos (depósitos 3 e 4) acolhem uma outra colecção de grande valor do ponto de vista etnológico/antropológico: um conjunto de miniaturas de carros de bois, reproduzidas a partir da obra de Fernando Galhano (um dos fundadores do Museu de Etnologia de Lisboa) “O Carro de Bois em Portugal” (1973). Esta colecção tem ainda a particularidade de ter sido produzida por um dos mais antigos funcionários do Museu

do Vinho de Alcobaça, demonstrando a cooperação dos homens de Paixão Marques na construção deste sonho.

No depósito que se segue (depósito 5), encontramos um dos *ex-libris* da colecção, um elemento importantíssimo neste museu e que é curiosamente um placa de sarro: sedimento que o vinho deixa no depósito. Este exemplar foi extraído de um tonel, que conteve vinte e cinco colheitas, sem ser descerrado: uma peça única, uma relíquia deste museu. É possível, também, observar, no depósito onde esta placa está instalada, a sedimentação do vinho aderente às paredes *in loco*, uma experiência também única e muito interessante. Já na última galeria deste espaço (depósito 6), encontramos mais uma colecção de cerâmica, algarvia.

1.2 | Adega dos Vinhos Tintos

No piso superior desta adega, situa-se a Adega dos Vinhos Tintos, onde estão três lagares, do tempo de José Eduardo Raposo Magalhães. Neste piso, existe, também, a maior concentração de garrafas que não deixam ninguém indiferente, pelo impacto que causam ao revestirem três das quatro grandes paredes desta zona, e onde se destacam as colecções de canjirões, com alguns exemplares da Fábrica Bordalo Pinheiro, das Caldas da Rainha, incluindo, ainda, outras de cariz popular. O conjunto de canjirões representa as primeiras peças recolhidas por Paixão Marques para contexto museológico, provenientes do Serviço de Informação da JNV, em 1968, dado comprovado pelo livro de tombo do museu.

Neste piso existe, ainda, o exemplo que melhor demonstra o contexto nacional que Paixão Marques queria dar a este Museu e a sua ambição de o tornar como o Museu Nacional do Vinho, construindo um percurso com todas as regiões vinícolas de Portugal com elementos etnográficos de cada região, assim como várias garrafas ilustrativas dessas mesmas zonas vinícolas. É curioso notar, a este propósito, que a intensidade da ambição de Paixão Marques está sintomaticamente associada ao facto de ele ter substituído a denominação oficial **Junta** (Nacional do Vinho) pela mais desejada denominação: **Museu** (Nacional do Vinho)! Ainda neste espaço podemos observar uma coluna de destilação, bem como vários elementos pertencentes ao processo de destilação, um grande conjunto de bombas de trasfega e várias prensas.

1.3 | Depósitos Subterrâneos

No piso inferior ao da entrada, encontram-se os Depósitos Subterrâneos, nos quais estão presentes alguns dos poucos testemunhos da evolução da produção dos

vinhos em Portugal que restam da antiga história da JNV, desde o seu início em 1937 até 1986, altura em que passa a nomear-se IVV. Este percurso realiza-se em circuito fechado, através das galerias, à semelhança dos outros sectores do museu. Inicia-se o percurso com imagens da primeira presidência da JNV, remetendo o visitante para a fundação da Junta. Esta galeria é ladeada por uma curiosa colecção de bicas de lagar. Pode-se visitar, depois, um espólio constituído por um importante conjunto de painéis informativos e estatísticos, bem como por gráficos da altura, onde, através de tabelas e quadros, são representados os valores de exportações, os valores do lucros por ano, assim como outros gráficos que documentam a produção vitivinícola portuguesa, no período áureo do organismo, durante o Estado Novo, material este único, salvo por Paixão Marques, evitando o seu desaparecimento, no momento em que se vivia o fervor revolucionário do 25 de Abril. Para além desta temática, podem-se encontrar, ainda, nestas galerias, elementos documentais alusivos à produção vitivinícola alcobacense, nomeadamente diplomas de prémios internacionais de vinhos dos produtores Raposo Magalhães e José Pereira da Silva Rino, e ainda um conjunto de peças de arqueologia industrial, como é o caso de uma máquina vaporizadora que se pensa terá pertencido à Adega do Olival, de José Eduardo Raposo Magalhães, assim como uma linha evolutiva de bombas de trasfega, com espécimes que vão desde o sistema manual ao eléctrico.

2 | Adega dos Tonéis

Regressando ao piso superior a este, na ala direita do edifício, temos a adega dos Tonéis, com um conjunto de 17 tonéis, na sua maioria construídos em madeira de carvalho, mas também em castanho, cujas capacidades variam entre os 2.500 e 23.577 litros, utilizados na conservação e envelhecimento de vinhos especiais. É uma zona com um grande impacto, devido ao espaço envolvente e à grandiosidade dos tonéis.

3 | Destilaria

Espaço onde está instalada a coluna de destilação contínua que assegurava o processo nesta adega, um magnífico exemplar *in situ* e um outro dos *ex-libris* da colecção, quer pela história quer pela imponência.

4 | Gabinetes Técnicos

Antiga casa do guarda, onde está também um laboratório que funcionou até ao encerramento do museu, e que está ainda completamente equipado com material. Neste espaço funciona, actualmente, a recepção (no piso térreo) e os serviços técnicos (no primeiro piso).

5 | Adega dos Balseiros

Edifício do tempo da antiga adega do século XIX, com marcas visíveis desse tempo, como é o caso das pias de água corrente. Trata-se de um espaço onde se consegue fazer uma leitura dos restantes momentos históricos do espaço do século XX: década de 40 (período de compra da adega pela JNV e onde foram instalados um conjunto de balseiros para fermentação) e década de 80 (momento da abertura ao público do museu, documentada pela cabine de madeira, onde funcionava a recepção aos visitantes).

9 | Taberna

Reconstituição de uma antiga taberna dos anos 30, adornada com todos os utensílios e objectos característicos de um espaço como este. Havendo uma divisão interessante das paredes laterais, uma delas esta revestida a cartazes de touradas e eventos tauromáticos, outras revestida com cartazes de festas populares. Isto representa, respectivamente, o centro e sul do País, em contraponto com o Norte. Outros exemplos emblemáticos deste espaço são os *privados*, compartimentos onde se jogava a dinheiro, bem como no espaço de sala, onde estão exemplares de alguns jogos tradicionais portugueses, como o da laranjinha e o do burro.

10 | Abegoaria

A inexistência de estradas, assim como os inhóspitos caminhos rurais, levaram à utilização de veículos de tracção animal. Aqui está patente essa memória, através de uma colecção de carros antigos usados no transporte de uvas, de vinho e dos trabalhadores. Uma colecção composta por carros de bois, galeras, um aranhol, utilizado no transporte de cascos, uma carroça e conta, assim como algumas alfaias agrícolas: arados, forquilha, ancinhos, mangual, foices, etc.

11 | Tanoaria

Na oficina de tanoaria, é possível observar todo o conjunto de instrumentos indispensáveis ao tanoeiro para executar o seu trabalho, com todas as etapas que o processo pressupõe para o fabrico de vasilhas e tonéis, incluindo uma cisterna de aquecimento, onde se aqueciam as madeiras para as tornar maleáveis. Podemos observar, ainda, uma colecção de arcos de diversas medidas: plainas, bigornas, bancos de raspilha, um baixete e um macaco de bastir. Esta oficina foi utilizada nos anos 2000 para o restauro de alguns tonéis do Museu, pois ainda têm todo o material necessário para este ofício.

12 | Casa da Malta

A Casa da Malta é uma recriação de um espaço com as características do início deste século, onde viviam os trabalhadores, vindos de outros lugares e que se deslocavam em ranchos para participarem nas vindimas. Este espaço é composto por duas tarimbas forradas a palha onde os trabalhadores dormiam, uma mesa com vários utensílios de cozinha como tachos, panelas, talheres e um fogareiro, um cantareira e um considerável conjunto de objectos do quotidiano. Há também neste espaço, diversas alfaias agrícolas (enxadas, ancinhos e gadanhas), companheiras dos trabalhadores, assim como os seus alforges.

III. Caracterização do museu e comparação

Como já foi referido anteriormente, o MVA continua desde a sua reabertura com a feição de coleccionista herdada de Paixão Marques. Para que este Museu possa adquirir uma linguagem museológica, está no activo a Comissão Instaladora. Num recente texto de opinião sobre o Museu Nacional de Arte Antiga, intitulado *Museu de Arte Contemporânea ou do Modernismo? / Museu do Chiado 2.0 ou...*, António Cerveira Pinto enumera seis qualidades que fazem a diferença entre um museu interessante e amado pelo público e um deserto de ideias, onde ninguém vai:⁴⁸

1. o lugar do museu (forte ou fraco);
2. o edifício do museu (bom ou mau, neutro ou simbólico);
3. a colecção do museu (rigorosa e coerente ou disléxica);
4. a autonomia do museu (tudo o que continua a não existir entre nós, culpa sobretudo da própria ronha burocrática e do populismo eleitoral que temos);
5. o director do museu (bom, mau, inexistente);
6. a continuidade do museu (um museu que sucessivamente interrompe a sua acção, ou guina, como um bússola desnorçada, é um não lugar).

O conhecimento, nesta área, que possui o Coordenador Técnico, responsável pelo MVA, Dr. Alberto Guerreiro, é reconhecido, em particular neste caso que acompanha há muitos anos. Refere-se Coordenador Técnico e não Director, neste caso, uma vez que não se trata de um cargo com a atribuição e autonomia características de um cargo de direcção. Dúvidas haverá se terá condições técnicas para o desenvolver, não nos podendo esquecer que este é um projecto que tem de ser

⁴⁸ PINTO, António Cerveira; in <http://chroma-kai-symmetria.blogspot.pt> (último acesso a 23 de Agosto de 2014)

pensado a longo prazo, devido à sua grande dimensão, tanto física como museológica, e que isso implica períodos políticos, leia-se, períodos de quatro anos, correspondentes a cada mandato. O desafio enumerado no item 5, acima transcrito, está fortemente dependente da tutela do museu. Os itens 1 e 2 são-lhe altamente favoráveis, o lugar do museu é forte e o seu edifício simbólico. Já o item 3 é um grande desafio em termos expositivos, pois trata-se de uma coleção rigorosa e coerente e, como se justificará adiante, é a mais completa da área e, por isso, constitui mais um ponto a seu favor. O desafio referido no item 4 foi solucionado com a parceria público-privada estabelecida entre a Câmara Municipal de Alcobaça e a Cooperativa Agrícola de Alcobaça estando esta com a administração do Museu, permanecendo a gestão política e direcção técnica a cargo da Câmara Municipal de Alcobaça. Esta parceria evita, assim, de alguma forma, burocracias e barreiras, não as evitando, porém, por completo. O desafio implicado no item 6 constitui a grande questão que aqui se coloca, pois tudo depende da conclusão ou não desta fase inicial a cargo da comissão instaladora. Se a comissão tiver meios para conseguir fazer o seu trabalho e o materializar, dúvidas não haverá de que este será um projecto com futuro e para o futuro, ajudado por uma gestão autónoma que é defendida mais à frente, no capítulo IV, porque, como diz António Cerveira Pinto “sem autonomia responsável e supervisionada, e sem continuidade, nada funcionará com um mínimo de dignidade.”⁴⁹

Assim, partindo desta ideia exposta por A. Cerveira Pinto e tendo como material de apoio a referência bibliográfica *A vinha e o vinho em Portugal – Museus e espaços museológicos*⁵⁰, e bem assim o conhecimento adquirido na visita de alguns destes locais, parte-se para uma comparação entre os espaços museológicos ligados à vinha e ao vinho e o MVA, em vários aspectos, justificando o porquê de este ser o maior e mais completo testemunho da vitivinicultura em Portugal, sendo o único com uma expressão nacional, comparação esta apoiada na seguinte tabela:

⁴⁹ PINTO, António Cerveira; in <http://chroma-kai-symmetria.blogspot.pt> (último acesso a 23 de Agosto de 2014)

⁵⁰ Listagem de museus analisados: Museu do Vinho de Alcobaça; Centro interpretativo da Vinha e do Vinho - Mosteiro de Santo André de Ancede (Baião - Vinhos Verdes); Museu de Sítio de Ervamoira (Douro); Oficina Vinária – Museu do Vinho (Douro); Enoteca da Quinta da Avessada (Douro); Wine-House Quinta Nova (Douro); Caves de Santa Marta Museu-destilaria (Douro); Adega das Giesta Negras (Douro); Museu do Douro (Douro); Museu do Vinho do Porto (Douro); Museu Adriano Ramos Pinto (Douro); Museu Ferreira - Sogrape Vinhos (Douro); Sandman – Museu de Vinho do Porto (Douro); W. & J. Graham - Caves do Vinho do Porto (Douro); Aliança Underground Museum (Bairrada); Museu do Espumante; Núcleo Museológico da adega da Covilhã; Museu da Companhia Agrícola do Sanguinhal; Núcleo Museológico – Município de Sobral de Monte Agraço; Museu do Vinho de Alenquer – Portal da Rota dos Vinhos de Lisboa; Museu da Vinha do Vinho e da cultura da Região demarcada de Colares; Museu Rural e do Vinho do Concelho do Cartaxo; Vila Museu do Vinho, Aveiras de Cima; Núcleo do Vinho e da Vinha – Adega de Algeruz, Museu municipal de Palmela; Casa museu José Maria da Fonseca; Museu regional do Vinho de Redondo; Museu de Reguengos de Monsaraz; Herdade do Esporão; Museu do Vinho e da Vinha – Arco de São Jorge; Museu da Madeira Wine Company; Museu da Graciosa; Museu do Vinho do Pico; Museu da Vinha e do Vinho – Bucelas.

do Vinho de Alcobaca	etnografia; enologia; tecnologia tradicional; arqueologia industrial; artes decorativas; artes plásticas; artes gráficas; e a arquitectura do espaço	Vitivinícola, Vinícola	Vitivinícola; Vinícola; Coleção; Arquitectura;	Adega Séc. XIX, posteriormente Armazém da Junta Nacional do Vinho/IVV	Nacional	Urbana	Parceria Público-Privada (Administração Local/Empresa (Adega Cooperativa de Alcobaca))	Local Regional Nacional	Sim (exposições temporárias)	Sim
representativo da Vinha e do Mosteiro de Santo André de (Vinhos Verdes)	Etnografia; arquitectura	Ciclo da vinha e do vinho da região; técnicas tradicionais do tratamento da vinha; produção de vinho no território de Baão; paisagem vinhateira; produção demarcada dos Vinhos Verdes, sub região de Baão	Documentação	Adega do Mosteiro de Santo André de Ancede (séc. XII), Adega (séc. XVIII)	Regional	Rural	Público	Regional	Não	Sim
Castelo de Ervamoira (Douro)	Arqueologia; arquitectura	Paisagem vitícola envolvente: centro de interpretação da Quinta, do Vale do Coa; Arqueologia (Sarcófago Medieval encontrado na quinta); Património da Região demarcada do Douro; Casa Ramos Pinto	Documentação; Arquitectura; Território	Antiga casa da Quinta de Ervamoira	Regional	Rural	Privado (Empresa Ramos Pinto)	Regional; Nacional; Internacional (Património da Humanidade da UNESCO)	Sim (exposições temporárias)	Sim
Alameda - Museu do Vinho (Douro)	Etnografia	Ciclo do vinho, plantio e cultivo de vinha; processo de fabrico de aguardente	Vitivinícola; Vinícola; Comercial	Adega incinerada no núcleo renascentista da Vila de Torre de Moncorvo	Regional	Rural	Privado (Quinta das Aveleiras)	Local; Regional	Não	Não
Quinta da Avesa	Etnografia; enologia; documentação; arquitectura do espaço	História e cultura da vinha e do vinho da região do Alto Douro, desde a plantação, passado pelo processo de vinificação, até à degustação do produto final	Vitivinícola; Vinícola; Documentação; Arquitectura; Paisagem	Armazém de construção secular durieense no seio da Aldeia vinhateira de Faxalós.	Regional	Rural	Privado (Quinta da Avesada)	Regional; Nacional	Sim (Gastronómica; Workshops; conferências)	Sim
Quinta Nova (Douro)	Etnografia; enologia; tecnologia tradicional; arquitectura do espaço; azulejaria; património ferroviário	Ciclo da vinha e do vinho, vitivinicultura	Comercial; Arquitectura; Azulejos; património ferroviário.	Estação do Pinhão; Quinta Nova da Nossa Senhora do Carmo	Regional	Urbana	Privado (Quinta Nova da Nossa Senhora do Carmo)	Regional; Nacional; Internacional (Património da Humanidade da UNESCO)	Sim (Gastronómica; Workshops; conferências)	Sim
Santa Marta Museu-Destilaria (Douro)	Tecnologia tradicional; tecnologia industrial; Arquitectura do espaço	Processo de destilação	Destilaria	Antiga Destilaria das Caves de Santa Marta de Penaguão	Regional	Rural	Privado (Caves Santa Marta)	Local Regional	Não	Não
Giesta Negra (Douro)	Arquitectura do espaço; tecnologia tradicional	História do edifício	Edifício de Xisto da Idade Média	Adega das Giesta Negra (umas das adegas mais antigas de xisto do país - Idade Média)	Regional	Rural	Privado (Família Ayres de Mattos)	Local Regional	Não	Sim
Museu do Douro	Documentação; etnográfica; arte; artes visuais	Região Demarcada do Douro; Vitivinicultura	Território; Documentação	Edifício "Casa da Companhia" (sede da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, instituída pelo Marquês de Pombal) readaptado para museu de acordo com um projeto do arquiteto Duarte Cunha.	Regional	Urbana	Público	Regional; Nacional; Internacional (Património da Humanidade da UNESCO)	Sim (exposições temporárias); Artes Plásticas	Não
Museu do Vinho do Porto	Arquitectura do espaço; Documentação; arqueologia; pintura; gravura; metais; vidros; têxteis.	Vinho do Porto	Documentação; Comercial	Armazém da casa do Cais Novo	Regional	Urbana	Público	Regional; Nacional; Internacional	Não	Não
Casa Ramos Pinto (Douro)	Arquitectura do espaço; documentação; arte publicitária	História e cultura empresarial da Casa Ramos Pinto; vida privada de Adriano Ramos Pinto	Arquitectura; Comercial	Caves e Casa Ramos Pinto	Regional; Nacional; Internacional	Urbana	Privado (Empresa Ramos Pinto)	Nacional; Internacional	Não	Sim
Caves Sogrape Vinhos (Douro)	Arquitectura do Espaço; Etnografia; tecnologia tradicional	História privada de D. Antónia; História e cultura empresarial da Casa Ferreira	Arquitectura; artes publicitárias; Comercial	Caves Ferreira	Regional; Nacional; Internacional	Urbana	Privado (Sogrape)	Nacional; Internacional	Não	Sim
Museu de Vinho do Porto (Douro)	Arquitectura do espaço; documentação; arte publicitária; arte	História e cultura empresarial da Casa Sandman	Arquitectura; artes publicitárias; Comercial	Caves Sandman	Regional; Nacional; Internacional	Urbana	Privado (Sogrape)	Nacional; Internacional	Não	Sim
Caves do Vinho do Porto (Douro)	Arquitectura do espaço; documentação; arte publicitária	História e cultura empresarial da Casa Graham	Arquitectura; Comercial	Caves Graham's	Regional; Nacional; Internacional	Urbana	Privado (Graham's)	Nacional; Internacional	Não	Sim
Museu do Vinho da Bairrada	Arqueologia industrial; etnografia; tecnologia tradicional; artes plásticas	Vinícola	Vinícola; Enoteca; Mediateca; artes plásticas	Edifício feito para acolher o museu (2003)	Regional	Urbana	Público (Tutela Câmara Municipal de Anadia)	Local Regional Nacional	Sim	Não
Underground Museum (Bairrada)	Conjunto de coleções fora da temática vinícola: arqueologia; etnografia; mineralogia; paleontologia; azulejaria; cerâmica	Etnografia Africana; azulejaria Portuguesa; artes; vinícola	Arquitectura; coleções	Caves Aliança	Regional	Urbana	Privado (Aliança Vinhos)	Regional; Nacional; Internacional	Não	Sim
Museu do Espumante	Arquitectura	História vitivinícola e vinícola da primeira região demarcada de Espumante em Portugal	Vitivinícola; vinícola	Casa do Paço de Dalvares (séc. XIII); (onde viveu Egas Moniz)	Regional	Urbana	Público (Tutela Câmara Municipal de Tarouca)	Local; Regional; Nacional	Não	Sim
Museu da Adega da Covilhã	Arqueologia industrial; tecnologia tradicional; arquitectura	Vinícola; História e cultura empresarial da Adega	Vinícola; arquitectura	Adega Cooperativa da Covilhã (séc. XX)	Local; Regional	Urbana	Privado (Adegas cooperativa da Covilhã)	Local Regional	Não	Sim
Companhia Agrícola do Sanguinhal	Arquitectura; tecnologia tradicional; arqueologia industrial	Vitivinícola, Vinícola da região de Obidos	Arquitectura	Companhia Agrícola do Sanguinhal	Local	Rural	Privado (Companhia agrícola do Sanguinhal)	Local Regional	Não	Sim
Museu do Vinho - Município de Monte Agrapo	Etnografia; arquitectura	Vitivinícola, Vinícola	Vitivinícola; vinícola	Antiga Adega	Local; Regional	Urbana	Público (Tutela Câmara Municipal de Sobral de Monte Agrapo)	Local Regional	Não	Não
Museu de Alenquer - Portal dos Vinhos de Lisboa	Etnografia	Vitivinícola	Rota dos Vinhos de Lisboa	Antigo edifício séc. XIX	Local; Regional	Urbana	Público (Tutela Câmara Municipal de Alenquer)	Local Regional	Não	Não
Museu da Vinha e da cultura demarcada de Colares	Etnografia; documentação; fotografia	Vitivinícola	Vitivinícola	Adega Viúva Gomes	Regional	Urbana	Público/Privado	Local Regional	Não	Não
Museu da Vinha do Concelho do Cartaxo	Arqueologia industrial; tecnologia tradicional; documentação;	Vitivinícola; Vinícola; compreende ainda objectos associados ao pão, azeite, cavalo e touro.	Vitivinícola; vinícola; paisagem	Adega Quinta das Pratas	Local; Regional	Rural	Público (Tutela Câmara Municipal do Cartaxo)	Local Regional	Sim	Sim
Museu do Vinho, Avelas de Cima	Documentação; arquitectura	Via museu (17 adegas da Vila de Avelas);	Documentação; Arquitectura; paisagem	Via de Avelas de Cima	Local; Regional	Urbana	Público (Tutela Câmara Municipal de Azambuja)	Local Regional	Não	Sim
Museu da Vinha - Adega Municipal de Palmela	Tecnologia tradicional; arqueologia industrial; arquitectura	Vitivinícola; Vinícola	Arquitectura	Antiga adega da Herdade de Algeruz	Local; Regional	Rural	Parceria Público-Privada (Câmara Municipal de Palmela/Particular proprietário do espaço)	Local Regional	Não	Não
Museu de José Maria da Fonseca	Arquitectura	História e cultura empresarial da Casa José Maria da Fonseca; Vida privada de José Maria da Fonseca	Arquitectura; Caves	Edifício (séc. XIX) restaurado já no séc. XX pelo arquiteto Ernesto Korrodi.	Local; Regional	Rural	Privado (José Maria da Fonseca)	Local Regional Nacional	Não	Sim
Museu do Vinho de Redondo (Alentejo)	Tecnologia tradicional; cerâmica	Vitivinícola; Vinícola	Vitivinícola; Vinícola	Posto de Turismo	Local; Regional	Urbana	Público (Tutela Câmara Municipal de Redondo)	Local Regional	Não	Não
Museu dos Reguengos de Monsaraz (Alentejo)	Etnografia	Engoaba várias coleções artes e ofícios	Etnografia	Antigos celeiros da EPAC	Local; Regional	Rural	Público (Tutela Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz)	Local Regional	Não	Não
Museu do Esporão (Alentejo)	Arquitectura; arqueologia; artes plásticas	História e cultura empresarial da Herdade	Arquitectura; artes plásticas	Herdade do Esporão	Local; Regional	Rural	Privado (Herdade do Esporão)	Local Regional Nacional Internacional	Não	Sim
Museu da Vinha - Arco de Jorge (Madeira)	Botânica; Etnográfica; tecnologia tradicional	Vinícola	Campo experimental de vinhas; Vitícola	Imóvel pertença do Governo Regional	Local; Regional	Rural	Público (Casa do povo do arco de São Jorge)	Local Regional	Não	Sim
Madeira Wine Company (Madeira)	Enologia; tecnologia tradicional; arqueologia industrial; arquitectura; documentação; arte publicitária	Vitivinícola; Vinícola	Arquitectura	Adegas centenárias da Blandy Wine Lodge, antigo convento de S. Francisco (Séc. XVII)	Regional	Urbana	Privado (Madeira Wine Company)	Local Regional Nacional Internacional	Não	Sim
Museu da Graçosa Açores	Etnografia; geologia; Tecnologia tradicional	Vitivinícola; Vinícola; Ofícios tradicionais, religiosos e profanos	Etnografia	Antigo granel construído nos finais do séc. XIX requalificado em 2010	Regional	Urbana	Público (Rede regional de Museus do Açores)	Local Regional	Não	Não
								Local		

Tendo, então, em conta a tabela apresentada, passamos a uma breve análise comparativa destes espaços com o Museu do Vinho de Alcobaça.

O Museu do Vinho de Alcobaça é um Museu de Alcobaça, inserido na Região Oeste, mas com uma expressão nacional, devido a uma temática vitivinícola e vinícola que não se centra apenas na Região, mas, sim, que percorre todas as regiões vitícolas do país, com uma colecção abrangente. É um museu *in situ*, no local que foi inicialmente uma adega do séc. XIX, como já foi referido anteriormente. Tem uma inserção urbana no território e é actualmente um Museu de gestão público-privada. Promove ainda exposições temporárias e proporciona, como complemento à visita guiada, provas de vinhos.

A tipologia da colecção dos trinta e quatro espaços analisados passa, grande parte das vezes, pela vertente vitivinícola e vinícola, ou não fosse a tipologia das colecções de todos os museus, ligados a estas culturas da vinha e do vinho, mais ou menos etnográfica, mais ou menos industrial. No entanto, se comparados outros museus com o MVA, nenhum tem em si uma colecção tão abrangente e em tão grande número de áreas, sendo a do MVA a mais completa de todos os museus apresentados: etnologia; etnografia; enologia; tecnologia tradicional; arqueologia industrial; artes decorativas; artes plásticas; artes gráficas; cerâmica e a arquitectura do espaço, num grande conjunto de peças, desde alfaias até rótulos e garrafas. Em mais nenhum caso há uma colecção tão ampla e que retrate esta cultura a nível nacional, em muito devido ao acolhimento, neste museu, dos espólios de outros armazéns da JNV, espalhados pelo país. Na grande maioria dos casos, cada museu representa a região em que se insere, como por exemplo: Região dos Vinhos Verdes, Douro, Bairrada, Alentejo, Península de Setúbal, Tejo, Lisboa, Bucelas, etc. O que não acontece com o MVA, pois não se foca exclusivamente no local (Alcobaça) nem na região (Oeste) em que se insere.

A matriz do MVA é, sem dúvida, a sua colecção que, como já foi referido, é a mais completa a nível nacional. Outros exemplos há em que a colecção é a matriz, como por exemplo o Museu Rural e do Vinho do concelho do Cartaxo, o Museu do Vinho do Pico e o Museu do Vinho da Bairrada. No entanto, nenhuma das colecções é tão rica e grandiosa, quando comparada com a colecção do MVA. Mesmo o *Underground Museum*, que tem, como matriz distintiva, uma significativa colecção, não apresentando, contudo, uma colecção tão completa e exclusivamente dedicada à temática do vinho.

Muitos outros museus se fazem valer pelo seu edifício, ou porque foram uma antiga adega, tal como o MVA, ou porque se encontram num convento antigo, como Centro Interpretativo da Vinha e do Vinho - Mosteiro de Santo André de Ancede e o

Museu do Vinho do Pico nos Açores; mas em nenhum se deu uma transformação no tempo que retratasse tanto a evolução do sector e da actividade, passando de uma Adega do Séc. XIX para armazéns da JNV, com todas as transformações que isso implicou, tanto nos anos 40 como nos anos 70, factos possíveis de documentar *in loco*. Muitos outros possuem também *in loco* lagares antigos, é certo, mas neste caso específico do MVA vemos os lagares antigos do séc. XIX lado a lado com as transformações dos depósitos verticais do tipo Abel Pereira da Fonseca e, já no exterior, os reservatórios tipo cuba argelina, marcas das transformações ocorridas nos anos 70, toda uma linha evolutiva do processo de vinificação, no mesmo espaço.

Os casos do Museu Adriano Ramos Pinto (Douro), Museu Ferreira - Sogrape Vinhos (Douro), *Sandman* – Museu de Vinho do Porto (Douro), *W. & J. Graham* - Caves do Vinho do Porto (Douro) fazem-se também valer pelo edifício onde é produzido e armazenado o Vinho do Porto. Ao visitar-se uma destas casas, pode ser vista a linha de produção do vinho. Há, nestes casos, principalmente no caso das caves *Graham*, uma forte componente comercial. Outro caso específico, o da casa museu José Maria da Fonseca, faz-se valer a cima de tudo da sua colecção mas em todos estes casos esta está intimamente ligada à história privada dos seus fundadores e sua cultural empresarial sendo muito restritos na sua abordagem porque focam algo particular. Outro caso particular neste aspecto é o do Museu do Douro, que é projectado como um museu da respectiva região demarcada, sendo, portanto, um museu do território e que se distancia logo à partida do MVA. No caso da Quinta de Ervamoira, trata-se, acima de tudo, de um centro de interpretação da Quinta, inserida no Vale do Côa, associado a todo o legado milenar, à região demarcada do Douro, na qual se inclui, e à centenária casa a que pertence, a casa *Ramos Pinto*. É, portanto, um centro de interpretação do território e da história privada ligado, para além da vinicultura, à arqueologia, na sequência da descoberta de um sarcófago medieval nos terrenos de cultivo da quinta, entre outros objectos arqueológicos como moedas, cerâmica, entre outros vindos de vários pontos do império romano. Distancia-se fortemente do MVA, pois tem a cultura da vinha e do vinho em segundo plano e numa perspectiva privada.

Relativamente ao contexto, o MVA, como já foi justificado acima, é de expressão nacional, pois a sua colecção não se foca apenas no local/região em que se insere, como a maioria dos casos analisados, fazendo, antes, uma abordagem de toda esta actividade a nível nacional, sendo o único nestes moldes, incluindo, na sua exposição, um circuito que retrata todas as regiões vinícolas.

Relativamente à inserção no território (cf. Tabela), vemos que há maior incidência de uma inserção urbana, com o número de vinte museus com este tipo de

inserção contra catorze, inseridos em meio rural. Isto deve-se em parte à evolução dos territórios. Noutros casos, os edifícios estão desde logo em zona urbana, nomeadamente os construídos em edifícios contemporâneos.

Analisando este caso no que toca ao modelo de gestão, pode-se reparar que a diferença entre uma modelo público e privado é de cinco casos. Temos assim quinze espaços públicos, dois público-privados, e vinte privados. É no Douro e Porto que se insere a grande maioria de espaços privados, pois é nesta região que há um maior número de espaços associados a quintas e caves de vinho do Porto, sendo esta uma das maiores e mais antigas regiões demarcadas de Portugal e com uma maior cultura vinícola. E é nela que está a maior concentração de quintas e, por consequência, também a maior concentração de quintas com os seus próprios espaços museológicos ligados à sua história e ao seu património privado. Grande parte desses espaços museológicos, presentes no Douro e Porto, ligados ao seu *ex-libris*, o Vinho do Porto, pertencem às maiores e mais importantes marcas deste produto como *Ramos Pinto*, *Ferreira (Sogrape)*, *Sandman*, e *Graham's*.

Quanto ao *target*, no caso do MVA, depois da reestruturação pela qual irá passar, certezas existem de que irá recuperar a dimensão internacional que teve em tempos, figurando em inúmeros guias como o Guia *Michelin* e o Guia *Routard*, tendo assim um *target* local, regional e nacional. A grande maioria destes espaços analisados tem um *target* local/regional, sendo uma minoria os casos de um *target* nacional. Quanto aos que englobam um *target* internacional, estão presentes na região do Douro e do Porto, e em grande parte destes casos o motivo é porque se inserem em território que está classificado como Património da Humanidade da UNESCO e, noutros casos, como os das caves de Gaia, é porque estão focados no produto que produzem, o Vinho do Porto, produto esse com uma dimensão internacional.

Constata-se que são uma minoria os espaços que possuem uma programação associada ao funcionamento do museus e, na grande parte dos casos, em que essa programação existe, trata-se de eventos gastronómicos aliados a eventos vínicos. Há apenas três espaços, para além do MVA, que têm uma programação com exposições temporárias, nomeadamente de artes plásticas: o Museu de Sítio de Ervamoira e o Museu do Douro, que possui mesmo uma Galeria de arte, e ainda o Museu do Vinho da Bairrada. Constata-se, também, que vinte e três dos espaços realizam provas de vinhos, como complemento à visita.

IV. Propostas de qualificação da Gestão e Programação do Museu do Vinho de Alcobaça

1. Gestão e Programação Museológica

Actualmente, assistimos a uma grande expansão do conceito de património, dando atenção a áreas como as actividades económicas e industriais, o trabalho, vestuário e a vida privada, por exemplo, tornando-as tão dignas aos olhos da museologia, como as áreas até aqui estudadas pela história tradicional, pois todas elas reflectem transformações da sociedade.⁵¹ O Património permite, assim, recordar e operacionalizar o processo de memorização, sendo relevante para uma pessoa, família ou comunidade.⁵² Porque a história não pertence apenas às elites culturais, como aconteceu em tempos, mas sim a todos os sectores sociais.

A definição de museu não é algo consensual: várias são as entidades que *formam* a sua própria definição e se regem por ela. Uma das declarações mais antigas do ICOM, a “Declaração de Santiago do Chile (1972)”, descreve “museu como uma instituição ao serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na acção, situando as suas actividades num quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior das suas respectivas realidades nacionais.”⁵³ Como se constata, havia já, nesta altura, a descrição de um museu como estando ao serviço da sociedade e que

⁵¹ MENDES, José Maria Amado; *Museus e Educação. Estudos, Humanidades*, Coleção Estudos do Património, 2ª Edição; Coimbra; Imprensa da Universidade de Coimbra; 2013; pág. 13

⁵² *Ibidem.*; pág. 14-15

⁵³ Declaração de Santiago do Chile, 1972

contribuía para o *engajamento* das comunidades, uma das ideias fundamentais para qualquer concepção de museu.

Já de acordo com a 16ª Assembleia Geral, ocorrida em Haia, em 1989, e modificada na 18ª Assembleia Geral, ocorrida na Noruega, em 1995 um museu é, na definição do ICOM, "uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade".⁵⁴ O documento estabelece ainda normas mínimas para a prática profissional e actuação dos museus e do seu pessoal e tem como princípio no seu primeiro ponto o seguinte: "Os museus são responsáveis pelo património natural e cultural, material e imaterial."

Depois do período de encerramento, no qual em nada cumpriu a definição acima apresentada, pois não esteve ao serviço da sociedade nem do seu desenvolvimento, não esteve aberto ao público, não adquiriu nem conservou, não houve investigação, não difundiu e não expôs testemunhos, tendo apenas um contentor e o seu conteúdo, o Museu passa agora, nesta fase, a estar ao serviço da sociedade e a cumprir as funções que lhe competem, ainda que numa fase experimental. "As autoridades de tutela e todos os responsáveis pela orientação estratégica e a supervisão dos museus têm como primeira obrigação proteger e promover este património, assim como prover os recursos humanos, materiais e financeiros necessários para este fim"⁵⁵, diz o mesmo documento, coisa que o IVV não assegurou até à data da cedência à Câmara Municipal de Alcobaça.

A questão mais polémica na museologia trata-se do financiamento. O ponto 1.9 deste documento diz: "É de responsabilidade da autoridade de tutela assegurar recursos financeiros suficientes para realizar e desenvolver as actividades do museu. A gestão dos recursos deve ser feita de forma profissional."⁵⁶ Convencionalmente, os intelectuais ligados à museologia tinham um complexo com o factor económico. Até *Adam Smith*, pai da economia política, considerava que as profissões ligadas à arte, cultura e lazer não contribuían em nada para a riqueza das nações.⁵⁷ No entanto, um espaço museológico necessita de uma elevada preocupação com o estado de conservação do seu património e isso exige elevados recursos financeiros que a instituição não pode suportar, pois não tem fins lucrativos, o que a obriga assim a depender de alguma entidade para os suportar, sendo actualmente outra a

⁵⁴ ICOM; Código Deontológico do ICOM para Museus; Coreia do Sul, 8 de Outubro de 2004 http://www.icom-portugal.org/multimedia/CodigoICOM_PT%202009.pdf (último acesso a 30 de Julho de 2014)

⁵⁵ ICOM; *Op. Cit.*; pág.6

⁵⁶ *Ibidem*; pág.6

⁵⁷ MENDES, José Maria Amado; *Op. Cit.*; pág. 15

perspectiva.⁵⁸ Actualmente, a par com o mercado da arte, este já de longa tradição, assistimos também a um “mercado do património”, em valor de transacção (compra e venda) ou em valor de utilização.⁵⁹ A sobrevivência de um museu não pode, nos dias de hoje, continuar dependente de financiamentos estatais imprevisíveis, acima de tudo, pela constante desvalorização da cultura, derivada, muitas vezes, da conjuntura actual. Os museus, nos dias de hoje, têm que deixar de estar sob financiamento estatal, pois isso impede o seu desenvolvimento e crescimento. O museu tem, pois, que recorrer a parcerias com privados (tópico que está desenvolvido mais abaixo, para este caso específico do MVA) e a uma autonomia económica resultante da bilheteira e de várias actividades paralelas que permitam, contrariamente ao que o ICOM defende, a obtenção de lucros.

É certo, no entanto, que esta é apenas uma definição e não uma lei, mas o código deontológico do ICOM é, para o sector, a sua conduta. Em Portugal, existe a Lei Quadro dos Museus, que rege os espaços museológicos, mas mantem-se, aqui também, a mesma questão: esta lei define também os museus com espaços sem fins lucrativos.

Contudo, os museus necessitam de ter uma visão e organização empresarial e, nos seus quadros, incluir um gestor cultural, ou alguém que não o sendo tenha competências para tal, que consiga acompanhar essa visão e que, ao mesmo tempo, seja um programador cultural, que programe para gerir e gira para programar. Quanto a isso, a Associação Portuguesa de Gestores do Património Cultural (APGC), no seu código deontológico, define a função do profissional de Gestão do Património Cultural como sendo:

“Distinta de outras profissões relacionadas com o dito património. O Gestor do Património Cultural não é um artista, nem um conservador de Museus, nem um arqueólogo, nem um historiador de arte, nem um restaurador, nem um arquitecto, contudo pode ter formação em qualquer uma destas ou de outras áreas. O Gestor do Património Cultural é, eminentemente, um administrador de recursos, e a sua função é amplamente multidisciplinar, requerendo, primordialmente, um amplo conhecimento específico acerca do elemento do Património Artístico-Cultural que tenha de gerir, e, igualmente, possuir múltiplos e variados conhecimentos que vão desde as técnicas de Administração de Organizações Culturais à Direcção de Recursos Humanos e ao Marketing Cultural.”⁶⁰

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ MENDES, José Maria Amado; *Op. Cit.*; pág. 15

⁶⁰ <http://www.museusportugal.org/apgpc/> (último acesso a 30 de Julho de 2014)

Um estudo do conselho da Europa, por sua vez, diz que é o “gestor do património quem leva a cabo o dito trabalho de planificação, organização, comunicação, e controle que tornará possível a consecução de uma maior rentabilidade económica e social dos recursos patrimoniais existentes.”⁶¹

A definição do ICOM parece assim errada, quando dita que um museu tem de ser uma instituição sem fins lucrativos, e contraditória, quando são incluídos nesta categoria parques temáticos e jardins zoológicos que sempre tiveram propósitos lucrativos. Parece-nos que, neste ponto, devem, sim, ser questionados os fins desses lucros, pois um museu deve primeiro que tudo ser autónomo e deve aplicar os lucros na conservação, restauro, aquisição e manutenção dos seus equipamentos museológicos. “Os museus mantêm acervos em benefício da sociedade e de seu desenvolvimento - tem como princípio que: Os museus têm o dever de adquirir, preservar e valorizar os seus acervos, a fim de contribuir para a salvaguarda do património natural, cultural e científico. Os seus acervos constituem património público significativo, ocupam uma posição legal especial e são protegidos pelo direito internacional. A noção de gestão é inerente a este dever público e implica zelar pela legitimidade da propriedade desses acervos, por sua permanência, documentação, acessibilidade e pela responsabilidade em casos de sua alienação, quando permitida.”⁶² Parece correcto tudo o que aqui é dito neste ponto, mas tal não será possível, nos dias de hoje, sem a obtenção de lucros ou recurso a financiamento privado, como já foi referido.

No caso do MVA, o acervo é de tal dimensão que, ao ser-lhe atribuída uma linguagem e disposição museológica, muitos dos objectos em exposição, actualmente, terão de ficar em reserva, dando possibilidades de construir várias exposições temporárias, sendo assim possível traçar um plano programático de acordo com uma gestão eficaz dessas mesmas reservas.

Um museu tem na sua origem três actividades básicas: a pesquisa, a salvaguarda do seu património e a realização de exposições, temporárias e contínuas de objectos tornados representativos de uma época ou cultura impregnados de valores. Em resposta à pergunta “*Conservar para quê?*”, Susana Oliveira Jorge responde que “conversar serve para preservar e transmitir o que resta da memória colectiva (dum povo, dum região, dum nação ou mesmo do mundo); e também para conservar identidade ou identidades passadas e/ou presentes, situadas a diferentes

⁶¹ HÉRNANDEZ, Francisca Hernández in MENDES, José Maria Amado; *Op. Cit.*; pág. 113

⁶² ICOM; *Op. Cit.*; pág. 7; (último acesso a 30 de Julho de 2014)

escalas.”⁶³ Um museu é hoje obrigado a ter um papel bastante activo na sociedade tendo de se misturar com ela atraindo visitantes para o seu interior, numa estratégia de absorção. Através do passado o museu procura ilustrar a evolução do ser, e cumpre na sociedade a função de desvendar, elucidar ou animar fragmentos das culturas e civilizações.⁶⁴ E Portugal é um país que tem uma cultura riquíssima e preservada, muitos outros países deste mesmo continente europeu, e não só, viram a sua cultura desventrada por guerras. Precisa, no entanto, que esta mesma cultura seja potenciada, para que possa ser apreciada. Mais uma vez, citando Susana Oliveira Jorge, em resposta à pergunta “*Conservar para quem?*” a autora responde dizendo “conservar para todos e para cada um de nós. E, fundamentalmente, para o que existe de irredutível em cada um de nós. Neste ponto, a fruição dum lugar do passado só a cada um de nós diz respeito.”⁶⁵ Contudo, um museu não se esgota na mensagem que comunica, nem na exposição permanente nem em outras acções culturais dela subsequentes, tal como a observação dos visitantes não se esgota, por muito exaustiva que seja a informação que se procura obter e a oferta informativa que o museu proporciona. Assim, os museus têm de promover acções que atraiam o público, criando estratégias de relacionamento, cultivando um elo entre o público e o museu, havendo uma cumplicidade entre o indivíduo e a instituição museológica, uma comunhão museológico-pessoal. Essas tentativas de manter o vínculo precisam, no entanto, de se articular, para apresentar ao público o novo rosto do museu, já que “os museus têm o importante dever de desenvolver o seu papel educativo atraindo e ampliando os públicos saídos da comunidade, localidade ou grupo a que servem. Interagir com a comunidade e promover o seu património é parte integrante do papel educativo dos museus.”⁶⁶ O museu deve, porém, trabalhar com os públicos e não para eles. Na nova museologia, o centro das atenções desloca-se para o público e para a comunidade.⁶⁷ No entanto, um equipamento cultural não pode contemplar apenas o lado simbólico e emocional proporcionado pelas artes, pois tem de considerar o aspecto económico, sustentável e, principalmente, competitivo do mercado cultural.

Por outro lado, “os acervos dos museus reflectem o património cultural e natural das comunidades de onde provêm. Desta forma, o seu carácter ultrapassa aquele dos bens comuns, podendo envolver fortes referências à identidade nacional, regional, local, étnica, religiosa ou política. Consequentemente, é importante que a

⁶³ JORGE, Susana Oliveira, *Conservar para quê?*, Porto, FLUP, 2005.

⁶⁴ ROQUE, Maria Isabel Roque; *A comunicação no Museu*; Universidade Lusíada de Lisboa; Lisboa; 1990 - <http://dited.bn.pt/31586/2573/3088.pdf> - (último acesso a 04 de Setembro de 2012)

⁶⁵ JORGE, Susana Oliveira, *Op. Cit.*

⁶⁶ ICOM; *Op. Cit.*; pág. 11

⁶⁷ MENDES, José Maria Amado; *Op. Cit.*; pág. 25

política do museu corresponda a esta possibilidade.”⁶⁸ Ora, o conceito de museu tradicional nasce da revolução francesa, fruto do nacionalismo napoleónico responsável pelo conceito de grandes museus, apenas para usufruto das elites. Só depois da II guerra mundial o museu passa a estar ao serviço da comunidade perdendo gradualmente o elitismo característico destes espaços.⁶⁹ Esse conceito francófono de museu é um conceito não lucrativo, suportado pelo estado assegurando serviço público. Já a visão anglo-saxónica (séc. XVIII e XIX) nasce com um espírito empresarial, implementando, desde logo, um valor de entrada nos museus, ainda que de baixo custo, havendo já aqui a ideia de que o museu teria de ser suportado pelo visitante, dadas as grandes despesas de manutenção, mas sempre com uma atitude educativa para com os públicos. Curiosamente, dá-se uma evolução no sentido inverso e a visão anglo-saxónica passa a filantrópica e a ter a sua política museológica nas mãos de fundações e mecenas, dando grande importância à investigação e evoluindo para um museu gratuito. Já a tipologia francófona evolui para um museu de entrada paga, deixando assim de ser suportado pelo estado, como era inicialmente, invertendo-se, assim, ao nível do pagamento ou não pagamento da entrada, a posição de cada uma destas visões, misturando até um pouco os conceitos.

2. Propostas para a Gestão e Programação do Museu do Vinho de Alcobaça

A estratégia para a afirmação da dimensão nacional deste Museu pode passar pela criação de relações estreitas com grandes e pequenos produtores de vinhos de excelência, do norte ao sul do país, porque, se no seu espólio existe já essa dimensão nacional, basta reafirmá-la.

Assim, a parceria referida no parágrafo anterior, permitiria um aumento da visibilidade do Museu e faria com que os produtores tivessem todo o interesse em estar representados no MVA. A doação de uma peça de cada uma dessas companhias materializava a sua presença no museu e originava o enriquecimento da colecção. Todos os meses, uma dessas peças estaria em destaque, como peça do mês, havendo um maior enfoque destacando a instituição a que pertence.

Como se pretende que o MVA ocupe uma posição de destaque como lugar histórico da vitivinicultura em Portugal, que é, será de todo o interesse a representação dos produtores no Museu, e assim estes seriam individualmente pequenos mecenas, formando um *bolo* maior, atendendo ao grande número de produtores em Portugal,

⁶⁸ ICOM; *Op. Cit.*; pág. 13

⁶⁹ MENDES, José Maria Amado; *Op. Cit.*; pág. 16

pensando sempre e apenas em vinhos de qualidade.⁷⁰ Da associação do Museu a estas quintas/produtores nasceria também uma das mais completas e especializadas lojas de vinhos, onde o visitante poderia encontrar toda uma grande selecção de vinhos, dos mais premiados aos mais desconhecidos, tendo aqui o museu um papel de dar a conhecer tudo o que de melhor se produz no país, assim como o (papel) de possuir também a maior e mais completa livraria da especialidade. Outra das propostas apresentadas centra-se no desenvolvimento de um concurso de *design*, que premeie os melhores rótulos de garrafas de vinho, em cada ano, resultando depois este concurso numa exposição com os mais destacados. Ainda na temática dos rótulos, propõe-se também uma exposição que coloque lado a lado rótulos antigos, dos muitos que fazem parte do acervo do museu, com rótulos actuais, em marcas que estejam ainda no mercado. Fundamental será também realizar uma parceria com a *Revista de Vinhos*, a melhor revista especializada na área em Portugal, no sentido de desenvolver eventos e até, se possível, a realização da gala anual de prémios no Museu. Pode, por outro lado, proceder-se a criação, a par com a loja de vinhos, de uma loja seleccionada de artesanato tradicional e contemporâneo da região e Workshops de Ginja de Alcobaça.

Outra das propostas para este museu, que aqui fica apresentada, é um planeamento para uma Programação Cultural, durante o período Primavera/Verão (Abril a Setembro de 2015). A programação a ser apresentada (cf. Anexo II), e porque o MVA possui uma vincada componente etnográfica e tradicional, pretende ser uma programação ecléctica, abrangente e erudita, adequada às características do espaço e da envolvente em questão. Num museu com estas características, não podemos

⁷⁰ **Alentejo:** Adega de Borba; Adega Mayor; Aliança, Vinhos de Portugal; Altas Quintas; Bacalhôa, Vinhos de Portugal; CARMIM - Cooperativa Agrícola de Reguengos de Monsaraz; Casa de Santa Vitória; Cortes de Cima; Dona Maria Vinhos; Enoforum Carmim Group; Enoport United Wines; Ervideira Sociedade Agrícola; Esporão; Reguengos de Monsaraz; Fundação Abreu Callado; Fundação Eugénio de Almeida; Herdade da Malhadinha Nova; Herdade das Servas; Herdade do Peso; Sogrape Vinhos; Herdade do Rocim; Herdade dos Coelheiros; J. Portugal Ramos; L'AND Vineyards; Paulo Laureano Vinus; Roquevale; Sociedade Agrícola de Pias; Monte da Ravasqueira; Sociedade Agrícola Boas Quintas; Sociedade Agrícola Calha do Grou; Tiago Cabaço; Monte do Enforcado; Adega do Monte Branco; Companhia de Vinhos do Alandroal; Monte da Comenda Grande; Herdade do Mouchão; Herdade do Arrepiado Velho; D. Maria - Julio Bastos; etc. **Bairrada:** Luís Pato, Filipa Pato; Quinta da Avelada; Quinta das Bageiras; Sidónio de Sousa; Campolargo; etc. **Dão:** Quinta de Cabriz; Casa da Passarella; Quinta dos Carvalhais; Casa de Santar, Álvaro Castro; Julia Kemper; etc. **Douro:** Beuyra; Duorum; Casa Ferreirinha; Burmester; Brites Aguiar; Kopke; Quinta Nova; Niepoort; Quinta do Noval, Quinta do Vallado; Quinta do Pôpa; Sandeman; Quinta do Passadouro; Quinta do Côtto; Quinta de La Rosa; Quinta do Côa; Ramos Pinto; Quinta da Romaneira; Quinta do Castro; Quinta do Vale Dona Maria; Quinta do vale Meão; Quinta da Pacheca; Quinta Nova; Quinta do Vesúvio; Quinta das Tecedeira; Quinta do Vale da Perdiz; Quinta do Cidrô; Quinta da casa Amarela; Poeira; Chryseia; etc. **Lisboa:** Quinta dos Capuchos; Quinta do Sanguinhal; Quinta de S. Francisco, Quinta das Cerejeiras; Quinta do Rol, Quinta da Chocapalha; Casa das Gaeiras; Quinta de Pancas; Casa Santos Lima; Quinta de Monte Doiro; AdegaMãe; Caves Vidigal; Quinta de Sant'Ana; etc. **Tejo:** Quinta da Alorna; João Portugal Ramos; Fiuza & Bright; Casa Cadaval; Caves Velhas; Qta S. João Batista; Rui Reguinga; Vale D'Algares; Quinta da Badula; etc. **Setúbal:** Casa Ermelinda Freitas; Quinta da Bacalhôa; Herdade Da Comporta; Sota Lda.; António Saramago Vinhos; Herdade do Portocarro; etc. **Trás-os-Montes:** Valle Pradinhos; Emoções Douro; Casa do Valle; etc.

descuidar o tipo de eventos a programar correndo o risco de criar algo descontextualizado e inapropriado.

A temporada Primavera/Verão é justificada por várias razões, que vão das efemérides incluídas neste período, como é o caso do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios e do Dia Internacional dos Museus e ainda o Dia de S. Bernardo (Padroeiro de Alcobaça) até ao facto de ser a altura do ano, em que, devido às condições climáticas, há um maior fluxo de turistas e conseqüentemente um maior número de visitantes.

Assim sendo, pretende-se, como foi dito, uma programação ecléctica – com a liberdade de escolher o que parece melhor para o museu com padrões de gosto e qualidade, abrangentes – focando as várias áreas artísticas, como a fotografia, artes plásticas, performance, teatro, música, instalação, e também as áreas etnográficas. Em síntese: uma programação pensada em Português, tendo em conta as características referidas acima e com uma forte presença de artistas alcobacenses desconhecidos dos olhares menos observadores.

Artes Plásticas & Fotografia

Ciclo de Artistas Alcobacenses

Alcobaça tem uma mística inexplicável, que não é depois explorada: nascem no seio desta terra inúmeros artistas que rumam a outras paragens, tornando a cidade mais pobre. Pretende-se, assim, que este seja um espaço que mostre esses artistas desconhecidos dos seus conterrâneos, aqueles que ninguém imagina detentores de um trabalho artístico imenso e de reconhecido valor noutros locais. Assim, a cada mês, poderá concretizar-se uma nova proposta, “surgir” um novo artista que a cidade viu nascer, um novo trabalho criado a partir do universo do museu, em sintonia com as características deste espaço museológico.

No entanto, as propostas de exposições não se ficam por aqui, pois pretende-se criar outras abordagens, a partir do acervo do museu e de temáticas que este suscite, da cerâmica à arqueologia industrial.

Cinema

Para este período, a nível cinematográfico, neste caso específico cinema documental, esta programação recai sobre o importantíssimo trabalho desempenhado por Michel Giacometti, o trabalho que apenas um pessoa exterior à nossa realidade teve percepção que teria de ser mostrado, registando a autenticidade da nossa cultura e das nossas raízes, que se vão perdendo e que uma geração mais nova não imagina

terem existido. Esta proposta estende-se durante quase três meses, com uma sessão semanal, num total de doze sessões, realizadas, por questões logísticas e por uma programação que se quer fora de portas, no pequeno auditório do Cine-Teatro João D'Oliva Monteiro. Pretende-se, também, com a escolha deste auditório, o uso de um equipamento com uma utilização quase inexistente, potenciando assim um espaço e devolvendo-o à sociedade. Para além deste ciclo, haverá uma continuada programação documental etnográfica.

Música

Nesta área, dois ciclos anuais distintos, um intrinsecamente ligado à aura deste museu, ligado à cultura popular e outro ligado à música erudita, que também ecoa nas paredes deste espaço.

Ciclo José Eduardo Raposo Magalhães

A personalidade que dá nome a este ciclo é o fundador do edifício que alberga hoje o MVA, edifício fundado no séc. XIX. Assim, este é um ciclo de música erudita, um ciclo de piano predominantemente do séc. XIX e dos séculos precedentes, mas que também pode viajar pela modernidade da erudição dos posteriores séculos XX e XXI.

Ciclo Paixão Marques

É o Engenheiro Paixão Marques que dá nome a este ciclo, pois é devido à sua paixão que o MVA existe e **existe** com características etnográficas e populares. Este ciclo poderá passar por algumas das propostas musicais de uma “erudição popular”, que se vai fazendo por cá. De grupos com um longo historial a grupos recentemente editados, a programação passa por várias propostas de sons tradicionais, que vão dos pandeiros às gaitas-de-foles, sempre com o rufar do bombo por trás.

Cistermúsica

Outras das propostas na área musical será a associação ao festival Cistermúsica. “O Cistermúsica – Festival de Música de Alcobaça realiza-se desde 1992 e é o grande acontecimento cultural de Alcobaça e um dos mais relevantes da região. Desde a primeira edição, foi sua ambição colmatar a falta de concertos regulares com uma programação ecléctica na área da música erudita.

Dirigido pelo compositor Alexandre Delgado desde 2002, o Cistermúsica tem hoje como objectivos artísticos: proporcionar às populações locais contacto com os grandes clássicos de todas as épocas; abordar os mais diversos estilos e géneros de

forma cativante e pedagógica (nesse sentido todos os concertos são precedidos por uma introdução do Director Artístico); desenvolver temáticas alcobacenses; fazer a estreia em Portugal de obras importantes do repertório internacional; destacar a música portuguesa, através de estreias absolutas, estreias contemporâneas e obras que não se ouvem há décadas; incentivar a criação com o recurso a encomendas; atrair as crianças e os jovens da região para o estudo da música, em particular de instrumentos de cordas.

Exemplo pioneiro entre os festivais do nosso país pela atenção dada ao património musical português, o Cistermúsica cumpre esse desígnio não por especial favor ou obsessão chauvinista, mas pela preocupação de contribuir para uma cultura viva.

O Cistermúsica é, hoje, uma instituição cultural em toda a região onde está integrado e um dos festivais de música e dança com maior destaque no plano nacional, contando com o apoio da Direção-Geral das Artes e de vários outros parceiros institucionais e privados.

Apresentando regularmente formações e instrumentos inéditos, sem esquecer uma aposta cada vez mais crescente e reforçada em jovens talentos, além de conjugar repertórios raros e divulgar obras de grande popularidade de autores consagrados, incluindo muitas vezes estreias inéditas, o Cistermúsica – Festival de Música de Alcobaça tem ainda promovido uma forte descentralização cultural levando a música a um acrescido número de freguesias e monumentos do concelho.

Normalmente o festival realiza-se durante os meses de Junho e Julho, aproveitando não só as noites agradáveis de Verão, mas também as diversas infraestruturas arquitectónicas existentes, de alto relevo histórico e patrimonial, num contexto onde a formação e sensibilização musical dos públicos locais acaba por se combinar na perfeição com a passagem pela região dos mais diversos públicos turísticos que anseiam nestes locais muitas vezes, mais do que o testemunho de um passado rico, experiências únicas e culturalmente relevantes.”⁷¹

Teatro

Nesta área, as propostas viajam por universos distantes que confluem para a temática explorada. Assim, de coreógrafas contemporâneas ao GEFAC – Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra – as propostas serão várias.

⁷¹ <https://www.facebook.com/festivalcistermusica/info> (último acesso a 02 de Setembro de 2014)

Contos Populares Portugueses

Lendas, Mitos e Contos Tradicionais Portugueses, uma sessão de leitura a cada segunda sexta-feira do mês, no que pretende ser um evento que envolva a comunidade, dirigido e trabalhando em conjunto com as comunidades de idosos presentes em centros de bem-estar, valorizando-se uma tradição oral que não se pode perder, sempre precedida de uma conversa aberta.

Encontro de Enólogos

Ponto de encontro de enólogos, enófilos, *experts* e apaixonados por vinhos. A acontecer sempre na terceira sexta-feira do mês, traz a cada encontro uma região em destaque e novos temas relacionados com o encantador mundo dos vinhos. São regiões, castas, pequenos e grandes produtores, tudo isso se transforma numa deliciosa *assemblage* para os descontraídos encontros. Além de degustar excelentes rótulos, este encontro proporciona momentos agradáveis aos apreciadores desta fascinante bebida.

V. Experiência de Estágio

Foi em Março de 2013 que se iniciou este estágio curricular que prosseguiu até 31 de Agosto e que dá agora origem a este relatório. O museu do Vinho foi, desde o momento em que encerrou, algo que suscitou o meu interesse e despertou a minha sensibilidade patrimonial. Desde essa hora que me interessou o assunto do museu e, assim, no dia em que depreendi que poderia estar à vista uma solução para a sua abertura, decidi iniciar este trabalho. Nesse momento procurei logo estar em contacto com a pessoa responsável, na esperança de poder presenciar, a partir de dentro, essa abertura, uma vez que tinha um estágio a realizar. Assim foi, aliando estas duas questões e com a concretização do protocolo entre o município de Alcobaça e a Universidade de Coimbra, a 4 de Março, iniciei funções.

O guião do estágio foi composto por três fases principais. Na primeira fase, que me acompanhou durante todo o estágio, tive o encargo de conferir e registar todas as mais de dez mil peças dos museu. Na segunda fase, ocupei-me do desenvolvimento e criação da nova imagem para o Museu. E, na terceira fase, encetei o estudo do turista que visita a cidade de Alcobaça, a fim de perceber quais as lacunas ao nível turístico e cultural e o que era necessário fazer para atrair mais visitantes, não só para o museu como para a cidade. Para além destas três actividades principais, tive também funções de assistente de produção dos eventos realizados no museu, antes e depois da sua abertura ao público, que aconteceu a 28 de Junho de 2013.

1. Conferência, Contagem e Inventariação

Todas as instituições são portadoras de um legado patrimonial. Neste caso, temos desde logo o edifício que é o mais antigo desse património, mas também um enorme recheio que convém identificar e registar, para que não haja perdas.

A primeira fase – ocupação que me “acompanhou”, praticamente, todos estes dias – consistiu em conferir a folha de inventário cedida pelo IVV, uma vez que o inventário feito anteriormente teria desaparecido com a ida de todo o material bibliográfico para os edifícios do IVV, em Lisboa, por alturas do encerramento do Museu. Ao começar este processo, deparo-me com um trabalho nada profissional por parte do IVV, pois todo o material que necessitava de contagem, ou outro com grande especificidade, como é o caso da colecção afecta aos processos laboratoriais, não tinha sido inventariado ou não estava nomeado e descrito correctamente. Como por exemplo, no caso das garrafas e rótulos, em que não havia uma contagem mas apenas referia: “várias garrafas expostas”, “vários placards com rótulos”, ou, em zonas como material de laboratório, apenas constava “vário material de laboratório”, etc.

Por isso, o registo defeituoso recebeu obrigou-me a vários momentos, neste processo. Em primeiro lugar, tive de conferir, pelo registo, o que estava e o que não estava e, ainda, o que constava no registo, mas não “estava” fisicamente. Pois, tanto se dava o caso de haver registos de objectos que não estavam presentes, como havia material que não estava registado. Dada a especificidade de muito do material, tinha de recorrer a livros, internet e à ajuda do meu orientador de estágio, Dr. Alberto Guerreiro, para evitar fazer um trabalho idêntico ao que tinha sido feito anteriormente e que era apenas um levantamento leviano e genérico, não preenchendo os requisitos da documentação museológica. Depois disto, tive ainda de voltar a realizar a recontagem de todas as garrafas e todos os rótulos no edifício principal. Enfim, após este trabalho estar concluído, tive ainda a contagem na Destilaria, Adega dos Balseiros, Taverna, Abegoaria, Tanoaria e Casa da Malta, assim como no exterior e no Laboratório, casos também muito específicos. Por último, totalizada a colecção, tive de contabilizar, ainda, o total em cada sala e espaço e agrupar, também, todos os objectos do acervo, por tipologias.

No final de todo este longo processo, foi possível chegar à contabilização de um espólio com 10.369 peças, onde constam: 4353 bens artísticos e históricos; 5024 bens técnico-científicos e industriais e 992 bens etnográficos, num total de várias colecções distintas, que formam o todo que é o acervo do MVA – um conjunto eclético que vai desde a etnografia, tecnologia tradicional, património e arqueologia industrial, enologia, artes gráficas às artes decorativas sempre com uma forte ligação à vinicultura e viticultura e do universo que as rodeia, com diferente pontos de vista desde o local ao nacional.

No entanto, o estado de abandono do Museu não permitiu que este espólio continuasse a ser enriquecido, havendo assim uma lacuna referente às duas últimas décadas.

2. Criação da Imagem do Museu do Vinho de Alcobaça

A segunda tarefa de que fui incumbido, com particular satisfação, até porque se revestiu num elevado *depósito de confiança*, foi a criação da nova imagem para o Museu, que agora reabria. Para isso, comecei por fazer um levantamento de logótipos de museus portugueses e estrangeiros de forma a estabelecer-se um estudo comparativo do que tinha sido feito nesta área a nível museológico, levantamento esse que se pode verificar em anexo (cf. Anexo III). Tinha já em mente uma imagem bastante icónica, que eram os telhados do museu, do qual graficamente se pode desenhar um M. Desconstruindo esse M, podemos obter um V. Se mantivermos apenas o último vértice, conseguimos desenhar um A, que se torna perceptível com o janelão em forma de óculo. Assim, da desconstrução desse M, que o telhado parece fazer graficamente, nasce esta ideia elaborada com o auxílio da designer da CMA, Ana Alves (cf. Anexo IV).



Figura 3 - Imagem da fachada do Museu do Vinho de Alcobaça

Em anexo, podem ainda ser observados alguns exemplos testados, a partir dos estudos feitos até se chegar ao logótipo do museu, passando por várias fases. Aproveitando a silhueta da fachada, foi também criada uma imagem secundária,

presente em alguns dos matérias de comunicação. Essa imagem é ainda usada como elemento identificativo do museu, acompanhando muitas vezes o logótipo, sucedendo-se também outras ideias, para outros materiais de comunicação (cf. Anexo VIII e IX).

No sentido de divulgar a reabertura do Museu, com a preocupação de transmitir a ideia de uma fase experimental, criaram-se uma série de *mupis* (cf. Anexo X), com imagens de objectos icónicos do museu como fundo, acompanhadas com frases que fazem uma alusão a esse facto, num contexto lexical vitivinícola e vitícola. Alguns dos exemplos são “Um museu em (...)” movimento; maturação; ebulição; (re)construção; fermentação; etc..

3. Inquérito ao turista que visita Alcobaça

A responsabilidade pela parte inicial do processo de implementação do inquérito ao turista que visita Alcobaça (cf. Anexo XIII), correspondeu à terceira fase do plano de estágio, que depois da conclusão do mesmo prosseguiu a cargo de um grupo de estagiárias, em Gestão Turística e Cultural, do Museu Raul da Bernarda e também do MVA. A implementação deste inquérito já só foi possível no final deste estágio, logo, dado que a sua aplicação tinha sido definida para um prazo de doze meses (Setembro 2013 a Setembro 2014), a fim de obter resultados fidedignos, não permitiu o acompanhamento de todo o processo. O início deu-se com o primeiro contacto com os hotéis a fim de perceber a sua receptividade, pois estes seriam o maior aliado para o sucesso desta acção, uma vez que são os espaços que movimentam e concentram mais turistas, para além do Mosteiro. Nesse sentido, foi realizada, então, uma primeira abordagem, explicando o processo e os seus benefícios, para uma mais fácil *leitura* do perfil do turista que visita Alcobaça, fazendo com que o agente receptor percebesse melhor que este estudo seria de todo o seu interesse, pois os resultados iriam dar pistas para o futuro.

Assim sendo, a receptividade do inquérito por parte dos agentes hoteleiros permitiu implementá-lo junto de doze pontos, considerados lugares-chave: dois postos de turismo (Alcobaça e São Martinho do Porto); dois museus (Museu do Vinho de Alcobaça e Museu Raul da Bernarda); cinco unidades hoteleiras (Hotel Santa Maria, Hotel D. Inês, Your Hotel & SPA, Hotel Real Abadia Congress & SPA e Challet Fonte Nova); um monumento (Mosteiro de Cós) e dois espaços de restauração (Estremadura Café e Restaurante António Padeiro). Houve, por outro lado, a preocupação de o inquérito ser aplicado em quatro idiomas, tentando tornar-se abrangente relativamente aos perfis turísticos que visitam Alcobaça: português, espanhol, francês e inglês.

Ao planear e *desenhar* o inquérito, a principal preocupação era que este fosse incisivo e objectivo, caso contrário corríamos o risco da sua não aceitação, pois o turista não iria desperdiçar muito do seu tempo no preenchimento de um inquérito longo, por mais pertinente que este fosse. Assim, foi necessário focar o que realmente era preciso apurar. Uma das questões a apurar seria o tempo de estadia do visitante, um dos principais problemas da cidade, para permitir estudar um conjunto de actividades culturais, numa cidade que tem muito mais para oferecer, oferta essa que, infelizmente, fica muitas vezes longe do olhar dos turistas que a visitam. Concluída a fase inicial de observação (Setembro 2013 a Março 2014), as primeiras conclusões, numa amostra de 643 inquéritos, a esta questão vieram a comprovar o que se esperava: a grande maioria dos turistas passa apenas um dia na cidade (46%).

A segunda principal questão a apurar neste inquérito seria a de conhecer qual a razão da visita a Alcobaça, para que se pudesse perceber o que fazia o turista deslocar-se até esta cidade. Aqui, a resposta à opção “Património Monumental” é esmagadora (38,72%), o que já se antevia, devido ao Mosteiro de Santa Maria Alcobaça, Património da Humanidade e um dos monumentos mais visitados do país; no entanto, é interessante perceber que a opção “Negócios” tem uma forte expressão nas respostas (12.9%). Ainda a este propósito, é curiosa a incidência de respostas que apontam a “Saúde e o Bem-Estar” como motivação da visita a Alcobaça (13%), valor justificado pelo facto de três dos cinco equipamentos hoteleiros presentes no inquérito apresentarem serviço de SPA's (Your Hotel & SPA, Hotel Real Abadia Congress & SPA e Challet Fonte Nova).

O inquérito proporcionou-nos, ainda, outras informações. Percebemos, por exemplo, que a população turística é sobretudo idosa (38.41%), tendo idade superior a 55 anos, contra uma percentagem de 19.90% de uma população turística mais jovem, entre os 25 e os 34 anos, com uma maior incidência de estrangeiros (59,00%) em oposição a (34,83%) turistas nacionais. No que toca à escolaridade percebemos que a tendência é para um perfil de qualificação superior (37.79%).

Como se verificou (cf. supra), uma maioria significativa dos turistas inquiridos não permanece mais do que um dia (46%), percentagem à qual deve ainda ser acrescentado o valor do turista em trânsito, que não chega a pernoitar em Alcobaça (6%), valor este residual mas que se deve à não implementação, nesta fase, deste tipo de inquérito no Mosteiro de Alcobaça, onde ocorre a maioria de visitas em trânsito, caso contrário este valor subiria, decerto, exponencialmente.

Este é o principal problema e o maior dos desafios, sendo urgente inverter esta situação, aumentando o tempo de estadia do turista que visita a cidade. Para isso, é necessário um desenvolvimento do sector turístico e cultural, em benefício de

uma eventual inversão da situação referida. Ficámos, já nesta primeira fase, com a certeza de que este mecanismo será uma mais valia para uma *leitura* do presente, podendo modificar o futuro turístico da cidade, uma vez que permitiu, apesar de ainda inicialmente, um conjunto de resultados para uma avaliação mais eficiente desta questão que esperamos se traduzam em políticas e estratégias culturais que tornem esta cidade num grande polo turístico-cultural, que permita fixar, assim, mais visitantes.

O turismo cultural é definido como “Uma deslocação (com pelo menos uma dormida), cuja motivação principal é a de alargar os seus horizontes, de procurar conhecimentos e emoções através da descoberta de um património e do seu território.”⁷² Para que o turismo cultural da cidade aumente e se torne coeso é, pois, necessário intervir rapidamente em muitos dos equipamentos já *pensados*, para que se tornem *concretos*, ou nos já existentes, mas à espera de uma solução, deixando alguns exemplos abaixo:

- Abertura da Casa-Museu Joaquim Vieira Natividade
- Reabertura do Armazém das Artes como pólo de Arte Contemporânea da cidade
- Construção de um local de Residências Artísticas
- Criação de um espaço para o núcleo Museológico "Máquinas Falantes"
- Criação do Museu de Cerâmica de Alcobaça
- Criação de um polo expositivo e de estudo da Chita de Alcobaça
- Regresso do núcleo Museológico da fabrica Atlantis à própria
- Museu dos Coutos de Alcobaça (Museu de território)
- Recuperação da Central Eléctrica de Alcobaça

Acresce, aos itens enunciados, a necessidade da criação de várias rotas, aproveitando temáticas potenciadoras da região:

- Rota Atlântica (Praias da região: Água de Medeiros; Pedra do Ouro; Polvoeira; Paredes da Vitória; Mina; Vale Furado; Vale Pardo; Légua; Falca; Gralha; S. Martinho do Porto);
- Rota Joaquim Vieira Natividade (Pomares da região - Frubaça - Estação Nacional de Fruticultura Vieira Natividade – Casa-Museu Vieira natividade);

⁷² CLAUDE, Origet du Cluzeau in MENDES, José Maria Amado; *Museus e Educação. Estudos, Humanidades, Coleção Estudos do Património*, 2ª Edição; Coimbra; Imprensa da Universidade de Coimbra; 2013; pág. 17

- Rota do Vinho de Alcobaça (Quinta dos Capuchos – Adega Cooperativa de Alcobaça – Museu do Vinho de Alcobaça);
- Rota da Ginja de Alcobaça (Plantação – Fabrico – Prova do Licor – Experiências em Cocktelaria no Estremadura Café);
- Rota dos Palacetes de Alcobaça (Palacete Augusto Jorge; Challet Fonte Nova; Palacete Dr. António de Sousa Neves; Challet do Director da Companhia de Fiação e Tecidos de Alcobaça; Palacete Araújo Guimarães; Palacete Família Oliveira; Challet de Francisco Oriol Pena; Palacete Rino; Palacete do Dr. Barreto; Challet Família Magalhães);
- Rota Serras de Aire e Candeeiros
- Rota da Cerâmica
- Rota do Vidro (Museu do Vidro (Marinha Grande) – Altantis)

Alcobaça carece assim, de um maior investimento na área da cultura, e que se guie por uma política cultural bem definida que vá ao encontro das necessidades dos visitantes. Para isso, será necessária uma articulação e diálogo entre as várias entidades culturais e políticas da cidade, de forma a estabelecer um plano de intervenção cultural que vise um melhor aproveitamento dos recursos disponíveis e uma convergência a um mesmo fim – a atractividade cultural da cidade.

Na verdade, a cidade é possuidora de um enorme conjunto de factores a seu favor, que serão favoráveis à criação de novos produtos ou novas zonas turísticas e ainda poderá beneficiar dos projectos já implementados e que ganhem uma maior dimensão. Neste momento, esta cidade tem no turismo a sua sobrevivência e é, assim, necessário reforçar a oferta para que esta se torne uma cidade museológica por excelência e um dos pólos culturais mais fortes e coesos do país. O legado já foi deixado, sendo, portanto, apenas necessário trabalhar para tornar esta cidade numa referência cultural forte, pois não basta ter um dos Monumentos mais visitados do país, é necessário que haja mais oferta para fixar o turista em trânsito.

4. Assistência à produção dos eventos do museu

Durante o período deste estágio, alguns foram os eventos ocorridos no âmbito do museu, antecipando a sua reabertura ou posteriormente a esta, incluindo, claro está, o momento inaugural.

O primeiro desses momentos corresponde ao dia Internacional dos Monumentos e Sítios, dia da sessão de esclarecimento sobre o futuro do MVA, onde

foi feito o ponto de situação do Museu, no qual estive incumbido de colaborar na organização do espaço de realização do evento.

O segundo momento corresponde ao dia Internacional dos Museus, dia 18 de Maio, com o tema “Memória + Criatividade = Mudança Social” ao qual a CMA e a Comissão Instaladora do MVA se associaram, evento este disseminado em todo mundo pelo ICOM. O evento iniciou-se pelas 11h00, no Auditório da Biblioteca Municipal de Alcobaça, com um debate cuja organização do espaço para o colóquio também esteve a meu cargo. Da minha responsabilidade foi também a organização do espaço para o Almoço, que decorreu na Adega dos toneis no museu.

Para a reabertura do museu, momento que se segue, tive como responsabilidades questões logísticas e de comunicação, como a criação do cartaz, mais uma vez em conjunto com a designer da CMA, Ana Alves.

No evento seguinte – “Vinhos de Cister” – foi-me delegada a organização logística da *wine-party*, para a qual pensei em soluções para o ambiente *lounge*, assim como depois para o seu desenho no local.

Já no “Ciclo de Baco - Programa de Exposições Itinerantes do MVA” – tive como função a assistência à montagem e desenho no espaço das exposições. De referir também que foi da minha responsabilidades a gestão da página de *facebook* desde a sua criação até ao final do estágio. Em baixo, seguem-se os eventos aqui mencionados, com as respectivas sinopses.

Dia Internacional dos Monumentos e Sítios | 18 de Abril de 2013

A primeira iniciativa desta nova fase do museu é a sessão de esclarecimento sobre o futuro do MVA no dia 18 de Abril, dia Internacional dos Monumentos e Sítios. Esta sessão de esclarecimento, onde foi feito o ponto de situação do museu, foi moderada pelo Dr. Rui Rasquilho e estiveram presentes, com as respectivas comunicações: Paulo Inácio, Presidente da Câmara Municipal de Alcobaça, com a comunicação "Orientações político-estratégicas do museu"; Rui Rasquilho, Historiador com "Enquadramento local e regional"; Jorge Custódio, Arqueólogo, especialista no Património Industrial da UNL, com "Enquadramento do projecto científico do Museu do Vinho"; Alberto Guerreiro, Museólogo da CMA, com "Desenvolvimento técnico-científico da programação e gestão museológica"; António Maduro, Historiador do ISM, com "Investigação vitivinícola na região cisterciense"; Carlos Gil Moreira, Arquitecto, com "Acções de identificação e intervenção arquitectónica"; António Caetano, Engenheiro Agrónomo, Vice Presidente da ACA, com "Ligação da Adega Cooperativa

de Alcobaça ao Museu do Vinho" e Manuel Castelhana, Sociólogo e Presidente da Cooperativa Agrícola de Alcobaça, com "Ligação do sector agrícola ao Museu do Vinho de Alcobaça". Cada interveniente deu o seu parecer, na sua área de especialização, do desenvolvimento dos trabalhos feito desde que a Comissão Instaladora entrou em funções até ao momento presente (Dezembro de 2012 a Abril de 2013). No final, seguiu-se uma degustação de vinhos da Adega Cooperativa de Alcobaça.

Dia Internacional dos Museus | 18 de Maio de 2013

As comemorações do dia 18 de Maio, iniciaram-se pelas 11h00, no Auditório da Biblioteca Municipal de Alcobaça, com um debate cuja abertura estará a cargo do Presidente da Câmara Municipal (Paulo Inácio), com a presença do Presidente do Comité Nacional do ICOM (Luís Raposo), bem como comunicações de dois investigadores convidados na área do turismo cultural (Eduardo Cordeiro Gonçalves do Instituto Superior da Maia) e museologia (Henrique Coutinho Gouveia da Universidade de Évora). No seguimento e como a gastronomia é parte indispensável da cultura portuguesa e complemento/acompanhamento do vinho, seguiu-se na Adega dos Tonéis um almoço-convívio e uma visita comentada dedicada ao "passado, presente e futuro" do espaço museológico, conduzida pelo museólogo Alberto Guerreiro (CMA/CIMVA).

Vinhos de Cister 2013 | *Dos Coutos de Alcobaça ao século XXI*

O Colóquio "Vinhos de Cister 2013" concretizou a sua segunda sessão, depois da primeira edição em 2012. O museu participaria, advindo de uma parceria entre a autarquia e a Quinta dos Capuchos, Adega Cooperativa de Alcobaça e EPADREC, cujo ponto alto seria um conjunto de actividades centralizadas no museu, tais como, o colóquio nacional, que resultou numa troca de testemunhos e contributos para o relançamento da vitivinicultura, promoção e divulgação dos valores inerentes à fruição e degustação da cultura do vinho. O evento, na sua generalidade, tem como objectivo: "A promoção e divulgação dos valores inerentes à fruição e degustação da cultura do vinho, a edição de 2013 assume uma programação abrangente e inclusiva contemplando, para além de actividades formais, um conjunto de eventos apelando aos sentidos e a sociabilidade lúdica do vinhos."

O Colóquio que designou de "A nova viticultura de Alcobaça", moderado pelo Eng.º José Gomes Pereira, contou com as seguintes intervenções: "O vinho na Cultura

dos Portugueses" - Dr. Vasco d'Avillez, Presidente da Comissão Vitivinícola da Região de Lisboa "A Viticultura da região Lisboa face às Alterações Climáticas"; "Estratégias de Adaptação" - Prof. Carlos Lopes, Instituto Superior de Agronomia UTL/ISA; "Vinhos "naturais", produção e comercialização" - Eng.º Pedro Marques; "Os benefícios do vinho na saúde" - Eng.º Miguel Moteo; "Vinoterapia" - Dr.ª Helena Luzio, Hotel Real Abadia. Durante o período da tarde, seguiu-se uma mesa redonda: "Alcobaça na Rota dos Vinhos", moderada pelo Dr. Manuel Castelhana, bem um outro conjunto de actividades que se estenderam fora do espaço museológico, de que se destaca uma visita às vinhas da região. O programa do evento seria concluído de regresso ao museu, com um *show cooking - vinhos, cozinha e mesa pelo Chef Ricardo Raimundo* e, por fim, uma prova de vinhos com os produtos dos parceiros de organização dos Vinhos de Cister (Quinta dos Capuchos, Adega Cooperativa de Alcobaça, Vinhos Trás-da-Mata e EPADREC). Um dos pontos interessantes da programação seria o encerramento do evento, que contou com a organização de uma *wine party* no espaço de jardim da confluência dos rios Alcoa e Baça (centro histórico de Alcobaça), que viria a ocorrer pela noite fora num ambiente *lounge*, com *Dj-set* e performance artística, com a presença dos produtores da região. Este encerramento teve ainda a parceria do Festival Internacional de Música Clássica de Alcobaça – Cistermúsica⁷³, uma vez que o seu último concerto⁷⁴ se associou ao evento, quer na sua promoção, quer contando com parte do público, que, após o concerto, se deslocou para o recinto da *wine-party*.

Ciclo de Baco | Programa de Exposições Itinerantes do MVA

O programa "O Ciclo de Baco", iniciou um conjunto de exposições itinerantes a ter lugar no museu e no exterior deste (segundo o conceito do museu fora de portas), cuja primeira instalação teve a particularidade de contar com a parceria entre a Câmara Municipal de Alcobaça (Pelouro da Cultura) e o Instituto da Vinha e do Vinho (Núcleo de Arquivo, Biblioteca e Documentação). "O Ciclo de Baco: da Vinha ao Vinho" contou com três instalações museológicas, patentes entre o dia 15 e 30 Julho, com uma de produção do museu, homónima, na Biblioteca Municipal ("O Ciclo de Baco: da Vinha ao Vinho") e com duas de produção do IVV, no Cine-Teatro de Alcobaça ("As Designações de Origem através dos Rótulos") e no próprio Museu do Vinho ("As Castas Portuguesas e seus Aromas").

Em relação à instalação na Biblioteca Municipal, que dá nome ao programa, foi privilegiado um percurso material que vai desde a cadeia operatória do vinho,

⁷³Cistermúsica – Festival de Música de Alcobaça (<https://www.facebook.com/festivalcistermusica/info>)

⁷⁴Concerto com o quarteto de cordas Arcadia Quartet (Roménia)

documentada por uma selecção de fotografias de Domingos Alvão (cedidas pelo IVV) até a um grupo de peças raras do espólio do museu, onde ganha destaque a documentação gráfica da antiga Federação de Viticultores do Centro e Sul de Portugal e sua sucessora, Junta Nacional do Vinho, bem como património histórico alcobacense de relevo, como são o conjunto de garrafas de produção da transição do século XIX-XX, de José Eduardo Raposo Magalhães e José Pereira da Silva Rino.

Já as duas mostras de produção exclusiva do IVV assumem uma vertente tanto cultural como sensorial. Visando a valorização do património vitivinícola nacional e o seu elevado potencial de qualidade, as instalações apresentam duas vertentes: uma, puramente documental sobre a rotulagem dos vinhos e, outra, essencialmente interactiva, baseada na identificação sensorial dos aromas característicos das diversas castas existentes e utilizadas na produção dos vinhos.⁷⁵

⁷⁵Comissariado/Programação: Alberto Guerreiro, Museólogo (CMA/Museu do Vinho de Alcobaça)
Produção/Monitorização MVA: Davide Vicente, Dalila Santo, Gonçalo Santos, João Pedro Evangelista, Samuel Oliveira.
Produção IVV: Natividade Anastácio (NABD) Apoio Técnico: Sónia Vicente (CTA), Diana Carreira (BMA)
Organização: Câmara Municipal de Alcobaça (Pelouro da Cultura)
Parceria: Instituto da Vinha e do Vinho (Núcleo de Arquivo, Biblioteca e Documentação)

Conclusão

Este museu tem assim duas perspectivas que, devem ser mantidas para uma maior abrangência de interessados: uma regional e local, onde se destaca a história do edifício e de todo o período em que pertenceu a José Eduardo Raposo Magalhães; e outra nacional, já idealizada por Paixão Marques desde início, pretendendo que este Museu fosse a ilustração de todo o Portugal vinícola, bem visível no percurso que criou por todas as regiões vinícolas do país.

Mas curiosamente, contrariamente ao que se pensava num passado não muito longínquo, a memória e identidade das pessoas não passa, hoje, apenas, nem principalmente, por uma visão nacional. As populações identificam-se verdadeiramente com um passado mais próximo, daí que haja um maior interesse pelo património regional e local. E, neste exemplo, temos uma memória que, para além de nacional, tem uma forte raiz local e regional, que terá de ser preservada, pois, como bem expressão esta observação: “Os sentimentos de identidade cultural são cada vez mais fortes. Toda a espécie de sociedades e de organizações quer preservar o seu património cultural. Por razões quase afectivas, elas têm medo de ver os objectos e documentos que possuem desaparecer. É assim que nascem novos museus.”⁷⁶

Alcobaça não tem actualmente o vigor industrial que teve em tempos, vivendo maioritariamente do Turismo Cultural. Mas não é suficiente ter um dos monumentos Património da Humanidade mais visitados do país, se os seus visitantes passarem apenas em circuitos migratórios, traduzindo-se **em quase nada** a sua visita para a cidade. Na maior partes dos casos, o visitante não contempla mais que a Igreja do Mosteiro.

Numa cidade que não sabe aproveitar as inúmeras potencialidades culturais que pode ter, possui, inegavelmente, no Museu do Vinho, um magnífico aliado para atrair visitantes, devido à sua enorme riqueza patrimonial, pois é dono de uma

⁷⁶ PEISA, Outi; TAMMINEN, Marketta in MENDES, José Maria Amado; *Op. Cit.*; pág. 57

colecção de grande valor histórico, científico e etnográfico e símbolo de uma forte cultura nacional, o vinho, com enorme importância quer a nível económico, quer a nível simbólico – símbolo da identidade portuguesa e da memória colectiva.

Nas sociedades realmente desenvolvidas, verificamos que a cultura é um factor económico bastante importante, pois o património tem um valor económico, e é susceptível de criar empregos e gerar rendimentos, constituindo, de algum modo, um recurso para o desenvolvimento.⁷⁷

Não será, assim, tão difícil pensar Alcobaça como um pólo cultural por excelência. Alcobaça tem no Museu do Vinho um pequeno “Guggenheim”, atentando na forma como este moldou toda uma cidade! Claro que este exemplo comparativo não é de todo à mesma escala. No entanto, Alcobaça tem vários “Guggenheim” que, sendo potenciados e actuando em rede, serão certamente responsáveis por uma alteração na cidade, tal como o objecto comparativo o foi e ainda o é, para Bilbao – o que constitui um dos melhores exemplo de como um equipamento cultural transforma e dinamiza toda uma cidade.⁷⁸

Para finalizar, será de retermos sempre esta magnífica meditação, que expressa tão bem o valor da cultura: “A cultura custa dinheiro mas paga-o bem; só que um grande parte desse retorno vem em espécie, vem em benefícios de saúde humana e cidadania, para os seus clientes: este (é) um dos pilares de avaliação da cultura. Mas ainda tão pouco cotado nas considerações e práticas das autarquias, que estas mostram por isso renitentes (em muitos casos avaras), quanto a dotação financeira da cultura.”⁷⁹

Termino evocando Paixão Marques: “Se não houver um museu com umas fotografias que mostrem às pessoas como era há cinquenta anos, perde-se a história de Portugal.”⁸⁰

⁷⁷ MENDES, José Maria Amado; *Op. Cit.*; pág. 58

⁷⁸ *Ibidem.*; pág. 17

⁷⁹ MENDES, José Maria Amado; *Op. Cit.*; pág. 61

⁸⁰ LEAL, Patrícia; *Paixão Marques, fundador do Museu do Vinho*; in PEREIRA, Maria da Conceição Freire de Brito, *Op. Cit.*, pág.125

Anexos

I. Quadro com os valores de produção das freguesias de Alcobaça nos anos de 1916 a 1920 (retirado da obra Obras Várias Vol. I de Joaquim Vieira Natividade)

Freguesias	1916	1917	1918	1919	1920
Alcobaça	318.093	26.560	11.500	367.550	76.945
Alfeizerão	1.067.546	531.450	303.831	125.800	471.918
Aljub.-Prazeres	655.714	216.522	296.270	310.800	564.160
Aljub.-S. Vicente	322.188	287.800	167.850	206.830	316.250
Alpedriz	876.005	9.200	792.840	537.580	535.340
Benedita	13.665	3.200	8.040	2.150	?
Cela	739.537	364.702	554.890	387.744	392.230
Cós	832.489	700.870	663.050	782.490	396.627
Évora	620.779	447.315	?	176.700	245.275
Maiorga	447.290	175.120	284.060	171.170	231.244
Pataias	225.610	31.410	63.800	20.240	?
S. Martinho	112.610	13.440	44.290	1.980	1.600
Turquel	132.130	6.560	60.820	?	6.000
Vestiaría	105.370	49.560	82.530	82.510	75.680
Vimeiro	193.827	112.360	79.360	?	?
Total	6.662.853	2.976.069	3.413.131	3.173.544	3.313.269

II. Proposta de programação para o Museu do Vinho de Alcobaça (Abril a Setembro de 2015)

PROGRAMAÇÃO ABRIL

Actividade: Instalação Sr. Vinho

Artista: Joana Vasconcelos

Género: Arte Contemporânea



Local: Jardins do MVA

Data: De 03 de Abril (Sexta-feira) a 31 de Setembro 2015 (Quinta-feira)

Hora: 18H

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Joana Vasconcelos nasceu em Paris, em 1971. Vive e trabalha em Lisboa. Estudou no Ar.Co, em Lisboa, e expõe regularmente desde meados da década de 1990. O reconhecimento internacional do seu trabalho aumentou com a participação na 51ª Exposição Internacional de Arte – la Biennale di Venezia, em 2005. Momentos relevantes na sua carreira recente incluem o projeto Trafaria Praia, Pavilhão de Portugal na 55ª Exposição Internacional de Arte – la Biennale di Venezia (2013), a individual idual no Château de Versailles, em França (2012), a participação na coletiva “The World Belongs to You”, no Palazzo Grassi/François Pinault Foundation, em Veneza (2011), e a sua primeira retrospectiva, apresentada no Museu Coleção Berardo, em Lisboa (2010).

Joana Vasconcelos realizou exposições individuais e projetos no Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa (2013); CENTQUATRE, Paris (2012); Kunsthallen Brandts, Odense, Dinamarca (2011); Es Baluard, Palma de Maiorca, (2009); Pinacoteca do Estado de São Paulo (2008); Palazzo Nani Bernardo Lucheschi, Veneza (2007); The New Art Gallery Walsall, Inglaterra (2007); CaixaForum, Barcelona (2006); Passage du Désir/BETC EURO RSCG, Paris (2005); Centro Andaluz de Arte Contemporáneo, Sevilha (2003); Museu da Eletricidade, Lisboa (2001); e Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto (2000).

Joana Vasconcelos participou em múltiplas exposições coletivas, incluindo instituições como as seguintes: FRAC Bourgogne, Dijon (2013); ARTIUM, Vitoria-Gasteiz (2012); National Museum of Women in the Arts, Washington, DC (2011); Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2010); Garage Center for Contemporary Culture, Moscovo (2009); FRAC Île-de-France/Le Plateau, Paris (2008); MUDAM, Cidade do Luxemburgo (2007); Istanbul Modern, Istambul (2006); MUSAC, Léon (2005); Stenersenmuseet, Oslo (2004); MARCO, Vigo (2003); Múcsarnok, Budapeste (2002); e a XXVI Bienal de Arte de Pontevedra (2000).

O trabalho de Joana Vasconcelos tem sido destacado em vários livros. Mais recentemente, salientam-se os seguintes: Sculpture Now, de Anna Moszynska (Thames & Hudson, 2013); The Naked Nude, de Frances Borzello (Thames & Hudson, 2012); Arte Portuguesa: História Essencial, de Paulo Pereira (Temas e Debates e Círculo de Leitores, 2011); Sete Dias no Mundo da Arte, de Sarah Thornton (Arcádia, 2010); Tactile: High Touch Visuals, coordenado por Sven Ehmann, Matthias Huebner e Robert Klanten (Gestalten, 2009); e Regard sur la sculpture contemporaine, de Gérard Xuriguera (FVW, 2008).

O trabalho de Joana Vasconcelos encontra-se representado em várias coleções públicas e privadas, das quais se destacam as seguintes: AMOREPACIFIC Museum of Art, Seul; ARTIUM, Vitoria-Gasteiz, Espanha; Caixa Geral de Depósitos, Lisboa; Câmara Municipal de Lisboa; Centro de Artes Visuales Fundación Helga de Alvear, Cáceres, Espanha; Domaine Pommery, Reims, França; Fondation Louis Vuitton pour la création, Paris; FRAC Bourgogne, Dijon, França; Fundação EDP, Lisboa; Gerard L. Cafesjian Collection, Erevan, Arménia; MACE – Coleção António Cachola, Elvas; MUSAC, Léon; Museu Coleção Berardo, Lisboa; National Museum of Women in the Arts, Washington, DC; Pinault Collection, Paris e Veneza.

A natureza do processo criativo de Joana Vasconcelos assenta na apropriação, descontextualização e subversão de objetos pré-existentes e realidades do quotidiano. Esculturas e instalações, reveladoras de um agudo sentido de escala e domínio da cor, assim como o recurso à performance e aos registos vídeo ou fotográfico, colaboram na materialização de conceitos desafiadores das rotinas programadas do quotidiano. Partindo de engenhosas operações de deslocação, reminiscência do ready-made e das gramáticas nouveau réaliste e pop, a artista oferece-nos uma visão cúmplice, mas simultaneamente crítica, da sociedade contemporânea e dos vários aspetos que servem os enunciados de identidade coletiva, em especial aqueles que dizem respeito ao estatuto da mulher, diferenciação classista, ou identidade nacional. Resulta desta estratégia um discurso atento às idiosincrasias contemporâneas, onde as dicotomias artesanal/industrial, privado/público, tradição/modernidade e cultura popular/cultura erudita surgem investidas de afinidades aptas a renovar os habituais fluxos de significação característicos da contemporaneidade.⁸¹

Hiperligações relevantes: <http://www.joanavasconcelos.com>

⁸¹ <http://www.joanavasconcelos.com/biografia.aspx> (último acesso a 02 de Setembro de 2014)

Actividade: Exposição de Fotografia “Paisagem Estranha Entranha”

Fotógrafo: António Guerra



Local: Sala de Exposições Temporárias (Adegas dos Vinhos Tintos)

Data: Sábado 04 de Abril de 2015

Hora: 21h30

Duração: De 04 de Abril a 30 de Abril de 2015

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Ciclo de Cinema “Povo que canta” | Sessão I

Autor: Michel Giacometti

Género: Série Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D’Oliva Monteiro

Data: Quinta-feir 9 Abril de 2015

Hora: 21:30H

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Michel Giacometti (Ajaccio, Córsega, 8 de Janeiro de 1929 - Faro, 24 de Novembro de 1990) foi um etnomusicólogo corso que fez importantes recolhas etno-musicais em Portugal. Giacometti interessou-se pela música popular portuguesa após visitar o Museu do Homem em Paris. Veio viver para Portugal em 1959 quando soube que tinha tuberculose.

Acaba por se fixar em Bragança. Fundou os Arquivos Sonoros Portugueses em 1960. Percorreu o país nas décadas seguintes, até 1982, tendo gravado cantores e músicas

tradicionais que o povo cantava no seu quotidiano.

Com Fernando Lopes Graça lançou a "Antologia da Música Regional Portuguesa", os conhecidos discos de sarapilheira, editados pela Arquivos Sonoros Portugueses em cinco volumes.

A partir de 1970 apresentou na RTP, durante três anos, o programa "Povo que Canta", realizado por Alfredo Tropa.⁸²

Actividade: Lendas, Mitos e Contos Tradicionais Portugueses

Local: Corredor Central

Data: Sexta-feira, 10 de Abril de 2015

Hora: 21h30H

Duração: 50min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Objectivos:

Divulgar a tradição oral de uma forma interactiva e fomentar o gosto pela sua leitura

⁸² <http://www.michelgiacometti.com/filmografia.html> (último acesso a 02 de Setembro de 2014)

Actividade: Teatro

Peça: Bicho Gente e outros Quebrantos



Grupo: GEFAC - Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra

Local: Vários Espaços do Museu

Data: Sábado 11 de Abril 2015

Hora: 21:30H

Duração: 50min

Entrada: 3€

Destinatários: público em geral

Sinopse:

Ovelha? Raposa? Cabra?

Lobisomem? Medo? Quebranto?

Que bichos haveria nos nossos corpos, se nos deixássemos descobri-los?

De homem a animal, do medo à superstição, esta é uma viagem que se faz e se sente por vários relatos da tradição oral portuguesa. Lendas, contos, lengalengas, superstições... E os bichos, tradicionalmente conhecidos, reproduzem-se nesta que é, também, uma viagem teatral pelo universo do medo e da desconstrução, proporcionando encontros com novas estórias e metamorfoses. São animais que nos lembram pessoas? Ou pessoas sujeitas à condição animal? Há o bicho que alimenta, adoce e é tratado, mas há o bicho que trata, cura e espanta males. É o ser que existe

para plantar o medo ou explicar barulhos que nos consomem a paz. O público perde-se na teia. É que pensamos que conhecemos a história até entrarmos nela... "Esta história que por ti entrou, por ti saia..."⁸³

GEFAC:

As diversas manifestações da cultura popular constituem, por excelência, o momento em que um povo fala lealmente de si, o momento onde um povo se revela na sua maneira de ser própria. Enraizado nesta consciência, o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC) é fundado como Organismo Autónomo da Associação Académica de Coimbra em 1966, tendo desenvolvido desde aí um exaustivo trabalho de recolha, tratamento e divulgação das manifestações tradicionais. O GEFAC utiliza as manifestações populares numa perspectiva criativa, principalmente nos ajustamentos aos aspectos cénicos, que permitem produzir um espectáculo globalizante, não tanto empenhado em demarcar regiões, mas sim em acentuar o sentir que provocou o aparecimento das manifestações.

Os espectáculos gerais realizados pelo grupo (como "Você está aqui") são exemplo do tipo de espectáculos que se têm vindo a fazer ao longo de mais de 40 anos de actividade. Realmente, neste esforço de divulgação, o GEFAC já apresentou cerca de 800 espectáculos, quer no país quer no estrangeiro, bem como várias gravações para algumas televisões europeias.

O GEFAC tem ainda em cena a peça de teatro "Bicho Gente e Outros Quebrantos". É fruto de um trabalho de recolha e teatralização de histórias de tradição oral que nos leva a (re)visitar os medos e as superstições, as lendas e os animais do imaginário colectivo português.

Correlativamente a esta actividade, têm-se vindo a realizar bienalmente as Jornadas de Cultura Popular, com o intuito de promover o encontro de cada cidadão com a sua própria cultura e com a cultura de outros povos.⁸⁴

Hiperligações relevantes: <http://www.gefac.pt>

⁸³ http://www.gefac.pt/espectaculos/espectaculos_teatro_bichos.html (último acesso a 02 de Setembro de 2014)

⁸⁴ <http://www.gefac.pt> (último acesso a 02 de Setembro de 2014)

Actividade: Encontros de Enólogos – Vinhos do Tejo

Local: Adega dos Toneis

Data: 17 de Abril de 2015

Hora: 18h00

Duração: 90min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Ponto de encontro de enólogos, enófilos, experts e apaixonados por vinhos. Acontece sempre na terceira sexta-feira do mês e traz a cada encontro uma região em destaque e novos temas relacionados com o encantador mundo dos vinhos. São regiões, catas, pequenos e grandes produtores tudo isso se transforma numa deliciosa assemblage para os descontraídos encontros. Além de degustar excelentes rótulos este encontro proporciona momentos agradáveis aos apreciadores desta fascinante bebida. Seguindo-se um jantar num dos restaurantes da Região com os Vinhos em destaque.

Actividade: Concerto Samuel Jerónimo (Ciclo José Eduardo Raposo Magalhães)

Género Musical: Música de câmara | Música electro-acústica



Local: Sala dos Tonéis

Data: Sábado 18 Abril de 2015

Hora: 21h30H

Duração: 60min

Entrada: 5€

Destinatários: Público em geral

Sinipse:

Samuel Jerónimo é um compositor português. Tendo-se iniciado na música enquanto aspirante a concertista de guitarra clássica, intento que quase foi levado a bom termo quando, em 1993, começou a estudar com o professor Sérgio Barreiro, optou mais tarde pela composição. De entre as suas primeiras composições destacam-se Neye-i (1998), para agrupamento de cinco músicos rock; The Distant Images of the Abstract Light (1999), tida pela revista britânica The Wire como «arrebatadora»; e Redra (2003), para seis pianos, duas marimbas e dois vibrafones, descrita pelo crítico Fernando Magalhães (Público) como uma «eternidade suspensa». Tempos mais recentes têm visto a produção de Samuel Jerónimo afastar-se de composições com uma maior preponderância rítmica a favor de outras, onde explora a harmonia funcional e diferentes progressões harmónicas.⁸⁵

Hiperligações relevantes: <http://jeronimosamuel.no.sapo.pt>

⁸⁵ <http://thisco.net/artistas/samueljeronimo.htm> (último acesso a 02 de Setembro de 2014)

Actividade: Ciclo de Cinema “Povo que canta” | Sessão II

Autor: Michel Giacometti

Género: Série Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D'Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 16 Abril de 2015

Hora: 21:30H

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Ciclo de Cinema “Povo que canta” | Sessão III

Autor: Michel Giacometti

Género: Série Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D’Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 23 Abril de 2015

Hora: 21:30H

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Livro a Discussão “ Museus para o Povo Português”

Intervenientes: Autora do livro | Joana Damasceno

Parceiro: Universidade de Coimbra

Local: Adega dos Toneis

Data: 23 de Maio de 2015

Hora: 21h30

Duração: 90min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

O Museu de Arte Popular e o discurso etnográfico do Estado Novo.

Foi profícua a fundação de museus de etnografia durante o período do Estado Novo. Com a Exposição do Mundo Português e o chama-do Plano dos Centenários, desenvolvido a partir de 1937, surgiu a ideia, proposta por Luís Chaves, de criar museus regionais nas capitais de Distrito, com o intuito de guardar as memórias locais. Com o mesmo propósito, foram criados, ao longo da década de 40, pequenos museus rurais, nas Casas do Povo, que se desenvolveram um pouco por todo o país. A proximidade destas instituições às populações não foi descurada, aproveitando-a para enaltecer um ideal rural.

Tudo isto, enquanto nascia na capital o Museu de Arte Popular, com raízes na grande exposição de 1940.

A obra Museus para o Povo Português tenta refletir a componente ideológica que o Estado transportou para a criação deste tipo de museus, tomando o Museu de Arte Popular como referência e a etnografia como elemento de união de todo o povo português, com diferenças, mas também com vários traços comuns nas crenças, na religião e nos costumes.⁸⁶

⁸⁶ http://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/historiacontemporanea/museus (último acesso a 02 de Setembro de 2014)

Dia 25 de Abril | Dia da Liberdade

Actividade: Ventos de Liberdade - Exposição de moinhos de Vento

Artista: José Aurélio



Local: Espaços exteriores do Museu

Data: Sábado 25 de Maio de 2015

Hora: 16h00

Duração: De 25 de Abril a 26 de Setembro de 2015

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

José Manuel Aurélio (1938) frequentou o curso de escultura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (hoje FBAUL). Participa em mostras coletivas desde 1957;

expõe individualmente pela primeira vez em 1958, tendo realizado grande número de exposições a partir dessa data. É autor de uma vasta produção de esculturas em espaço público, de medalhística e numismática.

Trabalha materiais como pedra, madeira e bronze, obedecendo a uma estética minimalista e tendencialmente geometrizante. Vem desenvolvendo novas formas de expressão na medalhística, desde 1966. Entre 1969 e 1974 concebeu e orientou a Galeria Ogiva, em Óbidos. Vive e trabalha em Alcobaça desde 1980, onde dirige o Armazém das Artes. Foi agraciado pelo Presidente da República Portuguesa, com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique (2006).

Dia 25 de Abril | Dia da Liberdade

Actividade: Conversa em torno da Liberdade “Ventos de Liberdade”

Painel: Definido pelo Artista uma conversa sobre Arte e Liberdade



Local: Espaços exteriores do Museu

Data: Sábado 25 de Maio de 2015

Hora: 17h30

Duração: 60M

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Ciclo de Cinema “Povo que canta” | Sessão IV

Autor: Michel Giacometti

Género: Série Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D’Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 30 Abril de 2015

Hora: 21:30H

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

PROGRAMAÇÃO MAIO

Dia 1 de Maio dia do Trabalhador

Actividade: Exposição de Fotografia

Fotógrafo: José Paulo Ferro



Local: Sala de Exposições Temporárias (Adegas dos Vinhos Tintos)

Data: Sábado 02 de Maio de 2015

Hora: 21h30

Duração: De 02 de Abril a 31 de Maio de 2015

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Ciclo de Cinema “Povo que canta” | Sessão V

Autor: Michel Giacometti

Género: Série Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D’Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 7 de Maio de 2015

Hora: 21:30H

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Lendas, Mitos e Contos Tradicionais Portugueses

Local: Corredor Central

Data: Sexta-feira, 8 de Maio de 2015

Hora: 21h30H

Duração: 50min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Objectivos:

Divulgar a tradição oral de uma forma interactiva e fomentar o gosto pela sua leitura

Actividade: Teatro | Performance

Peça: Arraial (apresentação da Criação de Madalena Vitorino para o Museu)



Local: Adega dos Balseiros

Data: Sábado 9 de Maio de 2015

Hora: 21:30H

Duração: 50min

Entrada: 5€

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Espectáculo de teatro-dança com a comunidade, tendo como mote de partida o Norte de Portugal com as suas festas e romarias, crenças e rituais, ventos frios e ares agrestes.

Das festividades interessam tanto as suas dimensões profanas como as religiosas, os actos de fé e as explosões de sentidos. Interessa a convivência muito própria de vários opostos, a proximidade ao caos e a um certo estar desmemoriado.⁸⁷

⁸⁷ <http://manobrasnoporto.com/section.php?id=29> (último acesso a 3 de Setembro de 2015)

Biografia:

Madalena Victorino nasceu em Lisboa em 1956. Estudou na Escola Alemã de Lisboa. Entre 1975 e 1977 estudou dança contemporânea na London School of Contemporary Dance e em 1980 obteve o grau de professora de Dança na Universidade de Londres, Goldsmith's College 1, Laban Centre for Movement and Dance. Vive em Portugal e trabalha nas áreas da coreografia, da pedagogia da dança, das artes na comunidade e na educação assim como as relações entre o teatro e a dança. Tem coreografado extensivamente para lugares não convencionais, como fábricas, museus, parques de estacionamento, florestas, ruas, etc., com actores, bailarinos, cantores e pessoas não profissionais nas artes performativas. Coreografou as peças de abertura do Galway Arts Festival na Irlanda (1994) e do Freia Festival, Arhus na Dinamarca (1995). Em 1991 foi co-fundadora do Fórum Dança, associação cultural sem fins lucrativos que promove a dança nas áreas da educação, investigação, coreografia, interpretação e produção artística. Como principais trabalhos coreográficos destacam-se Projecto Tojeira (1989), Torrefacção (1990), O Terceiro Quarto (1991), Diário de Um Desaparecido (1992), A Festa e Auto-retrato Coreográfico (1993), Fotocena e Clowns, com encenação de João Brites, Anna Anna (1994), Sobreiros, Alma 1, Alma 2, Translations e A Disputa, com encenação de João Perry (1995), Sonho de Uma Noite de Verão, com encenação de João Perry (1996), Alma 13 e Escritório (1997). Actualmente é Assessora para a área de pedagogia e animação na Fundação Centro Cultural de Belém. É professora de composição coreográfica no curso de intérpretes do Fórum Dança, e no Curso de Formação de Actores na Escola Superior de Teatro e Cinema.⁸⁸

Entre Março e Setembro: Pesquisa e documentação de festas e romarias.

Mai, Junho e Julho: Ensaios com intérpretes profissionais.

Setembro: Ensaios com participantes.

Dias de Manobras: Apresentação da peça.

Direcção: André Braga e Madalena Victorino

Dramaturgia e assistência à direcção: Cláudia Figueiredo

Composição e interpretação musical: Dead Combo

Interpretação: Àfrika Martinez, Ainhoa Vidal, Mafalda Saloio, Patrick Murys, Paulo Mota, Ricardo Machado, Ricardo Vaz Trindade, Romulus Neagu e grupo de participantes do Porto

Concepção Plástica: André Braga

⁸⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Madalena_Victorino (último acesso a 3 de Setembro de 2015)

Realização Plástica e Construção: Nuno Guedes e Nuno Brandão

Figurinos: Ainhoa Vidal

Desenho de Luz: Francisco Tavares Teles

Desenho de Som: André Pires

Produção: Sílvia Carvalho com o apoio de Ana Carvalhosa e Cláudia Santos

Exposição Fotográfica / Concepção e montagem: Nuno Brandão
e Stratos Ntontsis

Exposição Fotográfica / Fotografia: Pedro David, Stratos Ntontsis
e Vitor Costa⁸⁹

Actividade: Ciclo de Cinema “Povo que canta” | Sessão VI

Autor: Michel Giacometti

Género: Série Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D'Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 14 de Maio de 2015

Hora: 21:30H

Entrada: Livre

⁸⁹ <http://manobrasnoporto.com/section.php?id=29> (último acesso a 3 de Setembro de 2015)

Destinatários: Público em geral

Actividade: Encontros de Enólogos – Vinhos do Lisboa e Vale do Tejo

Intervenientes:

Parceiro:

Local: Adega dos Toneis

Data: 15 de Maio de 2015

Hora: 18h00

Duração: 90min

Entrada: Livre

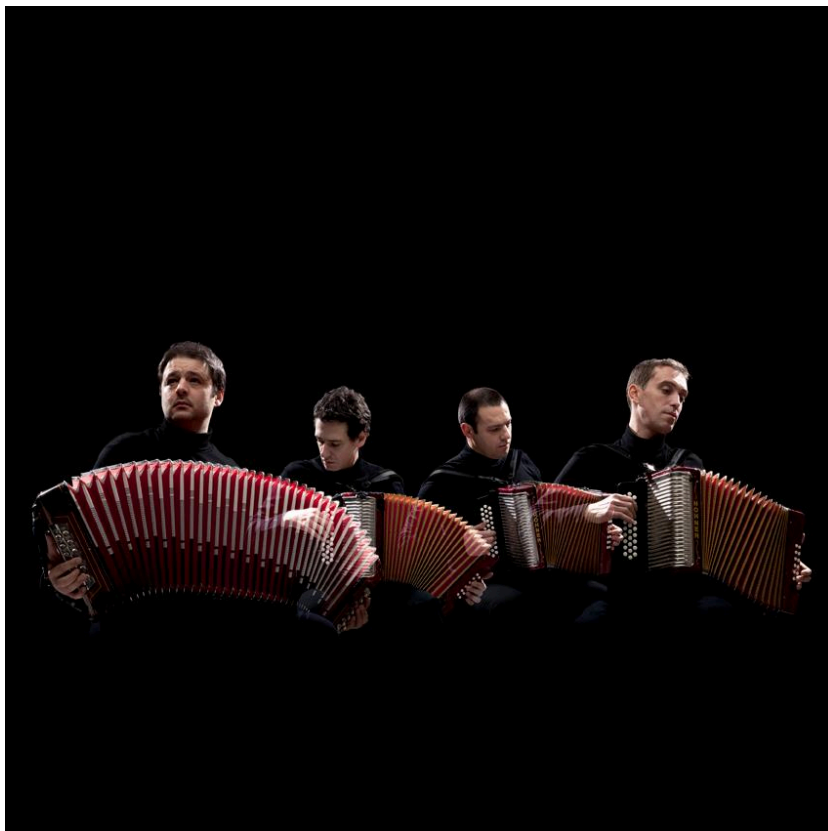
Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Ponto de encontro de enólogos, enófilos, experts e apaixonados por vinhos. Acontece sempre na terceira sexta-feira do mês e traz a cada encontro uma região em destaque e novos temas relacionados com o encantador mundo dos vinhos. São regiões, catas, pequenos e grandes produtores tudo isso se transforma numa deliciosa assemblage para os descontraídos encontros. Além de degustar excelentes rótulos este encontro proporciona momentos agradáveis aos apreciadores desta fascinante bebida. Seguindo-se um jantar num dos restaurantes da Região com os Vinhos em destaque.

Actividade: Danças Ocultas (Ciclo Paixão Marques)

Género Musical: Música Popular Portuguesa



Local: Sala dos Tonéis

Data: Sábado 16 Maio de 2015

Hora: 21h30H

Duração: 80min

Entrada: 5€

Destinatários: Público em geral

Sinipse:

Desde Maio de 1989 Artur Fernandes, Filipe Cal, Filipe Ricardo e Francisco Miguel organizaram-se em torno de um sonho: o de desenvolverem as suas aptidões como executantes enquanto investigavam as possibilidades de afastar o instrumento do folclore tradicional, respeitando o que então entendiam como a “vontade da concertina”, mas fazendo para ela uma música nova. Esses tempos conduziram a um

nome para o quarteto e ao primeiro disco homónimo, Danças Ocultas (1996), com um repertório onde predominavam as composições de Artur Fernandes.⁹⁰

Hiperligações relevantes: www.dancasocultas.com

Dia Internacional do Museus

Actividade: Conferência “Etnografia na museologia”

Intervenientes: Museu Arte Popular; Museu Etnologia, Museu do Vinho de Alcobaça

Data: 18 de Maio de 2015

Hora: 11h00

Duração: 90min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Objectivos:

Introduzir o tema das novas paisagens sonoras que proponha a reflexão e o debate sobre este conceito

⁹⁰ <http://dancasocultas.com/dancas-ocultas-bio-portugues/> (último acesso a 03 de Setembro de 2014)

Actividade: Ciclo de Cinema “Povo que canta” | Sessão VII

Autor: Michel Giacometti

Género: Série Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D’Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 21 Maio de 2015

Hora: 21:30H

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Ciclo de Cinema “Povo que canta” | Sessão VIII

Autor: Michel Giacometti

Género: Série Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D’Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 28 de Maio de 2015

Hora: 21:30H

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

PROGRAMAÇÃO JUNHO

Actividade: Ciclo de Cinema “Povo que canta” | Sessão IX

Autor: Michel Giacometti

Género: Série Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D’Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 4 de Junho de 2015

Hora: 21:30H

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Exposição de Artes Plásticas

Artista: Luis Plácido Costa



Local: Sala de Exposições Temporárias (Adegas dos Vinhos Tintos)

Data: Sexta 05 de Junho de 2015

Hora: 21h30

Duração: De 05 de Junho a 30 de Junho de 2015

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Luis Plácido Costa tem vindo a materializar constantes interrogações quanto à natureza e posição do lugar naquilo que se refere ao seu estado primordial, do seu surgimento até à presença do homem no seu espaço e a influência do mesmo na sua matéria. A forma como o lugar nos proporciona consciência de nós mesmos enquanto ocupantes, e como essa consciência pode ser retribuída ao espaço exercendo um

efeito capaz de mudar a forma ou mesmo a maneira de encarar um determinado lugar. No entanto não deixa de ser um estudo contínuo focado na nossa posição enquanto "causa" para a transformação da matéria e as diferentes finalidades que lhe atribuímos consoante a ocupação do corpo e a sua interação com o meio envolvente.⁹¹

Actividade: Concerto (Ciclo de Piano José Eduardo Raposo Magalhães)

(CisterMúsica 2015)

Género Musical: Música Erudita

Artista: Daniel Bernardes toca Fernando Lopes-Graça



Local: Sala dos Tonéis

Data: Sábado 6 de Junho de 2015

Hora: 21h30

Duração: 80min

Entrada: 5€

Destinatários: Público em geral

⁹¹ <http://www.agendaix.pt/evento/luis-placido-costa#.UyHsrvTV-ks>) (último acesso a 03 de Setembro de 2015)

Actividade: Ciclo de Cinema “Povo que canta” | Sessão X

Autor: Michel Giacometti

Género: Série Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D’Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 11 de Junho de 2015

Hora: 21:30H

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Lendas, Mitos e Contos Tradicionais Portugueses

Data: Sexta-feira, 12 de Junho de 2015

Hora: 21h30H

Duração: 50min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Objectivos:

Divulgar a tradição oral de uma forma interactiva e fomentar o gosto pela sua leitura

Actividade: Sermão de Santo António aos Peixes (Dia de Santo António)

Por: Diogo Infante



Local: Adegas dos Toneis

Data: Sábado 13 de Junho 2015

Hora: 21:30H

Duração: 60min

Entrada: 5€

Destinatários: público em geral

Sinopse:

Um recital com Diogo Infante a partir da obra do padre António Vieira

A riqueza incomparável de um texto que nos mostra, claramente, que a natureza humana não muda. Diogo Infante.

Diogo Infante apresenta a recita de "Sermão de Santo António aos Peixes" com a colaboração musical de Hugo Sanches e com direcção cénica de Cucha Carvalheiro. Explorando o carácter teatral desta jóia da literatura portuguesa do séc. XVII, o actor Diogo Infante sublinha a ironia retórica de António Vieira, transformando o pregador seiscentista num nosso contemporâneo, numa leitura que em muito facilita a sua compreensão.

Feito em 1654, por ocasião de um litígio com os colonos portugueses, o Sermão de Santo António aos Peixes é uma peça prodigiosa de imaginação e qualidade oratória, em que os peixes constituem uma metáfora dos homens, censurando os seus vícios e enaltecendo as suas virtudes. Explorando o carácter teatral e actual desta obra, recomendada pelo Plano Nacional de Leitura, Diogo Infante sublinha a ironia retórica de António Vieira, transformando o pregador seiscentista num nosso contemporâneo, numa leitura que em muito facilita a sua compreensão.⁹²

Biografia:

Diogo Infante fez inúmeros trabalhos como ator e encenador, tendo interpretado obras de Shakespeare, Tchekhov, Ibsen, Gil Vicente, entre outras. Tem o curso de Formação de Atores da Escola Superior de Teatro e Cinema (1991), já integrou o elenco de várias produções televisivas e, no cinema, participou em diversos filmes. Mais recentemente desempenhou as funções de Diretor Artístico do Teatro Maria Matos e do Teatro Nacional D. Maria II.⁹³

⁹² <http://www.teatrovirginia.com/calendario/detalhes.php?id=479&cat=8> (último acesso a 03 de Setembro de 2014)

⁹³ <http://www.teatrovirginia.com/calendario/detalhes.php?id=479&cat=8> (último acesso a 03 de Setembro de 2014)

Actividade: Ciclo de Cinema “Povo que canta” | Sessão XI

Autor: Michel Giacometti

Género: Série Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D’Oliva Monteiro

Data: Quinta-feir 18 de Junho de 2015

Hora: 21:30H

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Encontros de Enólogos – Vinhos do Alentejo

Local: Adega dos Toneis

Data: 19 de Junho de 2015

Hora: 18h00

Duração: 90min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Ponto de encontro de enólogos, enófilos, experts e apaixonados por vinhos. Acontece sempre na terceira sexta-feira do mês e traz a cada encontro uma região em destaque e novos temas relacionados com o encantador mundo dos vinhos. São regiões, catas, pequenos e grandes produtores tudo isso se transforma numa deliciosa assemblage para os descontraídos encontros. Além de degustar excelentes rótulos este encontro proporciona momentos agradáveis aos apreciadores desta fascinante bebida. Seguindo-se um jantar num dos restaurantes da Região com os Vinhos em destaque.

Actividade: Concerto (Ciclo de Piano José Eduardo Raposo Magalhães)

(CisterMúsica 2015)

Género Musical: Música Erudita

Artista: Daniel Bernardes toca Fernando Lopes-Graça



Local: Sala dos Tonéis

Data: Sábado 20 de Junho de 2015

Hora: 21h30

Duração: 80min

Entrada: 5€

Destinatários: Público em geral

Actividade: Ciclo de Cinema “Povo que canta” | Sessão XII

Autor: Michel Giacometti

Género: Série Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D’Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 25 de Junho de 2015

Hora: 21:30H

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Livro a Discussão “Estudos do Património”

Interveniente: Autor do livro, J. Amado Mendes

Parceiro: Imprensa da Universidade de Coimbra

Local: Adegas dos Toneis

Data: 26 de Junho de 2015

Hora: 21h30

Duração: 90min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

O Curso de Mestrado em Museologia e Património Cultural começou a ser lecionado, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1998-1999, do qual coordenei três edições. Dada a transversalidade das matérias e das funções a desempenhar por futuros diretores ou colaboradores de museus, adotou-se como princípio a abertura de curso aos titulares de qualquer tipo de licenciatura. Verificou-se, no entanto, que seria vantajoso que os interessados em frequentar o curso pudessem adquirir, previamente, alguns conhecimentos básicos no âmbito das matérias do curso, pelo que foi criada, para o efeito, a disciplina opcional de Introdução à Museologia. Esta disciplina contribuiu também para complementar a formação ministrada numa outra mais antiga, também opcional, de Arqueologia Industrial. Além da leção das disciplinas que assegurei no referido Curso de Mestrado, as carências de investigação e bibliografia, em português, que têm vindo a ser paulatinamente atenuadas, bem como a visita a um número considerável de museus de referência, nacionais e estrangeiros, levaram-me a refletir e a empenhar-me na pesquisa de temáticas relacionadas com o assunto, tais como: a) progressivo alargamento do conceito de património cultural; b) “explosão museológica”, quantitativa e qualitativa; c) potencial pedagógico do património e das instituições museológicas; d) nova maneira de encarar os múltiplos valores do património – cultural, pedagógico, identitário, alicerce da memória –, sem olvidar o valor económico. O fruto dessa investigação foi sendo apresentado em conferências, encontros ou colóquios, no país e no estrangeiro. Noutros casos, tratou-se de artigos publicados em revistas. A leitura dos textos ora publicados, sob o título Património: Passado com Futuro. Museus, Educação e Desenvolvimento, será útil a todos quantos se interessem pela História, pelo Património Cultural, pela Educação e pelo Desenvolvimento.⁹⁴

⁹⁴http://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/humanidades/estudospatrimonio_2 (último acesso a 3 de Setembro de 2014)

Actividade: Teatro | Performance

Companhia: Clara Andermatt

Peça: Fica no Singelo



Local: Adega dos Tonéis

Data: Sábado 27 de Junho de 2015

Hora: 21:30H

Duração: 75min

Entrada: 5€

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Costumes que exprimem a alma. A nossa, a de agora e de um outro tempo. Um tempo-terreno vinculado aos ciclos da natureza, circular e mutante. Nos rituais, nas celebrações, nas vozes, nas histórias, no trabalho... Tudo envolve o corpo, a dança e a música. Do vazio ao Amor.

Cadências repetitivas que atenuam o cansaço e estimulam o fôlego. Por necessidade e defesa o corpo chega a estados hipnóticos. Somos apenas nós e nós com o outro, somos todos porque é preciso, porque se quer. Na companhia, na crença, na tarefa, no apaziguar da solidão.

Em roda, em linha. Em pares, em bando. Momentos de espera ou humildade ou beleza ou alegria. Assim, singelo. C. A.⁹⁵

Direção e Coreografia: Clara Andermatt

Direção Musical: Luís Pedro Madeira e Clara Andermatt

Composição: Luís Pedro Madeira

Desenho de Luz: José Álvaro Correia

Figurinos: José António Tenente

Paisagem sonora electrónica: Jonas Runa

Intérpretes criadores: André Cabral, Bruno Alves, Francisca Pinto, Joana Lopes, Linora

Dinga, Sergio Cobos; Catarina Moura, Luís Peixoto, Quiné

Consultadoria e pesquisa antropológica: Sophie Coquelin

Reportório de Danças tradicionais: Mercedes Prieto e Ana Silvestre

Produção: Companhia Clara Andermatt

Parceria: Pédexumbo

Apoio: Musibéria

Hiperligações relevantes: <http://www.clara-anderlatt.com>

⁹⁵ <http://www.clara-anderlatt.com/index.php/pt/agenda/espectaculos/146-fica-no-singelo> (último acesso a 03 de Setembro de 2014)

PROGRAMAÇÃO JULHO

Actividade: Ciclo de Cinema Etnográfico | Sessão I

Título: Ainda há pastores?

Autor: Jorge Pelicano

Género: Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D'Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 02 de Julho de 2015

Hora: 21:30H

Duração: 72min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Há lugares que quase não existem.

Casais de Folgosinho nem sequer é um lugar.

Não há luz eléctrica, não corre água canalizada, não há estradas. Perde-se no silêncio de um vale entre as montanhas da Serra da Estrela.

Em tempos foi um autêntico santuário de pastores...Com dezenas de famílias e milhares de cabeças de gado. Hoje, os mais velhos vão morrendo e os novos fogem da dura sina de ser pastor.

365 dias por ano.

Herminio, 27 anos, contraria o fim.

Dizem que é o pastor mais novo, mas também o mais doido.

Sozinho, rádio na mão, rasga montanhas ao som das cassetes do popular cantor Quim Barreiros, que um dia sonha conhecer.

Os sons das cassetes e do rádio puxam-no para longe de uma vida de solidão. São a união entre dois mundos diferentes.

Distantes e próximos.

Na sociedade moderna o futuro de Hermínio é inquietante.

Até quando o jovem Hermínio será pastor?

Mas...ainda há pastores?⁹⁶

⁹⁶ <http://cineclubesantarem.files.wordpress.com/2010/04/info.pdf> (último acesso a 03 de Setembro de 2014)

Actividade: Exposição de Fotografia (Ciclo de Artista Alcobasences)

Artista: Hélia Pires



Local: Sala de Exposições Temporárias (Adegas dos Vinhos Tintos)

Data: Sexta 03 de Julho de 2015

Hora: 21h30

Duração: De 03 de Julho a 31 de Julho de 2015

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Concerto (**Ciclo de Piano José Eduardo Raposo Magalhães**)

(CisterMúsica 2015)

Género Musical: Música Erudita

Artista: Daniel Bernardes toca Fernando Lopes-Graça



Local: Sala dos Tonéis

Data: Sábado 4 de Julho de 2015

Hora: 21h30

Duração: 80min

Entrada: 5€

Destinatários: Público em geral

Actividade: Ciclo de Cinema Etnográfico | Sessão II

Autor: Jorge Pelicano

Género: Documental



Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D'Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 02 de Julho de 2015

Hora: 21:30H

Duração: 100min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Dezembro de 91. Uma decisão política encerra metade da centenária linha ferroviária do Tua, entre Bragança e Mirandela.

Quinze anos depois, o apito do comboio apenas ecoa na memória dos transmontanos. A sentença amputou o rumo de desenvolvimento e acentuou as assimetrias entre o litoral e o interior de Portugal, tornando-o no país mais centralista da Europa Ocidental. Os velhos resistem nas aldeias quase desertificadas, sem crianças.

A falta de emprego e vida na terra, levam os jovens que restam a procurarem oportunidades noutras fronteiras.⁹⁷

Actividade: Lendas, Mitos e Contos Tradicionais Portugueses

Data: Sexta-feira, 10 de Julho de 2015

Hora: 21h30H

Duração: 50min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Encontros de Enólogos – Vinhos do Douro

Intervenientes:

Parceiro:

Local: Adega dos Toneis

Data: 19 de Junho de 2015

Hora: 18h00

Duração: 90min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Ponto de encontro de enólogos, enófilos, experts e apaixonados por vinhos. Acontece sempre na terceira sexta-feira do mês e traz a cada encontro uma região em destaque e novos temas relacionados com o encantador mundo dos vinhos. São regiões, catas, pequenos e grandes produtores tudo isso se transforma numa deliciosa assemblage para os descontraídos encontros. Além de degustar excelentes rótulos este encontro proporciona momentos agradáveis aos apreciadores desta fascinante bebida. Seguindo-se um jantar num dos restaurantes da Região com os Vinhos em destaque.

⁹⁷ <http://www.costacastelo.pt/pareescuteolhe/home.html> (último acesso a 03 de Setembro de 2014)

Actividade: Concerto (Ciclo de Piano José Eduardo Raposo Magalhães)

(CisterMúsica 2015)

Género Musical: Música Erudita

Artista: Daniel Bernardes toca Fernando Lopes-Graça



Local: Sala dos Tonéis

Data: Sábado 18 de Julho de 2015

Hora: 21h30

Duração: 80min

Entrada: 5€

Destinatários: Público em geral

Actividade: Ciclo de Cinema Etnográfico | Sessão III

Género: Documental

Local: Pequeno Auditório do Cine-Teatro João D'Oliva Monteiro

Data: Quinta-feira 02 de Julho de 2015

Hora: 21:30H

Duração: 100min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Workshop de Ginja de Alcobaça

Parceiro: M.S.R. Ginja de Alcobaça

Local: Destilaria

Data: 24 de Julho de 2015

Hora: 18h00H

Duração: 90min

Destinatários: Público em geral

Hiperligações relevantes: <http://www.ginja.pt>

Actividade: Teatro de Marionetas

Grupo: Bonecos de Santo Aleixo



Local: Adega dos Balseiros

Data: Sábado 25 de Julho 2015

Hora: 21:30H

Duração: 50min

Entrada: 3€

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Este grupo, de composição essencialmente rural, percorria o Alto Alentejo apresentando os seus espectáculos.

Terão tido origem na aldeia que lhes deu o nome.

Estas marionetas actuam num pequeno retábulo de madeira que possui uma rede dupla de cordéis, colocada verticalmente entre os bonecos e o público. A iluminação é feita através de candeias de azeite e possui cenários pintados em cartão. As marionetas são de varão, manipuladas por cima, extremamente simples e de dimensões reduzidas, podendo ter entre vinte a quarenta centímetros. O acompanhamento musical é feito por uma guitarra portuguesa.

O repertório compreende peças de tradição secular, de teor mais especificamente religioso, bem como textos pertencentes à chamada literatura de cordel.

Os seus personagens carismáticos são o Padre Chancas, representante da autoridade eclesiástica, e o Mestre Sala, o mestre de cerimónias, que por tradição tem uma moca, com a qual castiga ou abraça o Padre, enquanto o mesmo prega.

Existem registos da sua existência já no século XVIII, como nos diz Padre Joaquim da Rosa Espanca in “Memorias de Vila Viçosa”, onde refere terem sido apreendidos e mandados queimar títeres de Santo Aleixo, em 1798.⁹⁸

⁹⁸ <http://www.museudamarioneta.pt/gca/?id=128> (último acesso a 03 de Setembro de 2014)

PROGRAMAÇÃO AGOSTO

Actividade: Artes plásticas

Artista: Carlos Cipriano

Local: Sala de Exposições Temporárias (Adegas dos Vinhos Tintos)

Data: Sexta 03 de Julho de 2015

Hora: 21h30

Duração: De 03 de Julho a 31 de Julho de 2015

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Actividade: Lendas, Mitos e Contos Tradicionais Portugueses

Local: Corredor Central

Data: Sexta-feira, 7 de Agosto de 2015

Hora: 21h30H

Duração: 50min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Objectivos:

Divulgar a tradição oral de uma forma interactiva e fomentar o gosto pela sua leitura

Actividade: Encontros de Enólogos – Vinhos do Minho

Intervenientes:

Parceiro:

Local: Adega dos Toneis

Data: 15 de Agosto de 2015

Hora: 18h00

Duração: 90min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Ponto de encontro de enólogos, enófilos, experts e apaixonados por vinhos. Acontece sempre na terceira sexta-feira do mês e traz a cada encontro uma região em destaque e novos temas relacionados com o encantador mundo dos vinhos. São regiões, catas, pequenos e grandes produtores tudo isso se transforma numa deliciosa assemblage para os descontraídos encontros. Além de degustar excelentes rótulos este encontro proporciona momentos agradáveis aos apreciadores desta fascinante bebida. Seguindo-se um jantar num dos restaurantes da Região com os Vinhos em destaque.

Actividade: Gaiteiros de Lisboa (**Ciclo Paixão Marques**)**Género Musical:** Música Popular Portuguesa**Local:** Recinto da feira de São Bernardo**Data:** Sexta-feira 21 Agosto de 2015**Hora:** 21h30H**Duração:** 90min**Entrada:** Livre**Destinatários:** Público em geral

Sinopse:

Poucos serão os nomes na música portuguesa que reúnam um tão generalizado e sólido consenso como o dos Gaiteiros de Lisboa.

Chamar-lhes «instituição» poderia acarretar o perigo de lhes imputar alguma rigidez, mas os Gaiteiros de Lisboa exibem com orgulho o estatuto de «Grupo de Manifesto Interesse Cultural» atribuído pela Secretaria de Estado da Cultura e têm sido tudo menos rígidos na sua história, feita de abertura, de imaginação e de um sucesso só explicável com a qualidade.

Os Gaiteiros de Lisboa nasceram em 1993 pela mão de Paulo Marinho, o homem da gaita-de-foles nos Sétima Legião.

Actualmente, integram os Gaiteiros os músicos Carlos Guerreiro, José Manuel David, Pedro Calado, Paulo Marinho, Pedro Casaes e Rui Vaz, um verdadeiro grupo de luxo feito com gente que ostenta uma experiência rica que toca nas carreiras de nomes grandes da música portuguesa como José Afonso, Sérgio Godinho, Vitorino, Amélia Muge, Rui Veloso, Sétima Legião ou Adufe. Ou seja, um vasto campo que se estende do rock ao jazz passando ainda pelas músicas tradicionais.

Na música dos Gaiteiros, elogiada ao longo dos anos por toda a imprensa nacional, passam ecos da história e o resultado de um olhar sério e profundo sobre as nossas raízes, sobre as ligações que nos prendem à Europa e ao mundo, mas também sobre as possibilidades encerradas pelo futuro.

Uma das marcas da identidade dos Gaiteiros e dessa abertura a um universo de possibilidades passa pela invenção de instrumentos, uma das receitas para o seu som original que marca tanto os espectáculos como a sua aplaudida discografia. De Invasões Bárbaras – o primeiro CD datado de 1994 – a Sátiro – o mais recente trabalho editado, já com meia dúzia de anos – vai a distância de um grupo que soube crescer, recolher aplausos em palcos nacionais, mas também noutros países da Europa.

Para 2012, os Gaiteiros de Lisboa preparam um novo trabalho discográfico que servirá de base ao seu regresso aos palcos.

«A modernidade passa muitas vezes por estas surpresas de ida e volta na máquina do tempo», escreveu João Govern a propósito de Invasões Bárbaras. Já o Público, pela mão de Fernando Magalhães, não hesitava em 1997 quando descrevia Boca do Inferno como o álbum português do ano. A mesma distinção que o então semanário Blitz também atribuiu a esse disco. Já sobre Macaréu, ainda nas páginas do Blitz, Gonçalo Frota escrevia que «até ao momento, os Gaiteiros revelam-se simplesmente incapazes de produzir outra coisa que não seja uma monumental obra-prima». Este

arrebatamento conseguiu sempre passar dos textos sobre os discos para as reportagens e crónicas devotadas aos concertos.

Os Gaiteiros de Lisboa não sabem de facto não ser brilhantes. E nesta história, os Gaiteiros foram ganhando aliados: trabalharam de perto com José Mário Branco, que chegou a integrar o grupo no início da sua carreira, abriram espectáculos para a Sétima Legião, contaram com colaborações de gente como Pacman dos Da Weasel ou Mafalda Arnauth nos seus discos, foram convidados de Sérgio Godinho ou das Vozes da Rádio e criaram uma efectiva ponte com Espanha, aproveitando a forte implantação das gaitas na Galiza para daí levarem a sua música a todo o país vizinho, incluindo uma triunfal apresentação na edição de Sevilha da importante mostra de músicas do mundo que é o Womex. Fizeram pontes com a Córsega, participaram num documentário sobre Giacometti...

Os Gaiteiros de Lisboa, enfim, têm-se afirmado como um tesouro vivo da nossa música, um dos mais sólidos valores da nossa identidade e modernidade.⁹⁹

Actividade: Teatro

Parceiro: GEFAC – Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra



⁹⁹ <http://www.culturgest.pt/arquivo/2012/03-13-gaiteiros.html> (último acesso a 03 de Setembro de 2014)

Local: Recinto da Feira de São Bernardo

Data: 22 de Agosto de 2015

Hora: 21h30H

Duração: 90min

Entrada: Livre

Destinatários: público em geral

Sinpse:

Minhas mãos molho

Minha cara lavo

Para fazer serviço a Deus

E arrenegar o Diabo.

As palavras são os gestos de uma cultura.

As noites de S. João Baptista estão envoltas em rituais, crenças e superstições, momentos em que o religioso e o pagão se cruzam numa entidade popular indefinível.

O mote foi a água. A partir dessa ideia voltamos atrás, tentámos reencontrar os segredos, as histórias que emanam da fonte e que correm até ao mar.

Este é um espectáculo circular tal como a água e a história de todos nós. Histórias que se contam no tampo de uma mesa, à luz tosca de uma lâmpada, desfiando os meandros de uma memória, que habita entre o real e fantástico.

Uma noite de S. João Baptista permaneceu na memória de um rapaz como um sonho. A passagem da idade adolescente para a idade adulta é motivo de festa comunitária. Assim, se cumpre a passagem de testemunho, as esperanças comuns, os direitos e os deveres, a herança e o devir dessa comunidade. Ele será a personificação do novo homem: sujeito ao tempo, reflexo do passado. Mas este novo homem é também o espelho de um novo ciclo, com os seus medos, os seus caprichos, as suas próprias esperanças, que passam muitas vezes pelo ficar ou pelo partir.

Tal como vida tem os seus ciclos, também este espectáculo é composto por esse eterno retorno onde tudo começa e tudo acaba, partindo da terra, que nos olha, e mergulhando no mar, que nos fecha os olhos.

"Tudo dura o que duram os reflexos agitados. Só este rio imenso segue o seu curso inalterável e incessante para aquele mar profundo." Raul Brandão, Os Pescadores¹⁰⁰

¹⁰⁰ http://www.gefac.pt/espectaculos/espectaculos_gerais_agua.htm (último acesso a 03 de Setembro de 2014)

PROGRAMAÇÃO SETEMBRO

Actividade: Exposição de Fotografia

Artista: Ana Pereira

Local: Sala de Exposições Temporárias (Adegas dos Vinhos Tintos)

Data: Sexta 04 de Setembro de 2015

Hora: 21h30

Duração: De 04 de Setembro a 30 de Setembro de 2015

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Actividade: Concerto de piano por António Pinho Vargas (**Ciclo de Piano José Eduardo Raposo Magalhães**)

Género Musical: Música Erudita



Local: Sala dos Tonéis

Data: Sábado 05 de Setembro de 2015

Hora: 21h30H

Duração: 80min

Entrada: 5€

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Compositor, músico, ensaísta. Licenciatura em História, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Curso Superior de Piano do Conservatório do Porto e Mestrado de Composição do Conservatório de Roterdão na Holanda. Professor de composição na Escola Superior de Música de Lisboa desde 1991 e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Completou o seu doutoramento em Sociologia da Cultura na Universidade de Coimbra em 2010.

Gravou 9 discos de jazz como pianista/compositor incluindo os dois CDs duplos Solo (2008) e Solo II (2009) em piano solo. Foram já editados 4 discos monográficos com algumas das suas obras. Compôs 4 óperas, 2 oratórias, 9 peças para orquestra, 8 obras para ensemble, 18 obras de câmara, 7 obras para solistas e música para 5 filmes.

Podem destacar-se as óperas Édipo, Tragédia de Saber (1996) Os Dias Levantados (1998) e Outro Fim (2008) os quartetos de cordas Monodia, quasi un Requiem (1993) e Movimentos do subsolo (2008), as obras para orquestra Acting Out (1998), A Impaciência de Mahler (2000), Graffiti [just forms] (2006), Six Portraits of Pain, para violoncelo solo e ensemble (2005) Um Discurso de Thomas Bernhard, para narrador e orquestra (2007) e a Suite para violoncelo solo (2008). Em 2011 estreou a obra sinfónica Onze Cartas para orquestra, três narradores (pré-gravados) e electrónica e, em 2012, o Quarteto de Cordas nº3, Ouvertures and Closures, para orquestra e Requiem para Coro e Orquestra encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian.

Publicou os livros Sobre Música: ensaios, textos e entrevistas (Afrontamento, 2002) e Cinco Conferências sobre a História da Música do Século XX (Culturgest, 2008) e, em 2011, o livro Música e Poder: para uma sociologia da ausência da música portuguesa no contexto europeu. (CES/Almedina).

Recebeu em 2012 o Prémio Universidade de Coimbra, pela sua contribuição para a música contemporânea portuguesa e o Prémio José Afonso pelo disco Solo II.

Hiperligações relevantes: <http://www.antoniopinhovargas.com>

Actividade: Lendas, Mitos e Contos Tradicionais Portugueses

Data: Sexta-feira, 11 de Setembro de 2015

Hora: 21h30H

Duração: 50min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Objectivos:

Divulgar a tradição oral de uma forma interactiva e fomentar o gosto pela sua leitura

Actividade: Enoturismo (Vindimas)

Local: Quinta dos capuchos

Data: Sábado 12 de Setembro de 2015

Hora: 10h00H

Duração: 12H

Entrada: 50€

Actividade: Encontros de Enólogos – Vinhos da Bairrada

Local: Adega dos Toneis

Data: 18 de Setembro de 2015

Hora: 18h00

Duração: 90min

Entrada: Livre

Destinatários: Público em geral

Sinopse:

Ponto de encontro de enólogos, enófilos, experts e apaixonados por vinhos. Acontece sempre na terceira sexta-feira do mês e traz a cada encontro uma região em destaque e novos temas relacionados com o encantador mundo dos vinhos. São regiões, catas, pequenos e grandes produtores tudo isso se transforma numa deliciosa assemblage para os descontraídos encontros. Além de degustar excelentes rótulos este encontro proporciona momentos agradáveis aos apreciadores desta fascinante bebida. Seguindo-se um jantar num dos restaurantes da Região com os Vinhos em destaque.

Actividade: Macadame (Ciclo Paixão Marques)

Género Musical: Música Tradicional Portuguesa



Local: Sala dos Tonéis

Data: Sábado 19 de Setembro de 2015

Hora: 21h30H

Duração: 80min

Entrada: 5€

Destinatários: Público em geral

Sinipse:

Haverá sempre um quando e um onde para começar um novo grupo: uma cidade, como Coimbra, um ano qualquer, como 2010 ou 2011, ou um encontro entre cinco pessoas e uma ambição comum.

Dos Macadame diremos que começaram onde começa uma mesa comprida de madeira, em horas e horas passadas a ouvir outra gente cantar, tocar, ouvir e contar a música que depois fizeram sua. Então, quatro rapazes e uma rapariga, de formações tão diferentes, acabaram por se encontrar no gosto pela música tradicional. Um gosto que cresceu até se transformar numa espécie de paixão inquebrantável, daquelas que nos revolvem os sentidos e nos fazem ver as coisas de que gostamos como ninguém as vê.

Talvez por isso mesmo pareça que os Macadame não procuram reinventar a música tradicional, prestar-lhe uma homenagem criativa, enérgica ou reverente. Parece, antes, que ao ouvi-los conseguimos ouvir a mesma música que nos é familiar, mas contada por quem adquiriu aquele jeito enlevado de a ouvir e mostrar: sem pó nem

maquilhagem, sem rugas nem artificios, sem mais do que o filtro fino da experiência de quem a ouve como a ouve, e assim mesmo a pretende partilhar.

Hiperligações relevantes: <https://osmacadame.bandpage.com>

III. Estudo comparativo de logótipos



MUSEU
ARTE
POPULAR

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA
MUSEU DO CHIADO



MUSEU NACIONAL
DE ARQUEOLOGIA



Museu Nacional de
ETNOLOGIA



CENTENÁRIO
MUSEU NACIONAL
DE MACHADO
DE CASTRO



MUSEU NACIONAL DE
SOARES DOS REIS



Museu Nacional dos Coches

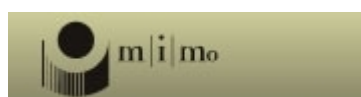
PALÁCIO
NACIONAL
DA AJUDA



museu bordalo pinheiro



museu da música





MUSEU DO
VINHO DO
PORTO



Museu do Vinho
MÁRIO DE PELLEGRIN



MUSEU
DO VINHO
R E D O N D O

B

CASA **BERNARDO**





MUSEU DE ARTE DO RIO

mam



MUSEU
de HISTÓRIA NATURAL
SINTRA



museu da
electricidade





MUSEU DA CIÊNCIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA





IV. Esquema gráfico de construção da ideia para o logótipo do museu



V. Desenvolvimento do logótipo

De baixo para cima, verificamos a evolução do pensamento que levou até ao protótipo final.



VI. Testes de *lettering* para o logótipo





VII. Versão final do logótipo



MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA



MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

VIII. Criação da imagem secundária do museu



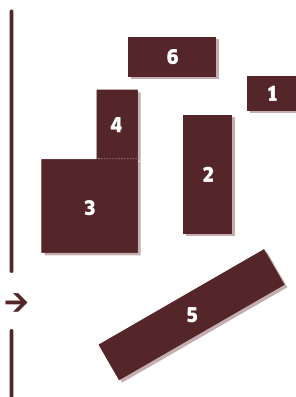
IX. Versão final da imagem secundária do museu em vários fundos



X. Exemplo de aplicação da imagem secundária em *mupis*



XI. Desdobrável de comunicação do Museu



- 1- Recepção | Loja
Gab. Museologia | Centro de Documentação
- 2- Adega dos Balseiros
- 3- Adega dos Depósitos
- 4- Adega dos Tonéis
- 5- Taberna e Oficinas
- 6- Destilataria



CONTACTOS
Rua do Olival Fechado
2460-059 Alcobaca
Tlf.: 00351 968 497 832
E-mail: museudovinho@cm-alcobaca.pt
www.alcobaca.pt
www.facebook.com/MuseudoVinhodeAlcobaca

HORÁRIO FIXO DE VISITA
Terça-feira a Domingo
Manhã: 11h00
Tarde: 15h00

VISITAS POR GRUPOS ORGANIZADOS E ESCOLAS
(marcação prévia)
Terça-feira a Sexta-feira:
9h30 às 11h30 | 14h00 às 17h00
Sábados, Domingos e feriados:
10h00 às 12h30 | 13h30 às 16h00

BILHETES
Bilhete geral: 2.5€
Entrada livre:

- crianças até aos 12 anos (quando acompanhadas por adultos), estudantes, maiores de 65 anos;
- grupos escolares (mediante marcação prévia);
- membros da APDM, ICOM, ICOMUS, IVV, AMPV, CMA;
- Domingos: 11h00.

GABINETE DE MUSEOLOGIA
Segunda a Sexta
9h00 às 12h30 | 13h30 às 18h00

COMO CHEGAR
Acede-se ao Museu por auto-estrada: a partir de Lisboa ou Leiria - A8 até à indicação de saída para Alcobaca/Nazaré /Valado dos Frades, depois pela Estrada Nacional 9-5 em direcção a Alcobaca. É possível também chegar a Alcobaca via A1 (saída de Leiria, para quem vem do Norte, e Aveiras, para quem vem do Sul) e/ou IC2 e ainda pelo IC9 na saída Alcobaca.
Coordenadas: Latitude: 39° 32' 53" N ; Longitude: 8° 57' 57" W



O Museu do Vinho de Alcobaca é uma jóia da produção vitivinícola nacional. Instalado na antiga adega que, em 1874, José Eduardo Raposo de Magalhães mandou edificar para aí implementar e desenvolver a viticultura da região, o imóvel que alberga o museu representa, em si mesmo, um legado arquitectónico da maior importância no contexto da história da tecnologia e industrial do vinho. Alcobacense ilustre, foi na sua dedicação à agricultura que José Eduardo Raposo de Magalhães deu alto renome à sua terra, sendo responsável maior pelo desenvolvimento da vitivinicultura local, aplicando na construção da sua adega, a tecnologia mais avançada do seu tempo, patente ainda hoje na qualidade dos materiais, na racionalidade dos espaços ou nas condições de higiene preconizadas. Adega para tintos, adegas para brancos, assistidas por um esmagador-desengaçador, prensas móveis de cinchos, o complexo edificado reflecte nas suas linhas funcionais uma feição tecnológica agrária de ponta. Do legado museológico, transparece hoje uma memória bem preservada da modernização operada em 1948, quando da aquisição do complexo imóvel pela Junta Nacional do Vinho (JNV) aos

herdeiros de José Eduardo Raposo de Magalhães, sendo deste período a transformação do espaço de adega em depósitos industriais verticais de vinhos brancos e tintos, segundo o modelo de Abel Pereira da Fonseca. Em 1968, decorrente do encerramento de alguns dos armazéns da JNV, foi dado início à recolha de material vinico disperso nas suas várias delegações. Desta acção, resultou a incorporação de um conjunto de colecções de grande valor histórico e patrimonial que pela acção engenhosa e tenacidade colecionista do delegado da JNV em Leiria, Manuel Augusto Paixão Marques, viria a resultar no mais completo museu do vinho do país/português/nacional.



Gosta de Videira Portuguesa do Alfredo Roque Carneiro

COLEÇÕES

O espólio do museu conta com um importante acervo com mais de 8500 peças móveis preenchendo um universo eclético cujas tipologias contemplam a enologia, a etnologia, a tecnologia tradicional, a arqueologia industrial e as artes gráficas, plásticas e decorativas. Um vasto conjunto integrado dentro do conceito da exposição temática e da musealização de sítio contextualizando a viticultura e a viticultura (em diferentes momentos históricos), as indústrias correlativas (tanoaria, engarrafamento, vidro de embalagem), armazenamento, distribuição ou o consumo do vinho. O espólio reflecte ainda uma dimensão nacional, única no País, que reporta à memória da antiga Junta Nacional do Vinho e do actual Instituto do Vinho e da Vinha. Enriquecida durante as décadas de 70, 80 e 90 (século XX) pela personalidade colecionista e obreira do Eng.º Paixão Marques (delegado regional da JNV/IVV), o acervo museológico abrange aspectos significativos da cultura material do vinho de inquestionável valor histórico, científico, industrial e etnográfico que vão do século XVII ao advento do século XXI.

XII. Bilhetes do museu



MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

PREÇO: 2.5€
IVA INCLUIDO A TAXA EM VIGOR

N.º 000

MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

Rua do Olival Fechado
2460-059 Alcobaça

Telefone 262 582 750 (Associação Cooperativa de Alcobaça)
E-mail: museudovinho@cm-alcobaca.pt

www.facebook.com/MuseudoVinhodeAlcobaca
www.alcobaca.pt

MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA
[um museu em **maturação**]

ALCOBAÇA Associação de Alcobaça Coop. Associação de Alcobaça

N.º 000 PREÇO: 2.5€
IVA INCLUIDO A TAXA EM VIGOR



MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

ENTRADA LIVRE

N.º 000

MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

Rua do Olival Fechado
2460-059 Alcobaça

Telefone 262 582 750 (Associação Cooperativa de Alcobaça)
E-mail: museudovinho@cm-alcobaca.pt

www.facebook.com/MuseudoVinhodeAlcobaca
www.alcobaca.pt

MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA
[um museu em **maturação**]

ALCOBAÇA Associação de Alcobaça Coop. Associação de Alcobaça

N.º 000 ENTRADA LIVRE

XIII. Inquérito ao turista que visita Alcobça

INQUÉRITO AO TURISTA QUE VISITA ALCOBAÇA

MUSEU DO VINHO DE ALCOBACA 2013

O presente questionário procura contribuir para a avaliação da tipologia, da aferição turística e da qualidade e eficiência dos serviços prestados ao turista de visita ao centro urbano de Alcobça. Solicitamos que participe, agradecendo desde já a sua colaboração.

Identificação Pessoal

Sexo: M (1) F (2)

Idade: 15-24 (1) 25-34 (2) 35-44 (3) 45-54 (4) >55 (5)

Proveniência / Local: _____ **Profissão:** _____

Escolaridade Obrigatória (1). Ensino Secundário (2). Bacharelato (3). Politécnico (4). Licenciatura (5). Outra _____ (6)

Tempo de Estadia

Indique o tempo de estadia:

Um Dia (1). Uma Semana (2). Duas Semanas (3). Um Mês (4). Em trânsito (5).

Razão da visita a Alcobça?

Património Monumental (1). Património Museológico (2). Património Natural (3)

Património Religioso (4). Gastronomia (5). Espectáculos (6). Sol/Mar (7).

Negócios (8). Desporto (9). Saúde e Bem-Estar (10).

Circuito:

De onde vem? _____ Para onde vai? _____ Sem circuito

Qualidade dos Serviços utilizados

Horários: Não Satisfaz (1). Satisfaz (2). Satisfaz Plenamente (3)

Atendimento: Não Satisfaz (1). Satisfaz (2). Satisfaz Plenamente (3)

Alojamento (1). Satisfaz (2). Satisfaz Plenamente (3)

Equipamentos: Não Satisfazem (1) Satisfazem (2) Satisfazem Plenamente (3)

Oferta Cultural: Não Satisfazem (1) Satisfazem (2) Satisfazem Plenamente (3)

Comentário

Um comentário que o suscite fazer:

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

Data: / /

XIV. Resultados do Inquérito ao turista de Alcobaça

INQUÉRITO AO TURISTA DE ALCOBAÇA RESULTADOS BRUTOS PRELIMINARES: SETEMBRO – DEZEMBRO 2013

COORDENAÇÃO & INVESTIGAÇÃO:

ALBERTO GUERREIRO [MUSEÓLOGO]

CONSULTORIA TÉCNICA-CIENTÍFICA

MILTON DIAS [SOCÍLOGO]

APOIO TÉCNICO:

EMANUELA BENTO [TÉCNICA SUPERIOR DE GESTÃO EM TURISMO CULTURAL, ESTAGIÁRIA]

MARTA MARTINS [TÉCNICA SUPERIOR DE TURISMO, ESTAGIÁRIA]

NÁDIA MACATRÃO [TÉCNICA DE TURISMO, ESTAGIÁRIA]

PRODUÇÃO:

UNIDADE DE TURISMO, CULTURA E DESPORTO

PELOURO DA CULTURA

MUNICÍPIO DE ALCOBAÇA

MARÇO 2014



INTRODUÇÃO

Um dos problemas recorrentes no que toca a gestão cultural e turística local relaciona-se com a dificuldade de uma identificação mais concreta da realidade do terreno (social) onde a acção dos projectos em que estão envolvidos se vai repercutir. Denotava-se a inexistência de um instrumento operacional que informasse, tanto a nível quantitativo como qualitativo, de forma fidedigna e actualizada, sobre a caracterização real da fruição cultural e turística de Alcobaça. Não somente em relação à dimensão da incidência dessa afluência (número de consumidores/utentes culturais e turísticos) como igualmente quanto às variáveis ligadas a esses mesmos fluxos (registo das analogias e diferenças do consumo cultural e turístico).

Neste sentido, foi implementado um dispositivo de diagnóstico da realidade cultural e turística de Alcobaça. Este dispositivo tem como principal objectivo, a implementação de um observatório das actividades culturais e turísticas de Alcobaça suportando uma base de dados actualizada informando acerca da quantidade, qualidade e tipologias da fruição cultural e turística da região. O método seguido foi o da aplicação de um inquérito simples e generalizado às entidades que prestem serviços nesta área ou afins, cuja execução se tem vindo a desenvolver, de forma contínua, desde Setembro de 2013. Esta acção que teve a concepção, coordenação e gestão do técnico superior de museologia, conta com o apoio técnico de um grupo de estagiários em Gestão Turística e Cultural, afectos à autarquia pela via dos museus: Emanuela Bento e Nádia Macatrão do Museu Raul da Bernarda e Marta Martins do Museu do Vinho de Alcobaça. É de mencionar ainda que esta iniciativa tem o apoio especializado na área da sociologia do sociólogo da autarquia (Dr. Milton Dias) no que toca aos métodos e técnicas de organização dos instrumentos de recolha (questionário) e de análise (tabelas).

É de lembrar que, esta é uma acção pioneira localmente o que a torna de alta relevância. Na verdade, até este diagnóstico ser implementado nunca tinha sido possível desenvolver uma análise social do turismo local com esta abrangência e especificidade comportando um espectro temporal de longa duração (anual: Setembro de 2013 a Setembro de 2014), uma sistematização actualizada e periódica (análises mensais e segmentadas por temáticas de observação) e com uma amplitude suficientemente heterogénea (várias tipologias e especialidades em análise) potenciando resultados mais próximos da diversidade e mobilidade da realidade da fruição cultural e turística de Alcobaça.

Nesta perspectiva, a realidade observável não somente incidiu nos serviços autárquicos (equipamentos culturais, posto de turismo) mas antes englobou, um conjunto multifacetado de agentes a operar no concelho fora da gestão camarária: equipamentos culturais (museus, monumentos e afins); operadores hoteleiros locais (hotéis) e o comércio tradicional e de proximidade (lojas e restauração). Por uma estratégia de exequibilidade, optou-se por neste primeira fase, fazer incidir o inquérito numa delimitação territorial de maior incidência turística e hoteleira: centro histórico da cidade de Alcobaça e de São Martinho do Porto. Foram contudo, introduzidas três excepções, duas porque estão instalados espaços hoteleiros importantes e uma porque se situa um monumento de relevância turística: Vestiaria (Your Hotel & SPA), Capuchos (Hotel Real Abadia Congress & SPA) e Cós (Mosteiro de Cós).

Ficou nesta primeira fase (2013), a faltar a inclusão no observatório turístico do mais importante monumento de Alcobaça (Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, Património da Humanidade). Esta foi uma decisão determinada, pela própria posição da direcção do monumento que solicitou que o mesmo só fosse implementado no local após concluído o processo do concurso interno para director. Uma vez ultrapassado este constrangimento burocrático, dado já haver despacho positivo do actual director (Doutor Jorge Pereira Sampaio), a sua aplicação deverá ser iniciada regularmente em 2014.

RESULTADOS BRUTOS PRELIMINARES: 1.ª FASE [SETEMBRO – DEZEMBRO 2013]

É possível neste momento, após concluída a fase inicial de observação (Setembro 2013 a Março 2014), apresentar já as primeiras conclusões do inquérito aplicado ao turista de Alcobaça. A amostra representa **643 inquéritos** obtidos junto de doze (12) pontos de recolha: 2 postos de turismo (Alcobaça e São Martinho do Porto), 2 museus

(Museu do Vinho de Alcobça e Museu Raul da Bernarda), 5 unidades hoteleiras (Hotel Santa Maria, Hotel D. Inês, Your Hotel & SPA, Hotel Real Abadia Congress & SPA e Challet Fonte Nova), 1 monumento (Mosteiro de Cós), 2 espaços de restauração (Café Estremadura e Restaurante António Padeiro).

Quadro I

	Numérico	Percentual
Local	8	1.24%
Nacional	224	34.83%
Estrangeiro	380	59.00%
N/ respondido	31	4.89%
Total de inquéritos respondidos desde Setembro de 2013 a Março de 2014	643	100,00%

Quadro II

Total de inquéritos preenchidos por cada local

Posto de Turismo	90
Mosteiro de Cós	2
Museu Raul da Bernarda	27
Museu do Vinho	50
Challet Fonte Nova	26
Your Hotel and Spa	48
Hotel Real Abadia	49
Hotel D. Inês de Castro	267
Hotel Santa Maria	42
Restaurante António Padeiro	23
Restaurante Estremadura	10

O inquérito foi aplicado em quatro idiomas na tentativa de corresponder aos contextos linguísticos que mais abrangem os perfis turísticos de Alcobaça: português, espanhol, francês e inglês (**Ver Anexo**). O questionário aplicado é composto por cinco secções de respostas fechadas (1.ª vez que visita Alcobaça?; identificação pessoal; tempo de estadia; motivo da visita e avaliação da oferta turística e cultural) e uma secção de campo livre (comentário do inquirido). É de referir que as primeiras cinco secções estão entretanto sujeitas a variáveis de complemento do perfil do turista, das suas motivações e avaliação que realizam da qualidade e oferta turística. Naturalmente, como o quadro I e gráfico I demonstram, a maior frequência posiciona-se fora do contexto local mas ganha relevo uma ligeira imposição do contingente estrangeiro (59.00%) em relação ao nacional (34.83%). Contudo, no que toca à nacionalidade (gráfico II), unindo a dimensão local à nacional, a portuguesa ganha um destaque (27.8%) em relação à espanhola (27.00%), francesa (9.79%), inglesa (4.66%), alemã, belga e canadiana (1.08%), holandesa e norueguesa (0.31%) e mexicana, japonesa, polaca, suíça, italiana, argentina e americana (015%). Há a considerar, no entanto, a percentagem das não respostas à identificação da nacionalidade (4.89%).

Gráfico I

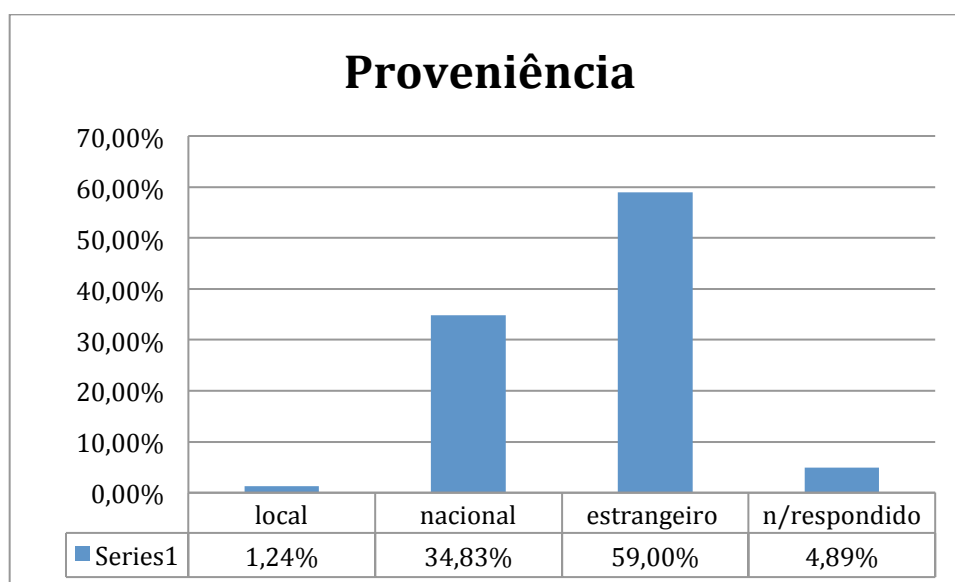
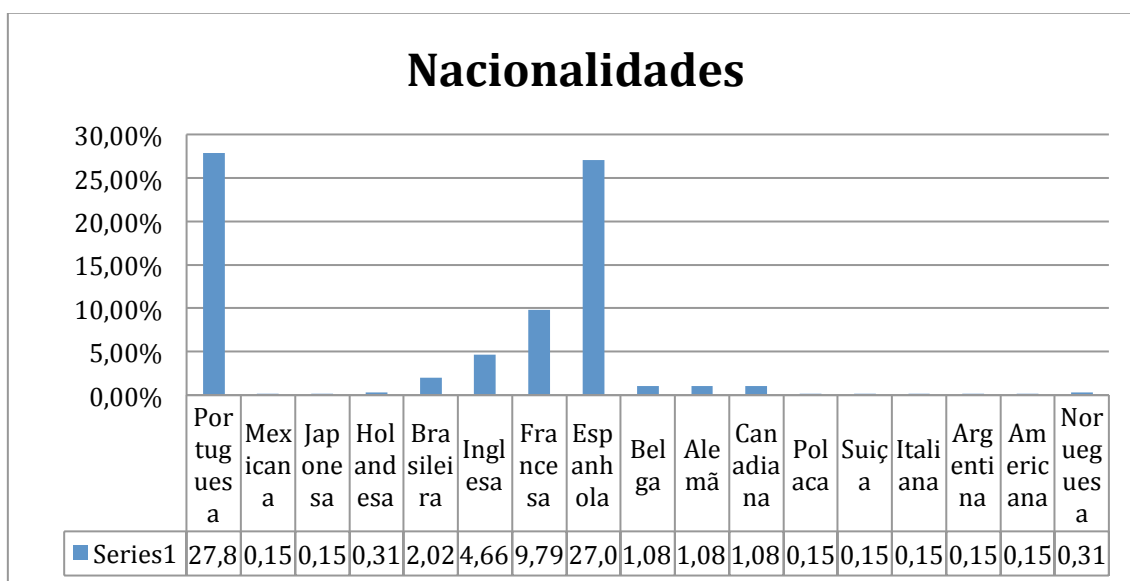
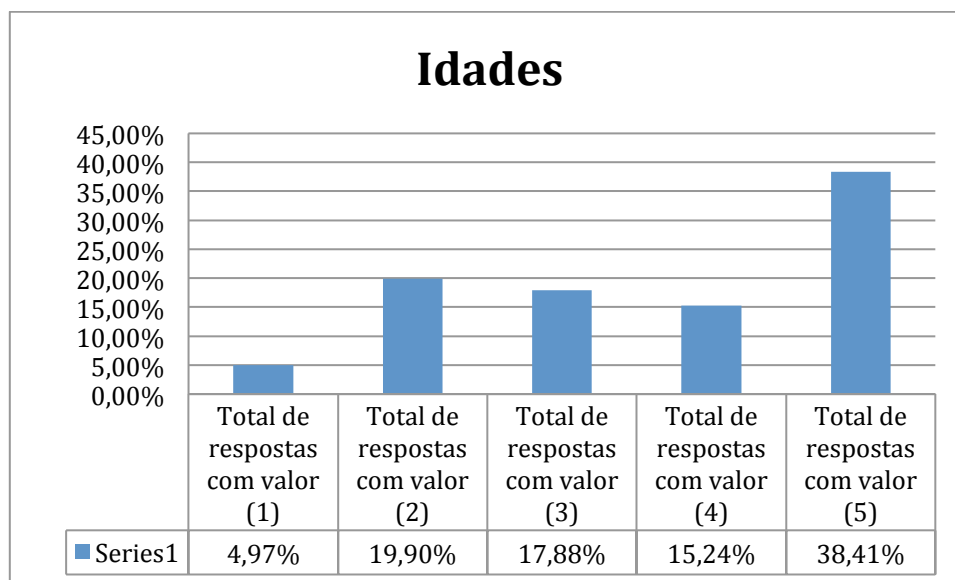


Gráfico II



A tendência do turista de Alcobaça é, sobretudo idosa, quando confrontados com os dados da variante da idade dos inquiridos (gráfico III): 38.41% têm idade superior a 55 anos. Ainda assim ganha peso singular o turista mais jovem, com uma percentagem de 19.90% (dos 25-34 anos).

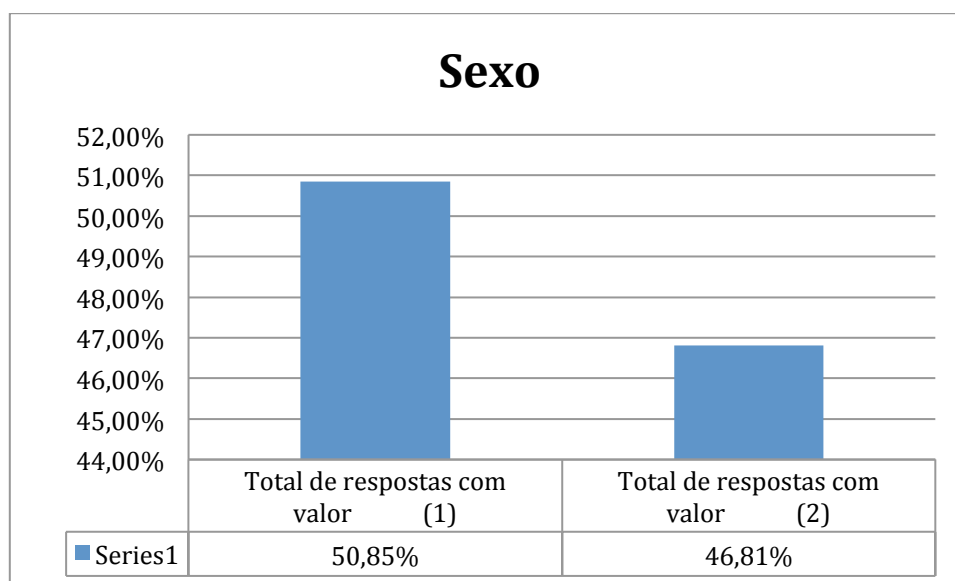
Gráfico III



Valor 1: 15-24 anos | Valor 2: 25-34 anos | Valor 3: 35-44 anos | Valor 4: 45-54 | Valor 5: >55

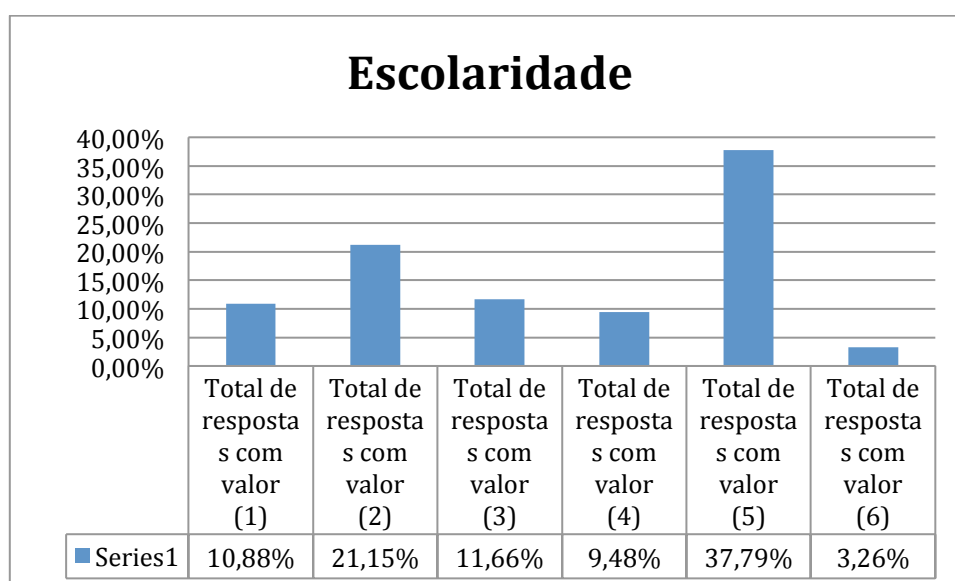
Já em relação ao género (gráfico IV), verifica-se um ligeiro predomínio do turista masculino, não obstante a superior escala demográfica feminina. Este dado revela, igualmente, uma tendência para casais, uma ocorrência constatada na observação *in loco* nos locais de recolha de inquéritos.

Gráfico IV



Valor 1: masculino | Valor 2: feminino

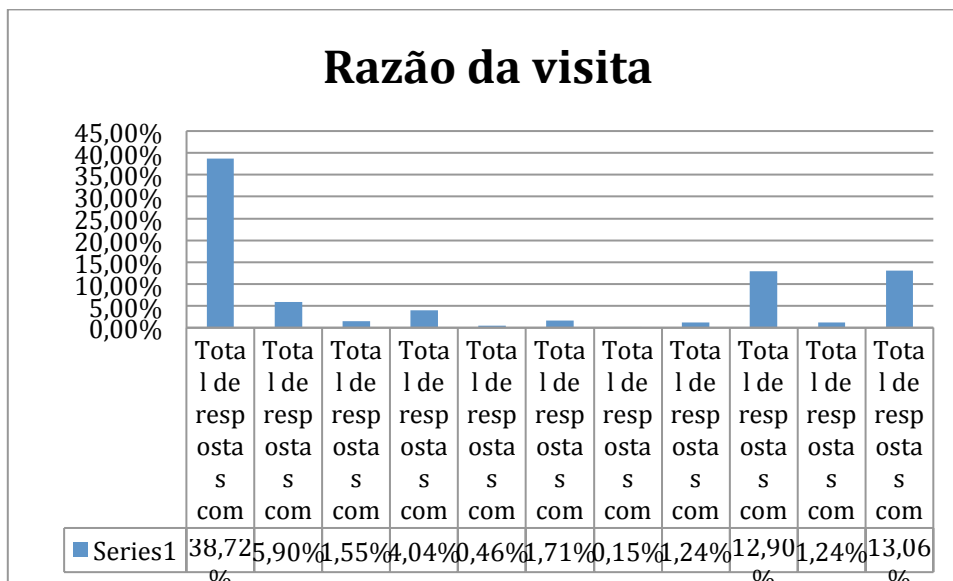
Gráfico V



Valor 1: escolaridade obrigatória | Valor 2: ensino secundário |
 Valor 3: bacharelato | Valor 4: politécnico | Valor 5: licenciatura | Valor 6: outro

Um dos dados significativos é apontado ao nível escolar do turista (gráfico V), que no caso de Alcobça ganha destaque substancial a percentagem de visitantes com licenciatura (universidade e politécnico) com 37.79%. Este valor, aponta para um perfil de turista qualificado no que toca à escolaridade cuja tendência se coaduna com um destino com forte valor histórico e patrimonial como Alcobça. Este dado é confirmado na amostra da motivação da visita (gráfico VI) em que o património monumental ganha uma exponencial incidência nas respostas: 38.7%. Obviamente aqui sobressai o efeito Património da Humanidade do Mosteiro de Alcobça, revelando-se como principal potenciador turístico – cultural.

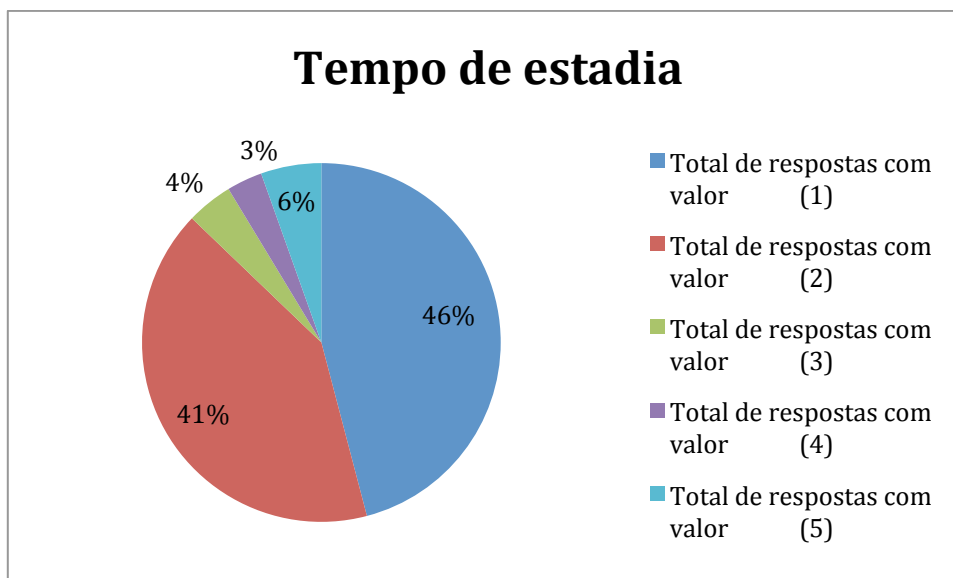
Gráfico VI



Valor 1: património monumental | Valor 2: património museológico | Valor 3: património natural
 Valor 4: património religioso | Valor 5: parque temático | Valor 6: gastronomia | Valor 7: espectáculos
 Valor 8: sol e mar | Valor 9: negócios /trabalho | Valor 10: desporto Valor 11: saúde e bem-estar

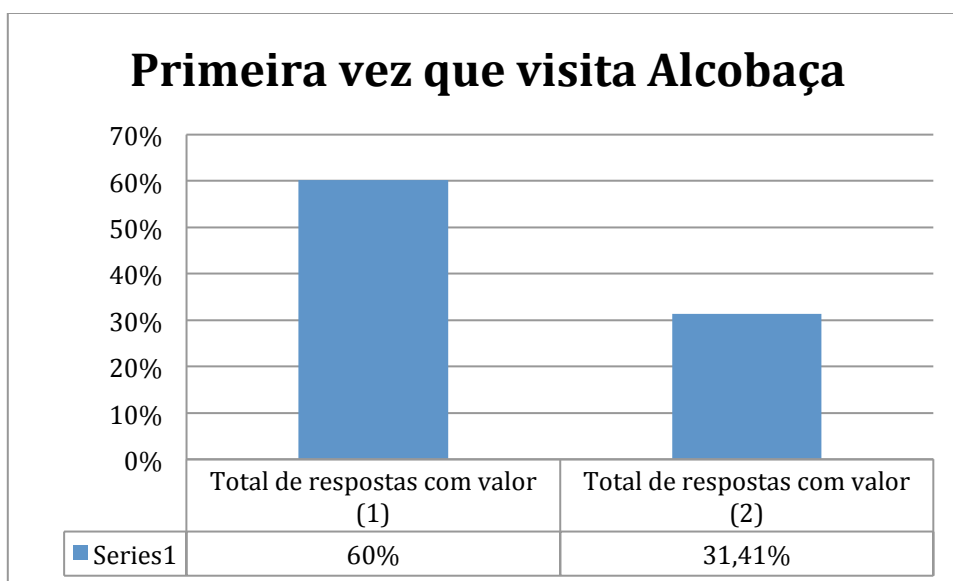
Não deixa de ser interessante, a posição da resposta que aponta para os negócios e trabalhos como razão da visita ao território alcobacense (12.9%). Existe assim, um importante índice na presente amostra de inquiridos que aliam o negócio/trabalho à fruição turística, revelando que Alcobaca ainda se posiciona como um território empreendedor ao mesmo tempo que atractivo para visitar. Por um lado, quem vem em negócio não perde a oportunidade para desfrutar da oferta turística da cidade e do território (amostra colhida junto dos museus e monumento) e, por outro, muitos dos alojamentos têm na verdade um intuito comercial ou empresarial (amostra colhida nas unidades hoteleiras). Curiosa é, igualmente, a incidência das respostas que apontam a saúde e o bem-estar como verdadeira motivação da visita a Alcobaca (13%). Este valor, tem naturalmente correspondência directa com a quantidade de SPA's inclusos no diagnóstico estatístico (3: Your Hotel & SPA, Hotel Real Abadia Congress & SPA e Challet Fonte Nova), revelando em si uma relativa tendência para o turismo terapêutico que no caso de Alcobaca tem uma tradição histórica que remonta à memória das Termas da Piedade (hoje Your Hotel & SPA). Um dado que vem confirmar a incidência no tempo de estadia (gráfico VII) a maioria dos turistas permanecem entre + 1 dia a 1 semana.

Gráfico VII



Valor 1: 1 dia | Valor 2: 1 semana | Valor 3: 2 semanas | Valor 4: 1 mês | Valor 5: em trânsito

Gráfico VIII



Valor 1: Sim | Valor 2: Não

É sabido que a grande maioria dos turistas inquiridos não permanecem mais do que 1 dia (46%), ao qual deve ainda ser acrescentado o valor do turista em trânsito que não chega a pernoitar em Alcobaça (6%). Este dado é corroborado pelo índice de inquiridos que responderam que visitavam Alcobaça pela primeira vez (gráfico VIII): 60%. Esta constatação confirma a percepção sentida antes do inquérito, bem como os dados conhecidos para a região Oeste. Inverter esta tendência é um dos grandes desafios da política municipal para o turismo local. Um desafio que o diagnóstico revelado pelo presente inquérito poderá ajudar a conquistar a partir do conhecimento do perfil, motivações e avaliações que o turista inquirido formula e que, em instancia primeira, potencia estratégias futuras ao desenvolvimento deste sector em Alcobaça.

Concluindo, este instrumento operacional revelou-se já francamente benéfico uma vez que permitiu, apesar de ainda inicialmente, uma avaliação mais eficiente potenciando o reforço das actividades e projectos de sucesso em curso como igualmente co-substanciando o estabelecimento de novas políticas e estratégias, seja em zonas de intervenção por implementar (criação de novos produtos ou novas zonas de influência turística) ou ainda em que os projectos já implementados demonstrem um desempenho menos favorável (equipamentos culturais ou zonas turísticas com dificuldades de se imporem no mercado turístico). Passa ainda a ser um instrumento proveitoso, por exemplo, à instrução de processos de candidaturas a programas de financiamento nacionais ou europeus (QREN).

Alcobaça
29 de Abril 2014

XV. Cartaz do dia Internacional dos Monumentos e Sítios (18 de Abril de 2013)



***ALTERAÇÃO DO LOCAL**

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO
MUSEU DO VINHO
DE ALCOBAÇA

18 ABRIL 2013 - 17H30

AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA
MUNICIPAL DE ALCOBAÇA*

Moderador: Rui Rasquilho

Paulo Inácio | Orientações político-estratégicas do Museu do Vinho

Rui Rasquilho | Enquadramento local e regional

Jorge Custódio | Enquadramento do projeto científico do Museu do Vinho

Alberto Guerreiro | Desenvolvimento técnico-científico da programação e gestão museológica

António Maduro | Investigação vitivinícola na região cisterciense

Carlos Gil Moreira | Ações de identificação e intervenção arquitetónica

António Caetano | Ligação da Adega Cooperativa de Alcobaca ao Museu do Vinho

Manuel Castelhana | Ligação do sector agrícola ao Museu do Vinho de Alcobaca

No final haverá degustação de vinhos da Adega Cooperativa de Alcobaca

SESSÃO INTEGRADA NO DIA INTERNACIONAL DOS MONUMENTOS E SÍTIOS



XVI. Cartaz do dia Internacional dos Museus (18 de Maio de 2013)



Auditório da Biblioteca Municipal de Alcobaca

11h00: Colóquio

Abertura - Paulo Inácio Presidente da CMA

Luis Raposo

Presidente da Comité Nacional do Conselho Internacional de Museus (ICOM)

Eduardo Cordeiro Gonçalves

Professor Universitário - Investigador do Instituto Superior da Maia

Henrique Coutinho Gouveia

Professor Universitário - Investigador da Universidade de Évora/Universidade de Cabo Verde

Museu do Vinho

13h00: Almoço-convívio*

Churrasco - com fruta e vinho da região

* Inscrições prévias €6 p/pessoa:

Adega Cooperativa de Alcobaca
(Fernanda Amaral - T. 262 598 620 / 262 582 750)
e-mail: acalcobaca@sapo.pt

15h00: Visita comentada ao Museu

"Passado, Presente e Futuro"

Alberto Guerreiro

Museólogo da CMA/CIMVA

www.alcobaca.pt



ALCOBAÇA
CÂMARA MUNICIPAL

XVII. Cartazes da abertura oficialmente e regular do Museu (28 de Junho de 2013)



MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

um museu em [re]construção

MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

ABERTO A PARTIR DE

28 JUNHO 2013

PROGRAMA

11H00 ABERTURA E VISITA GUIADA

15H00 VISITA GUIADA

16H30 LANÇAMENTO DA NOVA IMAGEM E DOS NOVOS
VINHOS DA ADEGA COOPERATIVA DE ALCOBAÇA
E PROVA DE VINHOS ADEGA DOS TONÉIS

Rua do Olival Fechado, 2460-059 Alcobaca
Tlf: 262 582 750 (Adega Cooperativa de Alcobaca)
E-mail: museudovinho@cm-alcobaca.pt
Horário fixo de visita: 3ª a Domingo - 10h e 15h
www.alcobaca.pt | www.facebook.com/MuseudoVinhodeAlcobaca



MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

ABERTO A PARTIR DE

28 JUNHO 2013

PROGRAMA

11H00

ABERTURA E VISITA GUIADA

15H00

VISITA GUIADA

16H30

**LANÇAMENTO DA NOVA IMAGEM E DOS NOVOS
VINHOS DA ADEGA COOPERATIVA DE ALCOBAÇA
E PROVA DE VINHOS ADEGA DOS TONÉIS**

ENTRADA LIVRE NO DIA DE ABERTURA

Rua do Olival Fechado, 2460-059 Alcobaca

Tlf.: 262 582 750 (Adega Cooperativa de Alcobaca)

E-mail: museudovinho@cm-alcobaca.pt

Horário fixo de visita: 3ª a Domingo - 10h e 15h

www.alcobaca.pt

www.facebook.com/MuseudoVinhodeAlcobaca



MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA



um museu em [re]construção

XVIII. Cartaz do evento Vinhos de Cister 2013 - Dos Coutos de Alcobaca ao século XXI

VINHOS DE CISTER

“DOS COUTOS DE ALCOBAÇA
AO SÉCULO XXI” 2013

MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

9h30-13h: Colóquio*

15h-18h: Visita às vinhas da região*

17h-18h: Show Cooking: vinhos, cozinha e mesa*

18h30: Prova de Vinhos

CELEIRO - MOSTEIRO DE ALCOBAÇA

22h: Cistermúsica - Arcadia Quartet Quarteto de cordas - Roménia

CONFLUÊNCIA DOS RIOS ALCOA E BAÇA - JARDIM DA BIBLIOTECA

23h: Wine Party

20 JULHO · ALCOBAÇA

*Inscrição prévia gratuita: vinhosdecister@cm-alcobaca.pt | www.alcobaca.pt



O CICLO DE BACO

PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES ITINERANTES
DO MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

15 A 30 JULHO 2013



"O Ciclo de Baco: da Vinha ao Vinho"
Biblioteca Municipal de Alcobça

"As Designações de Origem através dos Rótulos"
Cine-Teatro de Alcobça - João d'Oliveira Monteiro

"As Castas Portuguesas e seus Aromas"
Museu do Vinho de Alcobça

co-produção



Documentação

Código Deontológico da Associação Portuguesa de Gestores do Património Cultural
<http://www.museusportugal.org/apgpc/>

Declaração da Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972

Texto de apresentação do Armazém das Artes, 2007
<http://www.armazemdasartes.pt/pt/apresentacao>

Instituto Nacional de Estatística, Censos 2011

Lei-Quadro dos Museus Portugueses
http://www.imcip.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao_Relevante/lei_dos_museus.pdf

<http://www.infovini.com/pagina.php?codNode=18100>

<http://www.vinhoverde.pt/pt/vinhoverde/tecnologia/vinificacao.asp>

<http://cct.portodigital.pt/gen.pl?p=vinhos&op=dasvasaovinho:vinificacao&sid=cct.sections/19>

IVV, textos de apoio sobre o MVA
<http://www.ivv.min-agricultura.pt>

Texto Informativo sobre a Quinta do Capuchos, Alcobaça
<http://www.quintadoscapuchos.pt/Quem%20Somos/quemsomos.html>

PINTO, António Cerveira; *Museu de Arte Contemporânea ou do Modernismo? / Museu do Chiado 2.0 ou...*
<http://chroma-kai-symmetria.blogspot.pt>

ICOM; Código Deontológico do ICOM para Museus; Coreia do Sul, 8 de Outubro de 2004
http://www.icom-portugal.org/multimedia/CodigoICOM_PT%202009.pdf

Registos estatísticos do museu 2013

Inventário do museu

Bibliografia

BARBOSA, Pedro Gomes; MOREIRA, Maria da Luz; OLIVEIRA, Seiva Sagrada – *A Agricultura na região de Alcobaça, Notas Históricas*, AARG, APFRA, Alcobaça, 2006,

GERREIRO, Alberto; *Dinâmica(s) de Programação e Gestão do Património Industrial Musealizado em Alcobaça: Exemplos Indutores de Referência e de Renovação*; RIHP: Actas - Encontro Anual da Rede Industria, História, Património.

JORGE, Susana Oliveira; *Conservar para quê?*; Porto; FLUP; 2005

MADURO, António; *José Eduardo Raposo de Magalhães, Lavrador – Político, Filantropo*, Biografias Estremenhas 1, CEPAE, Novembro 2012

MARQUES, Maria Zulmira Albuquerque Furtado; *Por Terras dos Coutos de Alcobaça-História, Arte e Tradição*; Tipografia Alcobacense, Alcobaça; 1994

MENDES, José Maria Amado; *Museus e Educação. Estudos, Humanidades, Colecção Estudos do Património*, 2ª Edição; Coimbra; Imprensa da Universidade de Coimbra; 2013

NATIVIDADE, Joaquim Vieira, *Obras Várias Vol. I*, Alcobaça

PEREIRA, Maria da Conceição Freire de Brito, *Acção e Património da Junta Nacional do Vinho (1937-1986)*, Universidade Aberta, Lisboa, 2007

ROQUE, Maria Isabel Roque; *A comunicação no Museu*; Universidade Lusíada de Lisboa; Lisboa; 1990

ROMÃO, Maria Luísa Gaspar; *O Museu do Vinho de Alcobaça: Uma Referência no quadro das instituições museológicas da Vinha e do Vinho*; (tese de Mestrado em Museologia e Património, 2009

SOUZA, José Pedro de Saldanha Oliveira e; *Coutos de Alcobaça: As cartas de povoação*; Lisboa, 1929

Índice de Ilustrações

Figura 1 – Simulação tridimensional do Museu do Vinho de Alcobaça pelo Arq. João Evangelista	26
Figura 2 – Tabela comparativa entre Museus	35
Figura 3 - Imagem da fachada do Museu do Vinho de Alcobaça	52

Índice de Anexos

I. Quadro com os valores de produção das freguesias de Alcobaça nos anos de 1916 a 1920 (retirado da obra Obras Várias Vol. I de Joaquim Vieira Natividade)	63
II. Proposta de programação para o Museu do Vinho de Alcobaça (Abril a Setembro de 2015)	64
III. Estudo comparativo de logótipos	121
IV. Esquema gráfico de construção da ideia para o logótipo do museu	131
V. Desenvolvimento do logótipo	132
VI. Testes de <i>lettering</i> para o logótipo	133
VII. Versão final do logótipo	135
VIII. Criação da imagem secundária	136
IX. Versão final da imagem secundária do museu em vários fundos	137
X. Exemplos da aplicação da imagem secundária em <i>mupis</i>	138
XI. Desdobrável de comunicação do museu	139
XII. Bilhetes do museu	140
XIII. Inquérito ao turista que visita Alcobaça	141

XIV. Resultados do Inquérito ao turista de Alcobaça	142
XV. Cartaz do dia Internacional dos Monumentos e Sítios (18 de Abril de 2013)	151
XVI. Cartaz do dia Internacional dos Museus (18 de Maio de 2013)	152
XVII. Cartazes da abertura oficialmente e regular do Museu (28 de Junho de 2013)	153
XVIII. Cartaz do evento Vinhos de Cister 2013 - <i>Dos Coutos de Alcobaça ao século XXI</i>	155
XIX. Cartaz do Ciclo de Baco – Programa expositivo do museu	156